REVISTA
DO
BRASIL

SUMMARIO

F. J. Oliveira Vianna	As pequenas communidades mineiras	219
Alberto Faria	Magia sympathica	234
Antonio Salles	Alguns autographos	242
Firmino Costa	Vocabulario analogico	250
V. da Silva Freire	Guerra e alimentação nacional	259
Mario Sette	Clarinha das rendas (novella)	286
F. Badaró	Os inimigos da caça	296
V. Mello Franco	Almas itinerantes	302
Godofredo Rangel	O destacamento (conto)	307
Roquette Pinto	Notas de Sciencia	317
Redacção	Bibliographia	324
Collaboradores	Resenha do mez	335

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 31 - ANNO III VOL. VIII JULHO, 1918

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL

RESENHA DO MEZ — O jubileu de Ruy Barbosa — A confederação do Equador (*Pedro Lessa*) — O museu historico (*Max Fleiuss*) — A missão do engenheiro (*Miguel Calmon*) — Os nossos poetas e a sua cultura (*Antonio Torres*) — A navegação a vapor no Brasil (*J. Carlos de Carvalho*) — Livros de viagens (*João Ribeiro*) — A lavoura cafeeira do futuro (*L. P. Barretto*) — Notas — As caricaturas do mez.

ILLUSTRAÇÕES — Emigrantes, desenho original de Antonio Rocco; A Rua 15 de Novembro em 1860, por Wasth Rodrigues; O Largo da Sé em 1860, pelo mesmo.

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos ineditos

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

Director: MONTEIRO LOBATO.
Secretario-gerente: PINHEIRO JUNIOR.

ASSIGNATURAS:

Anno	15$000
Seis mezes	8$000
Edição de luxo, anno	22$000
Numero avulso	1$500
Numero atrazado	2$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO

Caixa Postal, 1373 — Telephone, 1603, Central.
Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES
FIOS ISOLADOS
TRANSFORMADORES
ABATJOURS LUSTRES
BOMBAS ELECTRICAS
LAMPADAS
1/2 WATT
SOCKETS SWITCHES
CHAVES A OLEO
VENTILADORES
PARA RAIOS
FERROS DE ENGOMMAR
ISOLADORES
TELEPHONES
LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745 SÃO PAULO

PEREIRA IGNACIO & C.

INDUSTRIAES

Fabrica de Tecidos PAULISTANA E LUSITANIA nesta Capital, e LUCINDA, na estacão de S. Bernardo (S. Paulo Railway)

Vendedores de fios de algodão, crús e mercerisados

Compradores de Algodão em Caroço em grande escala, com machinas e AGENCIAS nas seguintes localidades, todas do Estado de S. Paulo:

Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba, Tieté, Avaré, Itapetininga, Pirajú, Porto Feliz, Conchas, Campo Largo, Boituva. Pyramboia, Monte Mor, Nova Odessa, Bernardino de Campos, Bella Vista de Tatuhy.

GRANDES NEGOCIANTES de **Algodão em rama** *neste e nos demais Estados algodoeiros. com Representações e Filiaes em Amazonas, Pará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul*

Proprietarios
da conhecida
Agua Mineral

PLATINA

Cognominada
A VICHY
Brasileira

A melhor agua de mesa

Acção medicinal

A PLATINA, cuja FONTE CHAPADÃO, está situada na estação da PRATA, é escrupulosamente captada, sendo fortemente radio-activa e bicarbonatada sodica como a VICHY e é como esta agua franceza

Vendida em
garrafas escuras

CODICO RIBEIRO PARA TODAS AS AGENCIAS

Escriptorio Central em S. PAULO

RUA DE S. BENTO n. 47

Telephones: 1536, 1537, 5296, Central
Caixa postal n. 931

GOTTAS PHYSIOLOGICAS DE SILVA ARAUJO

INDICAÇÕES:
NEURASTHENIA·SYPHILIS·ANEMIA
CONSUMPÇÃO·PRETUBERCULOSE,
ETC., ETC.

Formula: CADA X GOTTAS CONTÊM

Ext. fluido de Guaraná	0,25
" " " Kola fresca exteril.	0,25
Solução de Peptona iodada	0,05
Arrenal	0,005

DÓSES

ADULTOS: X a XX gottas, 2 vezes no dia.
CRIANÇAS: Metade da dóse dos adultos.

NÃO·CONTÉM·ALCOOL·NEM· ASSUCAR.

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000	Succursaes: MANCHESTER, BAHIA,
„ realisado. . . .	£ 1.000.000	RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000	ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques e quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de **Rs 50$000,** e com as entradas subsequentes nunca inferiores a **Rs. 20$000,** até o limite de **Rs. 10:000$000** abonando juro de 3 % ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabbados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

Wilson Sons & Co. Limited

SÃO PAULO

RUA B. PARANAPIACABA N. 10

Caixa Postal 523 ıllıllı **End. Tel. "Anglicus"**

Armazens de mercadorias e depositos de carvão com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres . . .	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . . .	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull	Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater	Mataborrão
Brroke, Bond & Co. Ltd., Londres . . .	Chá da India
Read Bros. Ltd., Londres	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburgo	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne	Champagne
Holzapfels, Ltd., Neweastle-on-Tyne . . .	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull	Preservativo de madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres	Dynamite
Gotham Co. Ltd., Nottingham	Gesso estuque
P. Virabian & Cie., Marselha	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York	Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia . .	Ferro em barra e em chapas

Unicos depositarios de

Sal legitimo extrangeiro para gado marca "LUZENTE". Superior polvora para caça marca "VEADO", em cartuchos e em latas. :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para fundições e fabricas, drogas e productos chimicos para industrias, louça sanitaria, etc.

:: CASA FRANCEZA ::

DE

L. Grumbach & Cia

Rua SÃO BENTO, 89 e 91

SÃO PAULO

CASA MATRIZ

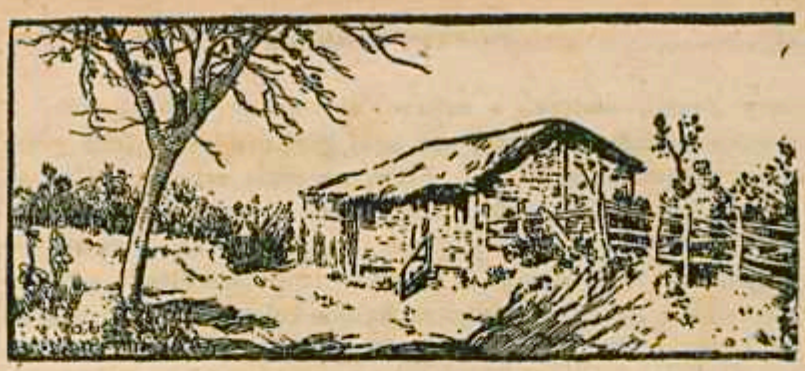
EM PARIS

17 Bis, RUE DE PARADIS

Louças, Vidros, Crystaes,
Porcellanas, Objectos de
Arte para Presentes,
Baterias de Cosinha.

VENDAS A VAREJO E POR ATACADO

:: IMPORTAÇÃO DIRECTA ::



AS PEQUENAS COMMUNIDADES MINEIRAS

Necessidades de saude me atiraram, por largo tempo, para estas bellas serranias mineiras. Esta longa permanencia, a que sou obrigado, aproveito-a para satisfazer tambem aquellas "necessidades de certeza", de que falava o heróe do Eça. (E' sempre melhor "folhear e ler attentamente o mundo como um livro cheio de idéas", principalmente quando este livro é o Brasil, e poder dizer, pelos menos em relação a nós, com a serenidade e o orgulho do agudo Fradique: — "Para ver *por fóra*, por mera festa dos olhos, nunca fui sinão a Marrocos...") Por isso, observando com attenção e cuidado o povo mineiro nos seus costumes, nos seus usos, nos seus preconceitos, na sua mentalidade, na sua estructura, na sua composição, vou procurando comprehendel-o naquillo que elle tem de tradicional e antigo e no que tem de moderno e progressivo. E sob todos os aspectos, elle se mostra interessante aos meus olhos e ao meu espirito.

Minas, mais do que o Estado do Rio, me dá, com effeito, ensejo para observar, em melhores condições de visibilidade, o contraste entre o velho Brasil, patriarchal e fazendeiro, e o

novo Brasil, moderno e urbano, ou, melhor, urbanisante: as duas sociedades se justapoem aqui com nitidez perfeita como duas rochas estratificadas. Aliás, no meus estudos sobre as nossas *Populações meridionaes*, de que já publiquei nesta *Revista* alguns capitulos (1), e nos que elaboro sobre as nossas *Populações Septentrionaes*, eu tento traçar a evolução geral do nosso povo, desde os primeiros seculos coloniaes até os fins do II Imperio. Fui, porém, obrigado a parar ahi; porque a analyse dos dous grupos regionaes me revelou, depois de 88, um *novo* Brasil, em que as directrizes da nossa civilisação, que vinham regulares e normaes até esta data, se quebram subitamente, e se embaralham. Julguei prudente não proseguir, reservando-me para uma outra serie de estudos, para uma *Historia da Republica*, a analyse social e historica do Brasil *aprés* 88.

Em outros artigos eu vos direi mais amplamente da Minas classica do queijo, da manteiga e do leite, a Minas virgiliana dos grandes rebanhos e dos campos cerealiferos — a *Minas rural e pastoril;* e tambem da Minas das egrejas, das orações, das procissões, a Minas catholica, a Minas religiosa e crendeira — a *Minas fidelissima;* e ainda da Minas social e familiar, a Minas domestica e intima, a Minas da hospitalidade tradicional — a *Minas do lume e do pão.* Por agora são apenas notas esparsas, e naturalmente ainda imprecisas e susceptiveis de revisão, sobre alguns aspectos sociaes, ethnographicos e anthropologicos dêsse povo de serranos tranquillos e singelos. Notas rapidas, que talvez se venham condensar num todo harmonico. Direi, entretanto, que em todas essas observações, que venho fazendo durante este meu contacto com o povo mineiro e a terra mineira, o meu maior encanto não está tanto nas noções novas, que me trazem essas novas realidades; mas, antes, nesse subtil prazer intellectual, que é ver confirmadas pelos factos certas inducções e conclusões de ordem geral, a que já havia chegado pelo simples jogo da intuição social, exercida á distancia. Tamanho o consenso que rege a marcha da nossa evolução collectiva.

---

(1) — V. nos. de Junho e Agosto, e Novembro e Dezembro de 1917.

I

Da janella do vagão, que me transporta por sobre o vasto chapadão da Mantiqueira, observo a paisagem tranquilla e doce, tão diversa das violencias alpestres da Serra do Mar, com os seus contrafortes florestosos, as vivas irregularidades das suas cumiadas, erriçadas de picos graniticos e magestosos. Na Mantiqueira as collinas, em regra descalvadas, dominam a paisagem, e em todas ha um tom brando, ondeado, sem linhas rudes e vivas, onde o olhar pousa sem ferir-se, com suavidades e encanto.

Neste ambiente, assim cheio de repouso e doçura, em que parece errar um quê de melancolia, o povo, que ahi vive e trabalha, como que se modela á feição da sua amenidade. E', como elle, brando, pacifico, singelo, de um temperamento fino e sensivel, todo feito de delicadeza e reserva. Esta reserva, porém, não lhe vem do orgulho, que nestas paragens é exotismo; mas, da timidez, que é grande e caracteristica.

— Dizia Taine: — *au fond, dans un pays, l'essentiel c'est l'homme.* Vejamos então o *homem*.

Este tive opportunidade de observal-o attentamente em condições favorabilissimas. Foi em Palmyra, limite da "zona da matta". Eram turmas de cento e tantos a duzentos homens. Todos da região rural, trabalhadores de enxada, campeiros, sitiantes, pequenos artifices. Passavam em direcção a Barbacena, para os trabalhos do alistamento eleitoral. Ao todo, cerca de quinhentos, capitaneados por um coronel poderoso. Formavam uma massa excellente para um estudo de conjuncto sobre o typo e a mentalidade do nosso povo rural. Observei-os com attenção miúda e paciente.

No ponto de vista somatico, impressão desolante. Nenhum typo de linhas perfeitas e harmonicas. Nenhum arcabouço vigoroso e sólido. Nestes climas oxygenados, onde sopram rajadas salubrisantes, nenhuma face rosada e sadia, nenhuma physionomia respirando saude e força. Os typos eram, em regra, asymetricos, revelando cruzamentos de elementos heterogeneos. Feialdade geral. O typo luso perde evidentemente aqui, no baixo povo dos campos, os seus melhores caracteristicos physicos. Pelo menos, nada se vê aqui comparavel á soli-

da construcção desses mancebos do Douro, do Minho e de Traz-osMontes — as regiões portuguezas que mais gente deram á colonisação inicial de Minas.

Dentre essa turba de quinhentos homens, só um descobri realmente bello. Era um rapaz de vinte e poucos annos; esbelto e elegante como um ephebo, tinha o busto altivo, a tez de um moreno quente, os cabellos finos e negros, pequeno buço luzidio e negro, as grandes sobrancelhas tambem negras, sombreando o olhar ardente. Este só, e mais nenhum...

— Entretanto, noto que os "cabras", os "fulos", os "pardos", os mulatos typicos são pouco numerosos. Domina a côr morena. Não são raros, porém, os typos louros. Cabellos, em geral, lisos. Pouco numerosos, os carapinhas. Innegavelmente, sente-se aqui a acção possante das selecções ethnicas, em trabalho de purificação da raça, tendendo para a eliminação progressiva dos sangues inferiores.

Em Barbacena, na cidade, entre as mulheres das classes media e alta, predomina na coloração da pelle os matizes claros; os morenos concentrados e a coloração trigueira, denunciando fortes dosagens de sangues servis, são pouco abundantes; apesar da preponderancia dos cabellos castanhos e negros, é consideravel o numero de cabelleiras louras. Tudo, enfim, revela que, no seio da massa mestiça, as selecções ethnicas seguem aqui, em Minas, uma tendencia aryanisante.

— Em contraste com isto, a pretidão absoluta dos negros. Nunca vi negros mais retintos do que em Minas. Todos são do ebano mais puro, e reluzem, ás vezes, como uma bota escovada de fresco. No Estado do Rio, nas zonas da sua grande baixada occidental principalmente, os negros têm todos uma côr fôsca, ou baça. Nenhuma ha com este brilho espelhante, que observo aqui em Minas. Questão de clima, penso. O negro da baixada fluminense é doente; soffre do figado; padece de impaludismo; ou é opilado; a sua côr resente-se deste estado morbido. Em Minas, pelo menos nestas regiões que venho observando, é sadio, rijo, robusto, e a sua tez reflecte na sua negridão luzidia esta condição de vitalidade e saude.

—Outra observação ainda sobre a estructura anthropologica do povo mineiro: o numero de homens altos. Tenho encontrado uma porção delles, de tamanho muito acima do commum.

Não me tem sido mesmo difficil encontrar typos agigantados. Em Barbacena, como em Palmyra, como em Juiz de Fóra, vi-os frequentemente, altos como tôrres. E, no meio delles, eu, com os meus quasi dous metros de altura, sentia-me á vontade, em perfeita democracia...

— Esses quinhentos homens de Palmyra portaram-se, no hotel em que eu estava e fóra delle, da maneira mais surprehendente numa multidão em festa (porque não era sinão uma festa tudo aquillo). Nenhum grito. Nenhuma gargalhada. Nenhum palavrão. Nenhum tumulto. Fallavam á meia-voz, calmos, modestos, sem grandes gestos, em attitude respeitosa e prudente. Bem comidos, bem bebidos, sahiram a passeio, pela cidade, aos magotes — e não se registrou, entretanto, o mais leve desrespeito, ou o mais simples conflicto. Neste ponto, eram bem os representantes desse povo de serranos, honrados em cujo caracter ha um tamanho lastro de equanimidade e doçura. No meu Estado, seria impossivel uma ordem tão absoluta. Os fluminenses, mesmo os do campo, têm um temperamento mais agitado e vibrante. Quando mesmo não houvesse conflictos, teria pelo menos havido gritaria e muita gargalhada.

— Todos esses homens iriam, dentro em pouco, votar nas eleições para presidente da republica, do Estado e deputados federaes. Conversei com um grande numero delles, e sondei a sua cultura politica. Muitos não sabiam quem era o candidato á presidencia de Minas (o sr. Arthur Bernardes), cuja eleição se faria dentro de alguns dias. Outros não sabiam siquer quem era o presidente actual do Estado. De alguns não pude saber mesmo quem era o chefe politico, a que obedeciam. Só conheciam o coronel, que os guiava. Quasi todos não sabiam bem o que iam fazer a Barbacena. O coronel é que devia saber; que "eu perguntasse ao coronel" — diziam-me com simplicidade e brandura, como se fosse a cousa mais notavel do mundo.

O suffragio universal nos nossos campos!... Que bellissimo assumpto para o humorismo de Mark Twain!

II

— Observo mais attentamente o typo negro. Todos os negros que tenho visto apresentam sempre uns traços doces e delicados; alguns mesmos mostram linhas correctas e finas. Não encontrei ainda nenhum desses facies troglodyticos e repulsivos, tão communs entre os negros da faixa costeira e dos littoraes fluminenses, na região dos cannaviaes. Nesta tenho observado verdadeiros gorillas, authenticos exemplares de *troglodyta niger*, espantosos na sua asymetria e na sua feialdade.

Evidentemente, é uma questão de tribu. Entre as tribus africanas, que vieram para o Brasil, havia uma variedade consideravel de typos physicos. Havia tribus, caracterisadas por traços de innominavel feialdade. Outros havia, porém, cujos traços physionomicos eram cheios de harmonia e belleza. Nuns typos a côr era absolutamente negra; noutros, a tez apresentava uma côr acobreada, ou azeitonada, ou fula. Nações havia, cujos individuos eram de pequena estatura e facies simiesco; outras, em que os homens exhibiam esplendida estatura de athletas, torso robusto, linhas esbeltas e graciosos.

— Naturalmente aqui predominou, na distribuição geographica destas varias tribus, algumas de typo physico menos rebarbativo, e os seus descendentes actuaes guardam ainda na physionomia, de linhas doces e suaves, os caracteristicos ancestraes. Aliás, esta hypothese parece ter uma confirmação historica. Conheço documentos do periodo colonial, na época das explorações auriferas nestas paragens, que dizem da preferencia dos possuidores de datas metalliferas pelos negros da tribu *mina*. Ora, os negros *minas* eram, entre as varias nações negras, os que apresentavam typo mais bello.

— Esta questão da variedade do typo negro me leva a considerar incidentemente a questão da variedade do typo mestiço. O problema do mulato ha de ser resolvido aqui, tendo-se sempre em vista esta *variedade* de typo do elemento negro em relação á *unidade* do typo do elemento branco. Sem isto é impossivel comprehender-se scientificamente o mulato. Na formação do mulato ha um denominador commum — o branco;

mas o outro factor é muito variavel, quer no ponto de vista somatico, quer no ponto de vista psychico. Entre as tribus negras, que aqui se localisaram, havia diversidades de typo e de mentalidade mais sensiveis do que as que existem entre portuguezes, italianos, inglezes, allemães e hespanhóes entre si. Negros havia absolutamente indomesticaveis e incivilisaveis, de mentalidade rudimentar, instinctos selvagens e inferiores, incapazes de qualquer melhoria ou ascenção; outros, porém, revelavam intelligencia superior, capacidades progressivas, talentos artisticos, e temperamento generoso, docil, obediente e delicado. Os negros da nação *mina* eram desse ultimo typo. Os *angolas* eram intelligentissimos, vivazes, sagazes, ardilosos, mas de qualidades moraes não muito solidas. Certas tribus caracterisavam-se pela sua altivez e indomabilidade, e possuiam indole aggressiva e bellicosa; os seus representantes se fizeram os agentes principaes das nossas insurreições negreiras, e preferiram, muitas vezes, a fuga ou o suicidio á servidão.

Esta diversidade de indole e de mentalidade entre as varias tribus negras, aqui fixadas, devia produzir, necessariamente, uma variedade correspondente no producto do seu cruzamento com o luso. De maneira que é tão absurdo procurar-se a *unidade psychologia* do mulato, como é absurdo pretender fixar a sua *unidade anthropologica*. Não ha um typo moral de mulato, como não ha um typo somatico. Toda tentativa neste sentido ha de falhar forçosamente. Não é possivel fundar-se scientificamente uma *psychologia unica do mulato*. Em regra, o que chamamos *mulato* é o mulato inferior, incapaz de ascensão, degradado nas camadas mais baixas da nossa sociedade, e provindo de cruzamento de branco com negro de typo inferior. Ha, porém, mulatos superiores, aryanos pelo caracter e pela intelligencia, ou pelo menos capazes de *aryanisação*, ascendendo ás altas camadas da nacionalidade e collaborando com os brancos na obra de organisação e civilisação do paiz.

Encarado sob esse criterio, o problema da *superioridade* ou *inferioridade* dos nossos mulatos torna-se, penso, facilmente comprehensivel.

III

— Materialmente estas pequenas cidades mineiras estão numa phase de desenvolvimento rapido, e poderia dizer: precoce. Passam por uma verdadeira crise de crescimento. Como em todos os organismos que se desenvolvem com rapidez demasiada, o desequilibrio é inevitavel.

— Este desequilibrio se revela por mil e um symptomas expressivos, que abrangem na sua integralidade, todos esses pequenos organismos sociaes. Nestas communidades mineiras este desequilibrio tem uma das expressões mais vivas no desencontro visivel entre o progresso material e o progresso moral e social. Este tem sobre aquelle um retardo seguro de vinte annos, senão mais. Ha, é verdade, o telephone. Ha a luz electrica. Ha o cinematographo. Ha, em algumas, o bonde. Como ha tambem o theatro, e os campos de patinação. Não fallemos dos esgotos, e da agua encanada, e das novas edificações, que se erguem por toda parte, sem o typo pesadão e tosco das antigas construcções coloniaes, porque já airosas, elegantes, altas, providas de todos os confortos das grandes cidades. Nem mesmo dos seus interiores, onde já se surprehendem requintes de bom gosto, o luxo das tapeçarias, das porcellanas e dos estofos, dos quadros, a distincção do mobiliario e a graça refinada da sua distribuição.

Em Juiz de Fóra, ou em Barbacena, a elegancia dos vestuarios femininos nada fica a dever ao Rio ou a Bello Horizonte. Senhoras e senhoritas eu as vi naquellas duas lindas cidades mineiras com a graça, a distincção e encanto dos cariocas ou das bello-horizontinas. Ha em todas o desejo de copiar o "trem de vida" de Bello Horizonte ou do Rio. E nestes climas montezinos e ozonisados, onde a tez das mulheres tem por isso mesmo uma frescura radiante, cheguei mesmo a assignalar um excesso absurdo do *cold-cream* e de *rouge*, que eram como uma profanação nestes rostos, onde a natureza já puzera de si mesma o viço e a radiação da belleza.

— Entretanto, no meio dessa urbanisação tão rapida, no meio dessa tão vivaz e completa assimilação das "exterioridades" mundanas dos grandes centros, esta sociedade perma-

nece estacionaria no culto salutar das suas velhas tradições domesticas, dos seus velhos costumes familiares, no culto dos seus preconceitos moraes, nos seus zelos, nos seus escrupulos, nas suas reservas de moralidade, pundonor e hombridade. Os personagens, principalmente os femininos dos romances de Alencar, de Taunay e de Bernardo Guimarães, nós os encontramos a cada passo por aqui, tangiveis e vivos, com toda a sua admiravel psychologia de ha meio seculo. Os seus escrupulos, os seus zelos, os seus preconceitos moraes e sociaes aqui se conservam intactos, como nos grandes dias do Imperio, quando ainda por estas paragens reinava o grave patriarchalismo das fazendas.

Esta terra ainda é, por isso, apezar da sua crescente urbanisação, a terra classica das paixões occultas e do amor incomprehendido, como na éra remota, de Casimiro de Abreu e do sentimentalismo...

— Esta urbanisação precipitada envolve, além disso, um problema serio e profundo para estas pequenas communidades. Ella implica uma consideravel alteração nos *modos de existencia* da sua população urbana.

Em todas as sociedades equilibradas e sadias a regra é que os *modos* de existencia são condicionados pelos *meios* de existencia, dependem destes e são regulados por estes. Ora esta urbanisação rapida e vertiginosa altera visivelmente os *modos* de existencia das diversas camadas sociaes num sentido economicamente incompativel com os *meios* de existencia, que essas pequenas communidades podem offerecer á sua população, principalmente ás suas classes superiores. Este é que é o facto — e da maior relevancia.

Nesses pequenos nucleos urbanos o campo profissional é limitado; os meios de vida abertos ás classes superiores se tornam cada vez menos proficuos. O campo commercial é restricto, acanhado, rotineiro, servindo a uma clientela que é, quando do campo escassa, ou, quando da cidade, pobre. O campo industrial, nullo — ao menos por agora. Esta insufficiencia do apparelho industrial e commercial (derivante de varias causas, inclusive a pouca densidade demographica da região) torna, por sua vez, o campo das profissões liberaes,

especialmente a advocacia e a medicina, extremamente limitado. Em Barbacena, por exemplo, ha um bom numero de advogados, de medicos e de professores; mas, nenhum delles vive exclusivamente da sua advocacia, da sua clinica ou das suas licções particulares: são, na sua quasi totalidade, *empregados publicos*, — ou da municipalidade, ou do Estado, ou da União. Sómente com os proventos da sua profissão não poderiam manter com decencia o despendioso "trem de vida" que a crescente urbanisação do meio está impondo, com imperio cada vez maior, ás pessoas da sua condição. Eliminae estes empregos publicos, e para logo, todas ellas teriam que emigrar, em procura de climas economicamente mais benignos ás suas profissões. — Desequilibrio, portanto, entre os *meios* de vida e os *modos* de vida.

O equilibrio anterior, tão perfeito na sua simplicidade, se rompeu desde seguramente ha 30 annos, sob a acção de um duplo choque: *a abolição dos escravos*, que, subvertendo inteiramente as bases economicas das nossas populações do interior, alterou-lhes subitamente o "systema de meios de existencia", que então se resumiam quasi que na exploração da terra pelo braço servil; e, depois *a imitação dos usos e costumes dos grandes centros*, o que importou e importa ainda, por seu turno, numa transformação dos "modos de existencia" dessas modestas populações, num sentido absolutamente em desaccordo com as suas possibilidades e capacidades economicas.

— Esta situação anomala, é claro, não pode subsistir por muito tempo. Este desequilibrio tem que se resolver, — ou por uma estabilisação superior, como perece ter sido o caso de Juiz de Fóra; ou, então, por uma regressão, tornando-se estes nucleos urbanos, — ainda agora florescentes, — em nucleos de vida vegetativa ou parasitaria. E' o que aconteceu nesta vasta região da faixa costeira, do Estado do Rio, que vae desde Paraty, nas divisas com o littoral paulista, até a fóz do Parahyba, quasi nas divisas com o Espirito Santo. Esta região, outr'ora riquissima, é hoje a região das "cidades decadentes", onde se deparam apenas ruinarias melancolicas, indicativas de passadas grandezas, e onde a população varonil e laboriosa, que outr'ora a explorou, é apenas um conglome-

rato de depauperados e enfermos, em estado de franca regressão authropologica e social. (2).

— Na hypothese, porém, de uma solução favoravel, o equilibrio só poderá provir — ou de uma forte concentração industrial, ou do desenvolvimento intensivo da zona agricola, de que essas pequenas communidades são nucleos. Entretanto, não creio possivel uma estabilidade perfeita na sua economia funccional apenas por meio de uma forte concentração industrial. O augmento da densidade humana na zona rural (e a sua consequente organisação economica) é condição indispensavel á vitalidade e ao progresso destas communidades, por mais que ellas se industrialisem.

Noto aqui, nas espheras da administração municipal, o mesmo preconceito, que domina as administrações prefeituraes no Estado do Rio. Isto é, prefeito é apenas synonymo de "embellezador de cidades". O dever de um bom prefeito é calçar ruas, dar luz, agua e esgotos á cidade, ajardinar praças, criar escolas, mercados, matadouros, regular o serviço de viação urbana, organisar impeccavelmente a limpeza publica e a policia sanitaria: — em summa, embellezar, polir, civilisar a "cidade". Esta vasta area rural, donde mana insensivelmente para as cidades a sua força nutriz, e de cuja vitalidade depende a vitalidade dessas mesmas cidades; esta vasta area rural, onde labora a população obscura dos campos na faina de desentranhar da terra fertil ou sáfara essas riquezas, de que as cidades vivem e que são a causa primeira do seu progresso e da sua florescencia; esta vasta area rural, rotineira, inculta, desorganisada social e economicamente, é cousa que não entra propriamente nas attribuições do prefeito de um municipio. Este é um administrador, cuja acção se exerce exclusivamente dentro dos perimetros urbanos, que, nestas peque-

---

(2) — Das minhas observações nesta região escrevi uma pequena monographia, que darei dentro em breve publicidade nesta **Revista**, sob o titulo: **Selecções regressivas na baixada fluminense** (ensaio de authropologia social, segundo os methodos de Lapouge e Ammon).

nas communidades mineiras, ou fluminenses, não são de modo algum consideraveis na sua amplitude.

Ora, este preconceito, que parece tão radicado em Minas como no Estado fluminense, encerra uma das maiores illusões nossas — *a illusão de que é possivel, principalmente nestes interiores do nosso paiz, a formação de cidades progressivas e florescente sem uma organisação progressiva e florescente da vasta zona rural, que as circumda.* Illusão, que não é, aliás, apenas dos pequenos administradores que prefeituram os *municipios*, mas tambem dos administradores maiores que prefeituram os *Estados*, e mesmo destes grandes administradores que prefeituram a *Nação*...

— Em Barbacena (que é uma das mais encantadoras cidades que tenho visto) noto o traço de pittoresco que lhe dão os colonos da colonia Rodrigo Silva, localisada num dos seus arrabaldes. São todos italianos e ha em todos como que um "ar de familia", como se viessem da mesma região. Trazem á cidade diariamente o seu fornecimento de hortaliças, ovos e aves. Nesse pequeno commercio de vitualha, não vejo homens, mas, exclusivamente, mulheres. Andam aos pares, trazendo aos braços os cabazes repletos, e são em regra, robustas e rosadas *ragazze*, quasi do mesmo typo, sempre bem postas e asseiadissimas nas suas chitas de cores claras, o corpete justo modelando o busto erecto, e na cabeça o lenço typico, — um lenço estranho, de cores variegadas e fortes, de padrões vistosos, que ellas põem com uma graça infinita e um perfeito senso de arte, e que revela, mesmo, nessas pobres e rudes camponezas, sem o trato das altas culturas, este immortal e divino sentimento de belleza plastica, que é proprio ás raças mediterraneas. Em confronto com ellas, as nossas mulheres do baixo povo, com a monotonia das suas roupas de algodão, que denunciam influencias ainda persistentes das senzalas, a sua ausencia de *coquetterie*, o seu habitual desalinho, o seu desasseio systematico, a sua lamentavel e incorrigivel despreoccupação do pittoresco e do colorido, fazem um contraste vivo e chocante. Infelizmente, ao nosso povo rural falta esta riqueza especiosa e original de indumentaria, que caracteriza

as raças meridionaes. Os lusos, que nos transmittiram tanta cousa, não nos puderam transmittir a tradição polychromica dos seus trajes regionaes, incomparaveis de originalidade e pinturesco.

— Estes colonos são os exclusivos fornecedores de verduras e legumes á cidade. São os unicos que praticam a lavoura das hortas. O nacional não a pratica. Não vejo um só siquer neste trabalho, que é sabidamente rendoso, porque muitos colonos por meio delle amealham peculio bastante para ascenderem socialmente. O trabalhador nacional sabe disto, commenta este facto, admira mesmo a laboriosidade desses estrangeiros, o cuidado diario delles no trato das suas hortas e quintaes, a arte perfeita com que amanham a terra, com que preparam a leira e os canteiros, e abrem vallados de drenagem, e fazem as suas semeagens, as suas regas, as suas podas, as suas estufas, os seus tendaes — todas essas innumerosas e variadas praticas que são como que o resumo das experiencias millenarias do proprio homem no labor da terra — mater... o nacional, o caipira, o lavrador dos nossos sitios, vê, *de fóra*, todas essas maravilhas; vê, observa, admira, mas não as imita! Como na phase do poeta— "sguarda e passa"...

Curiosissima cousa esta refractariedade dos nossos homens do campo ao contagio desses habitos fecundos!

Diante disto tem-se vontade de discutir si não convem variar de systema de colonisação; si a infiltração das raças brancas da Europa, com a sua civilisação correspondente, no seio da massa nacional a reconstituir-se, não deve ser feita por outros methodos; si ha vantagem nesta forma de colonisação por meio de "colonias" isto é, da fixação do homem europeu em "massas homogeneas" no territorio nacional, á maneira de "ilhas" ethnicas e sociaes, incapazes dest'arte de attrahir o nacional, esquivo e improgressivo, para dentro do campo magnetico da sua influencia civilisadora...

— O trem, que, de Juiz de Fóra a Barbacena, me arrasta por sobre estas chapadas amplas, ladeia môrros, galga collinas, vara tuneis, corre por sobre valles tranquillos; e, de um e outro lado, eu, viajante curioso e encantado, prolongo o olhar, atravéz, das janellas do vagão, sobre essas planicies immensas, ondeadas de pequenos môrros que se perdem, ás vezes,

no sem-fim dos horizontes, sem o relevo siquer de uma serrania longinqua e esfumada... E olhando esta immensidade de terra, sobre a qual o comboio corre horas e horas sem me deixar ver outra cousa sinão raras e isoladas choças de sapé, desolantes no seu desalinho e na sua pobreza, eu pergunto a mim mesmo, um pouco inquieto, um pouco surprezo, um pouco "esmagado": — onde está o *homem?* onde elle se asyla, que quasi não vejo, tão disperso anda elle por essas solidões immensuraveis?!

— Eu vinha dessas regiões da faixa costeira do Estado do Rio, que é uma das mais povoadas do Brasil, onde a densidade social attinge um coefficiente dos mais elevados em nossa terra. Esta dispersão extrema da população nos planaltos mineiros, esta extraordinaria rarefacção demographica, causou-me, por isso, impressão viva e funda. O tecido social aqui possue ainda uma trama das mais rudimentares. Os varios nucleos de condensação social — "cidades", "villas", "povoados", "arraiaes" — estão a enormes distancias uns dos outros, tão enormes que um europeu, mesmo oriundo de regiões pouco povoadas, não poderá jámais imaginar com justeza e verdade.

Esta immensa disseminação do homem por sobre a terra immensa é talvez a nossa maior singularidade — aquillo que socialmente mais nos caracteriza, individualisa, mais accentua a nossa differença, a *nossa* originalidade de estructura defronte de outros povos. Todas as nossas particularidades sociaes, todas as nossas idiosyncrasias nacionaes, de estructura e de alma, têm sem duvida, sua origem remota e primaria *nisto*, neste facto fundamental e intimo. (3).

— Esta topographia do grande planalto mineiro!... Como ella me esclarece sobre o grande milagre das "bandeiras"! Só a observando nos seus valles e nas suas chapadas, alteadas de collinas suaves e accessiveis, nos seus horizontes amplissimos e profundos, que dão, ás vezes, a impressão da immensidade marinha; só a observando assim, aberta, desafogada, facilmente devassavel por todos os quadrantes — é que comprehendo bem o maravilhoso daquella irradiação his-

(3) — Cfr. sobre este ponto a interessante **Estatistica chorographica das distancias**, elaborada pelo governo de Minas, e de que a sua Secretaria do Interior me fez o obsequio de um volume.

torica, que, partindo de um ponto restricto da costa, encheu em pouco mais de um seculo, estas solidões vastissimas com o fragor do seu grande tropel humano!

Toda difficuldade para esses intrepidos "cabos de tropa" do cyclo bandeirante estava no galgar os contrafortes da cordilheira maritima — asperos, ingremes, hispidos, ravinosos, estrugindo o bramir das cataratas ou desencandeiando caudaes vertiginosas. Vingado este passo, todo feito de hostilidades vivas, tudo convidava á dispersão, á marcha folgada e livre, á penetração conquistadora.

Desses heróes, tão grandes ou maiores que os de Homero, eu não admiro tanto, por isso, a capacidade de resistencia ás intemperies e ao meio; mas, antes de tudo, a mentalidade, cheia de audacia épica, que planejou conquistas e emprezas de tamanha amplitude, e o caracter, que, realisando-as, o fez com tenacidade mais rija do que a contextura do zirconio, ou do ferro, que alastra estas paragens.

Barbacena. V. — 918.

F. J. OLIVEIRA VIANNA

MAGIA SYMPATHICA

A João do Norte

Entre os maus costumes que nos legou a antiguidade gréco-romana, contámos o das publicas assembléas de ociosos para falar da vida alheia; λέδχη; *statione*, ou *tonstrina*. No Brasil-colonia, dos fins do seculo XVIII, rara era a terra que não tinha uma dessas estações de tosa humana, especie de *lojas de barbeiro* ao ar livre, ás quaes, pela incidencia dos raios solares, chamavam os portuguezes urbanos *soalheiros* ou *sequeiros*, quando não *pasmatorios*, e os rusticos, com superioridade metaphorica, *raposeiros*.

Em taes prazo-dados mexericava a verve ferina, como num da primitiva capital de Minas, descripto nas CARTAS CHILENAS, XI, 5-21 e 29-32:

> "Aqui, meu bom amigo, aqui se passam
> as horas em conversa deleitosa:
> Um conta que o ministro, á meia noite,
> entrara no quintal de certa dama;
> diz outro que se expoz uma creança
> á porta de Floricio, e já lhe assina
> o pae e mais a mãe; aquelle augmenta
> a bulha que Dirceu com Laura (1) teve,
> por ciumes cruels da sua amasia;

(1) V. exeg. em *Amores de Gonzaga*, AÉRIDES, pags. 249-53.

este chama a Simplicio caloteiro
e mofa, ao mesmo tempo, de Frondello,
que o seu dinheiro guarda. Emfim, amigo,
aqui, aqui de tudo se murmura.
. . . . . .

Amigo Dorotheo, ah! neste sitio
eu não me dilatara um breve instante
em dia de trovões, bem que estivesse
plantado todo de loureiros machos!"

A despeito do resentimento natural, por ser dos boquejados á velha ponte do Funil, o cantor de *Marilia* não exagerava assim se exprimindo, nas vesperas da Inconfidencia. E nisto nos confirma o ornithologo allemão G. W. Freireys, pelo relatorio de sua viagem 25 annos depois. Cf. *Revista do "Instituto historico e geographico de S. Paulo"*, vol. XI, pag. 177:

"A permanencia em Villa Rica tem muito de desagradavel para o extrangeiro. Nenhuma sociabilidade, ahi se encontra, e nenhum logar talvez haja onde exista mais a calumnia do que ahi, apesar de seus 10.000 habitantes. E' necessario conhecer bem os costumes exteriores da vida, da religião, *etc.*, para viver bem com a população."

Já não importa descobrir os verdadeiros nomes de *Floricio*, *Frondelio* e outros, creaturas de problematico relevo social, em nada accrescivel pela vulgaridade das anecdotas sujeitas ao metro de *Critillo*. Mas o quadro, de psychologia collectiva, encerra subsidio *folk-lorico*, merecedor de attenção.

Porque não se arriscaria o poeta, em hora trovejada, a entreparar siquer no local, ainda que fôra arborisado como o Aventino?

E' que toda a virtude de um bosque sacro se lhe afigurava nenhuma para d'alli arreadar a colera do céo, provocada pelos turpiloquios.

Aquelles versos accusam superstição popular, com registo, em variante, no cancioneiro lusitano:

Diz que o loureiro é pau santo,
onde está não cai geada;

hei de encostar-me ao loureiro,
só para não ser praguejada

Ora, essa trova, como outras fórmulas vigentes em Italia, França, Hespanha e Portugal, reflecte uma crença dos gregos e romanos, a que tambem fizeram allusões letrados contemporaneos e pósteros do ouvidor de Villa Rica.

Antonio Diniz, no Idylio XVI:

" ELPINO

Inda do nome seu estás incerto?
Ah! pobre Thelgon, pescador grosseiro!
Volta os olhos, contempla esse loureiro,
nelle o verás, por minha mão aberto.

THELGON

"Arvore sou a Alcestes consagrada".
Ao grande Alcestes! Arvore ditosa!
Sempre te veja eu verde e frondosa,
e **nunca do voraz raio crestada.**"

E Araujo Porto-alegre, no COLOMBO, II, 306:

"O loureiro do Olympo **avesso ao raio**".

Mais achegado ao povo, o autor da satira citada adjunctou uma inédita particularidade informativa — a da excellencia dos loureiros *machos*, para afastamento do raio.

O padre Manuel Bernardes, NOVA FLORESTA, vol. III, tit. V, *Confiança em Deus*, communica-nos um adagio ligado ao assumpto:

"Do louro dizem que vale contra os raios; por isso o imperador Tiberio (2) nunca deixava de andar corôado delle; muito mais

(2) O A., em nota, indica sua fonte immediata: Suetonio, *in ejus vita*. E o cap. LXIX desta rezа: "Circa deos ac religiones negligentior; quippe addictus mathematicæ, plenusque persuasionis, cuncta fato agi. Tonitrua tamen præter modum expavescebat: et turbatiore cœlo nunquam non coronam lauream capite gestavit, quod fulmine afflari negetur id genus frondis." Mas a segunda parte do periodo é simples repetição de Plinio, HISTORIÆ NATURALIS, l. XV, § 135: "Tiberium principem tonantum cœlo coronari ea solitum ferunt contra fulminum metus" (Tiberio costumava cingir á cabeça uma corôa de louros, quando trove-

valerão contra a ira do Omnipotente os laureados pela victoria de si mesmo. Quando alguem se salvava de algum perigo evidente, lhe diziam por adagio: *Trazeis bordão de louro.* Quem acompanha com o varão amigo de Deus, leva bordão de louro, que o livra de muitos casos infelices."

Laurus, unico appellido pessoal tomado á nomenclatura das arvores, entre os latinos, ao que assevera o naturalista dos mesmos, o seria quiçá como preservativo tambem. E, na hypothese, *Lauro, Louro, Loureiro* e *Loreto*, de nossa onomastica, terão identica origem *sympathica*.

Ainda existe a crença no horror á agua, por parte dos accommettidos de raiva; mas sem a idéa poetica que se documenta pelo começo de um epigramma de Paulo o Silenciario, na Anthologia grega:

"Diz-se que o homem mordido por um cão damnado vê na agua o animal cujo veneno o mata."

Posto que radicado na linguagem medica, é scientificamente improprio o termo *hydrophobia* para designar o terrivel mal, pois resultou de uma observação imperfeita: a victima não só deixa de ingerir dito liquido, como outro, ou qualquer solido, por effeito de uma paralysia local. Logo, o phenomeno independe da vontade.

Entretanto, o povo, aqui como em Portugal, continúa e continuará a dar nomes de rios, *Danubio, Douro, Nilo etc.*, a cães para que jamais lhes repugne aquelle elemento, e não venham a damnar, conforme *sympathia*, aliás bastas vezes contrastada pelos factos.

O abbade de Jazente, poeta de Setecentos, não escapou á illusão e subsequente desillusão, chamando *Mondego* e *Tejo* a dous fieis mastins. De como teria acabado o primeiro, não nol-o trans-

java, fazendo-o por medo do raio). Corneille, na tragedia HORACIOS, a. IV, sc III, recorda a crença dos romanos, fazendo dizer o velho Horacio, em defesa de seu filho:

"Lauriers, sacrés rameaux, qu'ont veut réduire en poudre
Vous qui mettez sa tête à couvert de la foudre,
L'abandonnerez-vous à l'infame couteau
Qui fait choir les méchants sous la main d'un bourreau?"

mittiu Paulino Cabral, nos sonetos a sua memoria; mas, em versos lamentosos, contou-nos o fim do segundo:

"Damnou-se o Tejo, e, junto de um carvalho,
Eu mesmo vi morrer o pobre bruto."

Contraprova do longo uso crendeiro offerece o proverbio medieval — *Quem seu cão quer matar, raiva lhe não põe nome.*

Joaquim José Pereira da Cunha, commerciante em Itaiatuba, no Pará, collaborou no ALMANACH DE LEMBRANÇAS, de Lisboa, para 1859, com um artiguete, de intuito humoristico apenas, cujo resumo damos a seguir:

Irapurú. — Minuscula ave cantora que chama a si numerosas outras de qualidades varias e tamanhos diversos. Morto o passarinho, um pagé defuma-o, entre libações e cantos. E, depois de *temperado*, constitue um poderoso attractivo: guarda-o a meretriz, afim de que lhe não faltem amantes; guarda-o o merceeiro, para obter concorrencia de freguezes, *etc.* Pouquissimas são as habitações que não têm ao limiar, um irapurú *temperado*.

Disso encontrámos ratificação numa obra séria, escripta em 1887, SCENAS DA VIDA AMAZONICA, cap. *Crenças*, pag. 62:

"O passaro *uirapurú* é considerado como efficaz talisman para accarretar ventura a quem o possue. Não ha muitos annos, rara era a taberna do interior que não tinha um destes passaros, enterrado á entrada, ou suspenso dos humbraes da porta. Cumpre notar que a maior parte dos taberneiros eram europeus, portuguezes. A procura deste passaro é grande, principalmente porque é difficil apanhal-o vivo, como é mais estimado, e o sr. Couto de Magalhães refere que comprou um morto, aqui no Pará, por 30$000."

José Verissimo já não fala no *tempero* dos pagés (3), circumstancia talvez esquecida, pelo gradual desapparecimento dos

---

(3) Referimo-nos á cerimonia religiosa; o embalsamamento, esse, de qualquer fórma, é indispensavel á conservação da ave morta.

medicos indigenas; diz até preferivel o passaro vivo, o que bem se compreende, sendo sua virtude o canto imitativo, com o qual provoca o cortejo dos demais.

A' excellencia do chamariz brasileiro, ao simples aspecto da variedade harmoniosa e attractiva, que é a base da *sympathia*, consagrou Humberto de Campos, maranhense cujo espirito desabrochou no Pará, o soneto:

"Dizem que o Irapurú, quando desata
A voz, — Orpheu do seringal tranquillo, —
O passaredo, rapido, a segui-o,
Em derredor agrupa-se na matta.

Quando o canto, veloz, muda em cascata,
Tudo se quêda, commovido a ouvil-o:
O mais nobre sabiá susta a sonata,
O canario menor cessa o pipilo.

Eu proprio sei quanto esse canto é suave;
O que, porêm, me faz scismar bem fundo
Não é, por si, o alto poder dessa ave;

O que mais no phenomeno me espanta
E' ainda existir um passaro no mundo
Que fique a escutar quando outro canta!"

E' distincto pela doce amagura da nota humana, que envolve o remate de philosophia ironica.

Segundo Couto de Magalhães, (*gu*) *irapurú* "quer dizer passaro emprestado ou passaro que não é passaro", pois entende tratar-se de ser sobrenatural, revestindo "a fórma de um passaro que anda sempre rodeado de muitos outros", pelo que "não é possivel apanhal-o vivo". Cf. O SELVAGEM, 2.ª ed., pag. 150.

Mas, de accordo com o já exposto, parece-nos que *irapurú*, corruptela de (*u*)*irapurú*, tem significação diversa, decompondo-se-lhe o nome em *uirá* = passaro + *purú* = que empresta, subentendida a voz alheia.

A proposito do passaro phantasma, em S. Paulo e Minas *urutáu*, na Amazonia *jurutáui* (4), escreveu José Verissimo, pag. cit., n.:

"Eis a descripção que desta ave faz Baena: "E' das lucifugas a menos medonha: tem a grandura e côr de uma gallinha pedrez; a bocca é grande, e solta guinchos que assimilham gargalhadas de quem mófa." A' comparação da gallinha falta propriedade, porque a ave de que se trata é esguia, afilada por assim dizer. Pousada em uma arvore, em sentido vertical, ella prolonga-se com o tronco, e alli fica quieta, immovel, podendo a gente chegar a pegal-a á mão. Dá os taes gritos de que fala Baena e pela côr quasi se confunde com a arvore. (5).

Não é interessante observar a correlação que existe entre a quietação completa desta ave e aquella que a familia selvagem pretendia dar a suas filhas, fazendo-as sentar sobre a pelle della?

O facto da correlação das crenças com os habitos ou modos de ser do objecto que as produz, ou cujo assumpto são, é dos mais interessantes da mythologia, que ahi póde seguramente ver uma lei. Além deste, que se dá com o *jurutáui*, ha no Amazonas muitos outros, entre os quaes escolho, para lembrar, o do *quatipurú*, a

---

(4) De *uirá* + *táu* = duende + *i* = pequeno.

Barbosa Rodrigues, porém, dá outra etymologia, na PARANDUBA AMAZONENSE, pag. 152: Yuru = bocca + tahy (por *çái*) = distendida, escancarada. Percebe-se logo que a deduziu de um conto zoologico, alli apresentado em duas versões, do Rio Amazonas e do Rio Branco. Eis a segunda:

"Numa noite de luar, havia um pau caído no caminho, e passando um yurutahy perguntou:

— O' meu cunhado, quem passou por cima de ti? quem foi?
— Uma mulher com a bocca grande como a tua.
O yurutahy gostou e riu-se para elle:
— *Uá!... uá!... Uá!... uá!...*"

Da primeira, mais rebarbativa, infere-se melhor a relação da facécia com o que o proprio collector assim noticia:

"Este fessirostro os indigenas o têm como protector da virtude das mulheres, pelo que com suas pennas varrem o chão da rêde das donzellas, no inicio da puberdade, ou forram a rêde com a pelle, na crença de que para ellas os homens serão indifferentes."

Devia ser uma velha sovada a india do conto.

O nome *urutáu* ou *urutáui* proveiu antes do costume da ave, que assusta o noctambulo, a cuja frente vôa, soltando canto sinistro.

(5) Vemos ahi mais um exemplo nosso de caso mimetico, que o joven naturalista Paulo Decourt, cathedratico do *Gymnasio de Campinas*, deve reunir ao consimile dos guaribas, apontado na erudita conferencia *O mimetismo*, feita no *Centro de sciencias, lettras e artes*, em 31 de Março de 1917, estudo que sobreleva a quantos do assumpto possuimos, theses de doutorado em medicina de João Ferreira de Moraes, Léo Lopes de Oliveira e José Martins Fontes.

quem as amas invocam para fazer dormir as creanças ser o mais dorminhôco dos quadrupedes da fauna amazonica." (6)

Essa correlação resolve-se na instinctiva *sympathia*, observada entre todos os povos, principalmente em sua infancia.

ALBERTO FARIA.

(Das ACCENDALHAS, no prélo).

---

(6) Cf. *Brasileirismos e Notas supplementares*, AÉRIDES, pags. 37-8 e 291-2.

ALGUNS AUTOGRAPHOS

Não sou um collecionador systematico de autographos... nem de cousa alguma. Limito-me a guardar os escriptos de pessoas notaveis ou amigas, a mim dirigidos ou espontaneamente cedidos pelos seus destinatarios. Ainda assim, tenho numa modesta lata de folha, entre outros papeis, um masso de originaes, alguns dos quaes acho tão interessantes para os leitores da REVISTA DO BRASIL, que, espero, de agradecidos, me perdoarão o que nelles pode haver de agradavel á minha vaidade. Outros não têm outro interesse sinão o de terem sido escriptos pela mão de certa personalidade que chegou á culminancia e cuja unica assignatura é ás vezes disputada por maniacos para quem a *letra* é tudo, pouco importando o espirito.

Mas para moldura dos quadros estas palavras já bastam. Obedecendo ao criterio da antiguidade comecemos por

UMA POESIA DE TEIXEIRA DE MELLO
Outubro, 7 de 1877.

Estás na idade feliz, filha querida
Em que a loira illusão nos doure os sonhos
E a fagueira esperança enche os espaços.
Que o futuro nos guarda em seus arcanos.
Vi-te crescer em graça e gentileza
Como a esbelta palmeira americana;
Ou como o manacá, como a baunilha
Inundar de perfume a veiga inteira.
Nenhuma mais que tu é tão formosa
Nem tão meiga e gentil é a meus olhos.
As tuas quinze primaveras fazem
Em torno de teu rosto gracioso

Uma auréola de encanto e de innocencia
Que apraz ao coração e apraz aos olhos.
E's como eu-te ideara bella e pura.
Tres desejos tinha eu quando nasceste:-
De dores bella, pura e venturosa.
Deus te faça feliz, te dê, em paga
Das dores que soffri, das injustiças
De que o mundo cercou minha existencia
Toda a ventura que o destino adverso
No começo da vida me negara:
Só te peço uma cousa, oh! minha filha:
Que sejas sempre casta e virtuosa.
Passa a belleza, murcham-se os encantos,
A eterna belleza é a virtude.

T. de Mello

E ainda, por ordem de antiguidade, embora saltando da literatura para a politica, eis uma carta do Visconde de Ouro Preto.

Rio de Janeiro, 10 de Julho de 1891.

Illmo. Snr. Dr. J. A. de L. F.

Retirei-me para minha provincia logo depois de desembarcar e só regressei ha quatro dias, tendo a satisfacção de aqui encontrar a presada carta de V. S. de 10 do mez p. Minha ausencia foi causa da demora em responder-lhe, o que espero me desculpará.

Agradeço cordialmente a V. S. as felicitações que me dirigio pela terminação do meu exillo. Penhora-me e desvanece-me a conservação de sua estima.

Faço votos para que seja feliz no logar que está exercendo e ponho á sua disposição o limitado prestimo de quem se congratula a ser com o maior apreço

De V. S.

Am.o Collg. Affeot.o Obr.o

V. de Ouro Preto

Possuo diversas cartas de Raymundo Corrêa, mas dellas manda a discreção que eu só publique duas.

Eil-as:

Meu charo Antonio Salles.

Ouro Preto, 31 de Outubro de 1894.

Li a tua carta de 3 de Setembro, remettida de Quixadá onde foste a refazer a saúde e o vigor, em companhia dos teus, em pleno ser-

tão. Eu, com alguns annos mais que tu e longe dos que mais intimamente me amam, não pude obter esse recôbro de forças, que ahi de certo acharás, si já não achaste.

O que eu trouxe, sim, da minha viagem foi uma grata lembrança de nossa curta convivencia. Nunca se me apagará d'alma a viva recordação que lhe imprimiram tu e outros rapazes de coração e talento que ahi formam a tua roda. E ainda me falas do "isolamento de vocês do Sul, centro de nosso escasso movimento literario"!!! Como te enganas e quão facil seria acreditar no contrario! Com certeza não sei o que o vosso centro dahi deve invejar do nosso. Aqui já não se escreve, sinão mui raramente, com a confiança, a originalidade e a espontanea inspiração que se sentem nos escriptos que por lá tive occasião de ler. A nota do dia é a mesma ha muito tempo, chilra e sediça. A politica e o utilitarismo derribou todos os idéaes e esterilizou tudo. Felizes de voces que podem escapar a tão triste devastação! Quem não ama nem phantazia, não vive. O exemplo de união e solidariedade, que vocês nos deram, talvez nos faça algum bem aqui; mas é preciso que toda a obra da "Padaria" seja aqui conhecida e actue vibrantemente sobre os nervos desta rapaziada enferma e desunida. E basta sobre o assumpto.

Tenho a dar-te noticias minhas; em poucas palavras o farei.

Aqui estou, desde o dia 24, empregado na Secretaria do Interior, onde trabalho seis horas por dia. Além disso, tenho as aulas da Faculdade Livre, que me roubam em cada dia outras horas, que eu podia consagrar ao que mais me approuvesse.

Vês aqui um exemplo de quanto é martyrisante e dissolvente a lucta entre a profissão e a vocação natural da gente. Põe sobre isso não sei quantas horriveis ladeiras a subir e a descer todo o santo dia nesta ladeirenta e medonha cidade, e imagina addicionando muitos outros tormentos moraes, que deves imaginar tambem, que será por fim de contas deste teu pobre e fraco amigo! O rever-te em mente, forte, sadio, cheio de coragem, com os olhos fixos no ideal e banhados já pelo sol do futuro, como lá te vi, me alenta deveras. Aqueçam-me vocês com um sopro largo e flammejante do forno quente dessa "Padaria". Escrevam-me. Eu escreverei tambem, hoje a este, amanhã áquelle, ou Sabino, ou José Carlos, ou Salles, etc.

Recommenda-me á Exma. Familia e abraça os amigos e a este teu

Raymundo Corrêa

Ouro Preto, 6 de Setembro de 1895.

Meu charo Salles

Tenho diante dos olhos tua preciosa carta de 20 de Agosto. Como sabes, deixei na unica livraria da terra alguns exemplares do teu

livro; poucos-se têm vendido; mas como não olhas a lucro, isso não me incommoda. Isto por aqui é uma lastima a respeito de literatura.

O clima de Ouro-Preto, frio e humido durante a maior parte do anno, pois agora ainda se está tiritando e constipado, me acabrunha deveras. Juncta a isto a falta de incentivos, a penuria do meio e as minhas occupações de funccionario que trabalha seis horas por dia sem descanço e sem férias, e a minha saude e o meu estado moral, e terás a explicação da esterilidade em que me vês. Quasi nada produzo agora, mormente versos.

Os que tens visto publicados em alguns jornaes do Rio já não são novos.

Sinto em mim mesmo uma indisposição para escrever literatura, que me subjuga, que não posso vencer. Parece que não ha nada mais a esperar de mim. Passou tudo. Admiro a fertilidade de vocês, o fogo, o enthusiasmo, a fé que se mostra no que produzem. Invejo essa força que já não tenho, esse vigor ardente, de que já não me sinto capaz. E' com intima satisfação e saudade que leio o **Pão**. Não duvides da sinceridade com que fallo. Não me foi possivel continuar o meu estudo sobre a "Padaria". Faltam-me ainda elementos importantes. Quiz mesmo tratar especialmente das **Trovas do Norte**. Mas qual! não é o primeiro projecto meu que fica no tinteiro. Tambem não é preciso. Deves estar contente com a recepção que mereceu teu livro, e as proprias acerbas injustiças, a que te referes atiradas contra ti e contra a "Padaria", são uma verdadeira sagração. Assim o penso, porque não ha merito legitimo que não deva ter os seus embates. Em compensação, vocês têm rechassado com valentia os golpes adversos.

. . . . . .

Junto a esta um retrato meu. Não é grande coisa como trabalho photographico, mas não sei quando tirarei outro. Este foi tirado no Rio ha mezes, mas só agora me remetteram a duzia. Mandarei um para o Sabino. Tenho muitas cartas a escrever, muitos deveres de amizade a cumprir. Não sei como me desempenharei delles. Entre outros, tenho de escrever para o Centro Litterario dessa cidade de onde me enviaram com a revista **Iracema**, os **Pescadores do Tahyba** de Alvaro Martins e o **Coração**, poema de Rodrigues de Carvalho. O primeiro, principalmente, achei-o delicioso.

Acceita um abraço do teu saudoso

Raymundo Corrêa

Muito penosa para o grande poeta foi sua permanecia em Ouro Preto. De lá o vi chegar, quando eu já estava no Rio, pallido e desfeito, com os nervos abalados por uma forte depressão moral: uma verdadeira entoxicação de tédio e melancolia.

Mas a convivencia dos velhos camaradas aos poucos o reanimou de seu desalento.

Creio não alterar a ordem da antiguidade dando a seguir esta carta de Araripe Junior, sem data mas que supponho ser de 1895 ou 96.

Am.o Snr. Antonio Salles

De posse de sua carta de 21 do p. p., vejo que não se esqueceu da **Revista**. Muito agradecido.

Fico sciente de tudo mais.

Agora novo assumpto. Pelos jornaes verá que aqui agitou-se de novo a questão do "Theatro Nacional". Fundou-se uma sociedade e esta vae tratar seriamente não só da construcção de um edificio, mas tambem de preparar actores. Não é só isso: a sociedade quer desenvolver a esthetica nacional no theatro. Desde que appareçam incitamentos os actores surgirão. O drama existe na alma de todos os que escrevem com talento. Mas porque hoje não ha dramaturgos? A razão é obvia. Machado de Assis, Aluizio Azevedo, Coelho Netto e outros não querem perder tempo: preferem metter o drama nas paginas de um romance, que é lido e apreciado.

Assim, pois, no momento actual, em que as artes parecem querer renascer, julgamos opportuna a idéa de fazer com que os talentos volvessem ao theatro.

O pensamento abrange tudo; e os Estados devem auxilial-o.

Peço-lhe portanto que se constitua nessa boa terra arauto da idéa porque todo auxilio que vier dahi, moral ou material, será recebido com prazer e refluirá do centro para a peripheria.

V. sabe que todo o movimento que se der no Rio concorrerá para augmentar o do Estado, desde que haja correlação.

Do am.o etc.

F. A. Araripe Junior

O primeiro fructo dessas bellas esperanças foi... a traducção do drama hespanhol *Gran Galeoto*, feita por Valentim Magalhães. Com esse tonico estrangeiro, o theatro nacional não se revigorou ainda dessa vez ...*et pour cause*.

E já é tempo de collocarmos nesta polyanthéa duas cartas de Machado de Assis:

Rio, 26 de Fevereiro de 1900.

Meu caro A. Salles

Já me tinha chegado a noticia da doença e da melhora. A sua carta trouxe-me a da convalescença gorda e alegre, segundo vejo.

Estimo sabel-o assim bom, e conto em breve tornar a vel-o cá na travessa do Ouvidor, onde aliás bem pouco vou, por causa dos trabalhos que pesam sobre mim.

Não posso dizer que pensamos juntos no dia... Que dia? A sua carta como as das moças, não trouxe data. Assim me dizia um velho amigo antigamente. Permitta que outro amigo velho diga aqui a mesma cousa. Não sei si pensamos juntos, mas a lembrança das rosas foi tão delicada, que eu devia pensar tambem e se não pensei foi ingratidão. Agradeço-lh'a e ao seu amphytrião e amigo a quem vou escrever agora mesmo.

O que me diz de Minas, dos seus ares, e de seu leite, é de matar de inveja a quem vive aqui nesta capital. Conheço pouco de Minas, mas é bastante para conhecer a sua hospitalidade. Aqui o verão tem sido benigno, tanto como o não é ha muitos annos, se é que já foi assim alguma vez.

Venha quando estiver restaurado, e traga o que nos promette escrever sobre os talentos dahi.

A **Revista (Brazileira)** espera e todos nós com ella. Cá todos vão bem, e as noticias do Graça Aranha e do Nabuco, posto não sejam recentes, são boas. O Capistrano creio que vae a Minas, ou antes por Minas, visto que acompanha o Dr. Severino Vieira que torna á Bahia por esse caminho. Adeus, agradeço-lhe ainda uma vez a lembrança das rosas e assigno-me o

velho am.o

Machado de Assis

Rio de Janeiro, 16 de Novembro de 1904.

Meu querido amigo e confrade

Recebi e agradeço o seu abraço de pesames pela morte de minha boa e estremecida esposa. Imaginou bem o golpe; não podia ser maior. Não se rompe assim uma existencia de trinta e cinco annos sem deixar sangrando a parte que fica.

Não sabia o golpe que tambem recebeu pela morte de seu querido irmão. Neste papel vai tambem o abraço de pesames do

am.o e adm.or

Machado de Assis

O caso das rosas, a que allude a primeira carta, é o seguinte: achava-me em Juiz de Fóra, passando uns dias em companhia do poeta Belmiro Braga, quando passou o anniversario natalicio de Machado de Assis. Com lindas rosas colhidas no jardim de Belmiro enfeitámos o retrato do Mestre, posto sobre a mesa

de trabalho do dono da casa, e os dois escrevemos enviando-lhe os nossos parabens.

A segunda carta, de letra muito tremula e com palavras super-postas, por lapso, ou emendadas, não engana um graphologo: começara o declinio daquella nobre existencia feita de belleza e de bondade.

Tendo de transcrever esta bella carta de Domicio da Gama, vejo ter quebrado a ordem chronologica, que já agora não respeitarei mais.

Bruxellas, 2 de Junho de 1902.

7 — Rua Zinner.

Meu bom Antonio Salles

Recebi ha uns quinze dias o seu livro de versos e só agora comecei a lel-o. Estou num dos meus dias de preguiça maxima e lhe escrevo depois de horas de trabalho mercenario, emquanto fóra o céu está mais azul do que este papel e agita-me a cortina uma brisa de tarde de verão. Entretanto não quero passar da pagina 33 para lhe dizer o prazer com que leio os seus versos, que agora lerei o livro até o fim. Imagine você que fui marcando as poesias que me interessavam pela forma e pelo sentimento e em tão poucas paginas já tenho **Barra a fóra, De tarde, Sertão, Tarde triste** e esse favo de ternura e graça que é **"A Elsa"**. Você não acha muito para um livro de versos velhos? Eu acho immenso... Talvez seja porque voce tem a sympathia, **seu** Salles... Você é simples, bom e sincero, e a piedade e a ternura de seu coração animam as suas paginas rithmadas e desviam o espirito critico. Ou você traduz os meus sonhos de sertanejo (tambem **tive** sonhos de sertanejo, sim!) e quando leio os tres grandes versinhos da pagina 40, a belleza da imagem e a largueza da visão vencem e fazem a vulgaridade da primeira quadra.

Sobre as duzentas paginas da "edição definitiva" poderia eu escrever igual numero de paginas de um ensaio sobre o lyrismo brazileiro, que é o meu.

E' possivel que sahisse tão balbuciado e interjectivo que não provasse cousa alguma. Mas para que serve provar o amigo Salles, que sabe cantar?

Nesta semana que passou estive tres dias em **Berlim** e **Potsdam** e um em Antuerpia. Andei vendo museus de pintura e palacios historicos, remexendo o passado. Pois, não sei se era pelo calor que fazia e a claridade do sol, não trazia commigo o pensamento e sim pelas nossas desornadas plagas brazileiras. O Verissimo bem pensa que, quando eu lá me fixar definitivamente, será da minha vida errante que sentirei a nostalgia. Mas assim sou feito que para ir gostosamente para o céu seria preciso que me supprimissem a me-

moria da vida terrestre, isto é, um boccado da minha alma melhor! Esta dispersão da contemplação pela distancia e pelo passado são a minha sensação da poesia e por ella ando aferindo os artistas que se dizem humanos. Nos inglezes a gente encontra essa janella aberta sobre o largo mundo. No Eça de Queiroz tambem. A saudade que me faz o prefacio do Fradique!

Seu Salles, isto é carta de conversa descosida para lhe dizer que vou mandar encadernar o seu livro como merece, marroquim azul, com muito ouro no lombo.

Escrevo-lhe para o Garnier para onde já dirigi uma carta ha mezes sobre o seu artigo num jornal do Norte a proposito de minhas historias.

Um grande abraço do seu amigo

Domicio

O illustre actual Embaixador do Brasil nos Estados Unidos, si tem grande saldo a favor com a Patria politica, está em grande divida com a Patria literaria, que sabia muito poder esperar delle. Tanto talento, tanto pensamento, tanta emoção, tanta arte de escrever e até hoje só o volume, aliás precioso das *Historias Curtas*. Ah! seu Domicio...

(*Continua*)

ANTONIO SALLES

VOCABULARIO ANALOGICO [1]

VI

ANIMAES DOMESTICOS

Alão, cão grande de fila.

Alçado, adjectivo usado no sul do Brasil com referencia ao gado bravio, que tem vivido sempre no matto. Corresponde ao termo "amontado", que se emprega no norte.

Alfeire, gado que não cria.

Alotador, (bras. do norte), o mesmo que garanhão.

Almalho, synonymo de bezerro.

Annaco, annejo, annelho, annojo, adjectivos referentes a animal de um anno.

Araiha, novilha de dois annos.

Aratanha, (bras. do norte), vacca pequena de chifres mais compridos que o vulgar.

Asno, o mesmo que jumento. Ha o feminino "asna": — "Acharam uma "asna" atada." Heitor Pinto, Imagem da vida christan, 65.

Bacarahy, (bras. do sul), féto de vacca, que se aproveita como alimento apetitoso, quando se mata a rez em estado de prenhez.

Bacarim, (bras.), porco novo, leitão. Almanaque Garnier, 1914, 473.

Bácoro, o mesmo que leitão. Ha o feminino "bácora".

Bagual, (bras. do sul), cavallo novo e muito arisco. Emprega-se tambem com referencia ao boi: "O Antonio Rego, que viera dos Ratones com uma tropa de bois chueros: o Justino já tinha apartado um para a vara; era um "bagual", o raio, procurava a gente que nem um cachorro." Virgilio Varzea, Mares e Campos, 68.

Barbatão. — "Succedera o mesmo que nos pampas do sul: as raças se tornaram silvestres, e manadas de gado amontado, que ainda hoje na provincia (Ceará) chama-se "barbatão", vagavam pelos campos e enchiam os mattos." Alencar, O Sertanejo, I, 44.

Barrigudo, (bras. do norte), bezerro magro e doente. R. Magalhães, Vocabulario Popular.

Bezerro, cria da vacca até um anno.

Besta, exprime propriamente qualquer quadrupede: "Feras, domesticas "bestas"," em vez de animaes domesticos, escreveu Garcia de Rezende, Liv. Classica, 237. Esta palavra veio a especializar-se, designando "mula": "A essa hora, um viajan-

(1) V. a "Revista do Brasil" de Dezembro de 1916, Fevereiro, Abril, Julho e Novembro de 1917.

te, montado numa boa "besta" tordilho-queimada, gorda e marchadeira, seguia aquella estrada." Taunay, Innocencia, 37.

Bichano, gato, especialmente gato novo.

Bicho. — "Agarrou o "bicho" (o boi) pelas galhadas e o sugeitou que nem um cabrito." Domingos Olympio, Lusia Homem, 32.

Birre, (prov. alg.), synonymo de varrão. Figueiredo, Diccionario.

Bode, macho de cabra; capro, cabrão, cabro, hirco, pae-de-chiqueiro, maioral do rebanho.

Boi. — Ha diversos nomes para indicar este animal, conforme sua idade, fim, ou raça: — bezerro, vitelo, garrote, novilho, touro, marruaz, caracú, zebú, etc.

Borracho, filhote de pomba. No litoral da provincia do Minho usa-se da palavra "pichão" como synonyma de borracho, conforme Gonçalves Viana, Apostilas.

Bôrro, carneiro de um a dois annos.

Buldogue, cão de fila, de raça ingleza.

Burro, que significa jumento, é usado no Brasil como synonymo de mulo, e no Minho para exprimir o cavallo: — "Com a mesma razão com que no nosso Minho se chama ao cavallo "burro", e a este jerico, sem licença do diccionario de Moraes." L. A. Palmeirim, Galeria de figuras portuguezas, 56.

Cabeça-baixa, (bras. do norte), porco ou porca.

Cabra, femea do bode, cabrita. E' termo usado para designar a especie:

"Nem "cabra", nem ovelha alli offende.
"Herva, folha, nem flor, ou ferro duro." Camões.

Cabresto, boi manso que serve de guia ao rebanho de gado bravo. Aulete, Dicc.

Cabrito, cria da cabra; bode, ou bode castrado de qualquer idade. E' empregado para exprimir a especie: Elle tem grande criação de "cabritos".

Caçápo, coelho novo, láparo.

Cachaço, porco que não é capado.

Cachorro, filho recem-nascido do cão. Hoje se emprega como synonymo de "cão". Significa tambem filho recem-nascido do leão, do lobo, do tigre e de outras feras:

"Como a leoa ampara os seus "cachorros".
"Que em selva ataca chusma de monteiros."
Odorico Mendes, Illiada, 219.

Cadela, femea do cão, **cachorra.** O diccionario de Moraes dá a fórma "cadêlo", significando cãozinho.

Calunga, rato pequeno; camondongo, murganho, tramelo.

Cão. — Tem como feminino "cadela", e como synonymos "cachorro", "perro", etc.

Capado, (bras.), porco castrado.

Capão, gallo capado.

Carneira, pelle de carneiro; (bras.), ovelha.

Carneiro, que tem por feminino "ovelha".

Caruara, bezerro enfezado, doente. Pacheco Junior, Grammatica, 54.

Castrado, diz-se do animal privado dos orgams reproductores; capado, capão; coado.

Cavallinho, cavallo pequeno; couro curtido de cavallo.

Cavallo, cujos synonymos se encontram em artigo especial.

Cevado, porco que esteve na ceva; capado.

Chamiço, (prov. alent.), porco magro.

Chibarro, pequeno bode castrado.

Chibato, cabrito de seis mezes a um anno.

Chibo, o mesmo que cabrito.

Chirimbabo, qualquer animal domestico; pequena criação. (Amazonia). R. Magalhães, Vocabulario Popular.

Choca, vacca, que guia os touros: — "Ell-o completo o curso. As "chocas" resonantes se incum-

bem de o levar (o touro) aos pontos mais distantes." Bulhão Pato, Livro do Monte, 55.

Chucro, bravio, esquivo; o que não é manso. Diz-se do gado vaccum e do cavallar.

Coado, castrado, em relação ao boi.

Cordeiro, a cria da ovelha; anho, recental, borrêgo.

Corteleiro, diz-se do boi manso, que vem sempre ao curral.

Criação, animaes domesticos, que servem para alimentação do homem.

Cria. — Para indicar a cria dos animaes domesticos ha nomes apropriados, como sejam "bezerro", "poldro", "cabrito", "cordeiro", "leitão", "pinto" e "borracho", usando-se tambem, para o mesmo fim, de diminutivos: — cavallinho, carneirinho, burrinho, gatinho, etc. Do passaro e da cobra diz-se "filhote".

Cusco, cão de raça pequena, cão fraldeiro, o mesmo que "guaypé" ou "guaypeva". Romaguera, Voc. Sul Rio-Grandense.

Cuscucio, cordeiro nascido no outomno.

Egua, femea do cavallo. A fórma feminina "cavalla" é nome de um peixe.

Erviço, bácoro nascido na primavera.

Especie. — O nome masculino é usado para designar a especie: — o "cavallo" presta bons serviços. Por excepção empregam-se para esse fim os femininos "cabra", "ovelha", "gallinha", "pomba", "perdiz", "abelha", "raposa" "lebre", em vez dos masculinos "bode", "carneiro", "gallo", "pombo", "perdigão", "zangam", "raposo", "lebrão". Com alguns desses o uso é vario, dizendo-se creação de "ovelhas" ou de "carneiros", de "cabros" ou de "cabritos".

Farauta ou **farota,** ovelha velha, conforme Dic. de Figueiredo.

Farroupo, porco que não tem mais de um anno.

Feminino. — A's vezes o feminino é preferido para designar a carne ou a pelle dos animaes: carne de "vacca", de "vitella", de "gallinha"; "carneira", "vaqueta", nomes de pelles. Usam do feminino ou do masculino nos seguintes exemplos:

"E quando, em vez de ovelha, haja "leitôa", não temos que se anoje. O brodio é franco aos bons vizinhos."

Castilho, Fastos, I, 149.

"Nos dias de festa matava um "leitão."

M. de Assis, D. Casmurro, 47.

Fila. — Um "fila" ou um cão de "fila", o que pela sua braveza se emprega como guarda das casas ou das fazendas.

Fraldeiro ou **fraldiqueiro,** diz-se do cão, acostumado ao regaço das mulheres.

Frango, filho da gallinha, já crescido, mas antes de ser gallo. Ha o feminino "franga", a fórma "frangam", pouco usada, e o synonymo "pôlho", antigo.

Gado, os animaes, especialmente os bois, creados na fazenda para os trabalhos agricolas e outros usos.

Galdrapa, porca grande e magra.

Galgo, cão muito empregado na caça das lebres.

Gallo, tem como feminino "gallinha", que é um diminutivo.

Gallispo, gallo pequeno; (prov. alent.), que tem um só testiculo, falando-se de burros ou cavallos.

Garanhão, cavallo reproductor, pastor; pae de egua (bras. do norte).

Garnizé, gallo pequeno.

Garraio. "Os "garraios" de meu tempo ficaram touros." Alencar, Sertanejo, I, 199.

Garrote, boi de dois annos de idade.

Godalha, (prov. trasm.), cabra nova e muito inquieta.

Gôso, cãozinho vulgar.

Gruim, grulha, grunho, o mesmo que porco.

Guacho, (bras. do sul), animal creado em casa sem ser amamentado pela propria mãe; cavallo muito novo e de pequeno porte.

Guadimá, (bras. do norte), touro bravio. João Ribeiro, Dic. Grammatical, 47.

Guecha, (bras. do sul), mula: — "O velho Elyseu Brito, quando ás vezes la vel-o, na sua "guêcha" branca." V. Varzea, Mares e Campos, 123.

Guecho, (Açores), novilho.

Hechor, (bras. do sul), jumento.

Inteiro, diz-se do animal não castrado.

Jegue, (bras.), jumento.

Jerlopa, (bras.), egua. Almanaque Garnier, 1914, 473.

Jumento, tem como synonymos "asno", "burro", "gerico", "hechor", "jegue", "onagro", "zachael".

Juvenco, novilho.

Lapiga, (bras.), garrote magro, acanhado, ruim. Almanaque Garnier, 1914, 473.

Larada, ovelha, segundo Cortesão, Subsidios Diccionario.

Laraita, (prov. transm.), porca grande e magra.

Larego, (prov. transm.), pequeno porco, entre leitão e cevado.

Lebreu, cão para a caça das lebres.

Leitão, cria do porco; tem como feminino "leitôa".

Lerca, vacca muito magra.

Macho, filho de jumento e egua ou de cavallo e jumenta; tem como synonymos "burro", "mu", "muo", "muar"; tem como femea a "mula". Si é filho de jumenta, o muar chama-se "asneiro"; si de egua, "eguariço". Diz o dictado: — Mula asneira e macho eguariço.

Madrinha. "Passe uma tropa de animaes, dividida em lotes de onze bestas, cada qual tocado por um camarada, com a "madrinha" na frente, toda cheia de chocalhos e vaidosa compostura." Taunay, Céos e terras do Brasil.

Malato, carneiro de um anno, mais ou menos.

Mamão, (bras. do norte), rez que ainda mama; cordeirinho. R. Magalhães, Vocabulario Popular.

Mamote, (bras.), bezerro grande.

Marel, padreador, reproductor.

Marran, feminino de marrão; (bras. do norte), ovelha pequena.

Marrão, porco pequeno, que deixou de mamar; marrano.

Marraxo, gato velho, docil e brincão.

Marruaz, marruá ou marrueiro, o mesmo que touro: "Todo dia havia um caso novo, uma chifrada de "marruaz"." Arinos, Pelo Sertão, 160.

Martinho, carneiro de semente, maioral do rebanho, conforme Odorico Mendes, Virgilio Brasileiro, Notas, 167.

Mastim, cão que se emprega para vigiar o gado.

Mocambeiro, (Ceará), boi que anda escondido nos mocambos e não vem ao curral: — "Gastou tres mezes, mas trouxe o "mocambeiro" amarrado á argola da cilha." Alencar, O Sertanejo, I, 126.

Molôsso, especie de cão de fila, o mesmo que "alão".

Monorchio, diz-se do animal, que só tem um testiculo. Ramiz Galvão, Vocabulario.

Mulato, antigamente synonymo de burrinho, mulo pequeno: "Porque o "mulato", depois que se farta do leite da mãe, tira-lhe couces." Heitor Pinto, Vida Christan, II, 346.

Mumbica, (Ceará), garrotinho magro, enfezado: "Alem um "mumbica" malhado, em cujo flanco se enterra estrepe agudo." Euclydes, Sertões, 127.

Munjolo, (bras. do norte), bezerrinho: "Ouvia o mugir lamen-

toso das vaccas presas nos curraes, o gemido soturno e timido dos bezerros e "munjólos" famintos." D. Olympio, Luzia Homem, 68.

Napeva, nanico: diz-se do gallo ou gallinha, que tem pernas curtas.

Nonato, (bras. do sul), bezerro que se encontra no ventre da vacca, quando esta é morta. E' o mesmo que "terneiro", "tapichy", "vacarahy", "bacarahy". Romaguera, Voc. sul rio-grandense.

Novilho, boi de tres annos de idade.

Omarrancho. "E cuincha, torna a cuinchar em estribilho com um "ômarrancho" com a ponta da faca do cozinheiro na guéla." Ruy Barbosa, Esfola da calumnia, XVI. Figueiredo dá "marrancho" (prov. transm.), porco.

Ovelha, femea do carneiro. Geralmente serve para exprimir a especie, mas no Brasil prefere-se o masculino para esse fim: "Pelas encostas da collina viam-se derramados os rebanhos de "carneiros." Alencar, Tronco do Ipê, 163.

Pastor, o mesmo que garanhão.

Pequira, cavallo pequeno.

Perdigueiro, cão que serve para caçar perdizes e codornas.

Piguancha, (bras. de Minas), egua velha. Annuario de Minas Geraes, II, 634.

Pinto, o filho da gallinha, quando ainda é pequeno e segue a mãe. Ha os diminutivos "pintinho" e "pintainho"; o feminino "pinta" é desusado.

Pixuna, punaré, ratinho. R. Magalhães, Vocabulario Popular.

Podengo, cão destinado á caça de coelhos.

Poldro, potro, cavallo novo, de menos de quatro annos.

Polhastro, (ant.), frango grande.

Pombo, pomba. Para exprimir a especie usa-se do masculino ou do feminino, como se vê em Heitor Pinto, Imagem da vida christan: — "Dous generos de aves mandava alli Deus que lhe offerecessem, rolas e "pombos." I, 380. "Não offereciam a Deus calhandros nem pintisirgos alegres em sua musica, mas "pombas" tristes em seu canto." I, 379.

Porco, tem como synonymos "cerdo", "cochino", "gruim", "grulha", "grunho", "marrancho", "reco", "suino".

Potranco, (bras. do sul), poldro de um até dois annos.

Potrilho ou potreco, poldro de poucos dias de idade.

Rafeiro, cão que serve para a guarda de gado.

Rato, tem como femininos "ratazana" e "rata". "Uma "rata", roendo-lhe o couro e carne, fez alli o seu ninho." Bernardes, Floresta, I, 504.

Recental, cordeiro de poucos mezes; rozental.

Reco, (prov. transm. e minh.), porco; (prov. beir.), marreco ou pato.

Redomão, (bras. do sul), cavallo que soffreu poucos galopes ou repasses, e que não está bem manso. Romaguera, Voc. sul rio-grandense.

Reixelo, (prov. transm.), carneiro novo.

Rez, qualquer quadrupede que serve para alimento do homem, especialmente o boi.

Roncolho, diz-se do animal, que tem um só testiculo ou é mal castrado.

Sabujo, cão de caça grossa.

Senisga, (t. da Bairrada), leitôa.

Sinuelo, (bras. do sul), gado manso, que se reune ao bravo, para lhe servir de guia.

Tambeiro, (bras. do sul), boi manso, que foi acostumado desde muito novo ao curral.

Terneiro, (bras. do sul), bezerro, tenreiro: "Tinha-se aproximado de uma vacca muito gorda, cuja cria, "terneira" alentada, pastava já longe.

deslembrada quasi da teta." Julio Ribeiro, A Carne, 94.

Terra-nova, cão pertencente a uma raça da Terra Nova, America do Norte.

Tibira, (bras. do norte), vacca que dá pouco leite.

Toiruno, mal castrado, falando-se do boi.

Totó, o mesmo que cãozinho.

Touro, boi destinado á reproducção. O feminino "toura" quer dizer vacca esteril.

Vacca, femea do boi. Prefere-se o feminino "vacca" para designar a vianda: "carne de vacca" e não "carne de boi".

Vaquilhona, (bras. do sul), vacca nova antes de parir; novilha. Romaguera, Vocabulario.

Varrão, porco que não é castrado; varrasco, barrão, barrasco, berrão.

Veadeiro, cão empregado na caça de veados.

Vello, lan de cordeiro ou de ovelha; vellocino.

Vitello, feminino vitella, bezerro até um anno de idade.

VII

SYNONIMOS DE "CAVALLO"

Alarife, cavallo ardego. Taunay, Lexico de lacunas.

Alazão, cavallo côr de canella.

Alfaraz, cavallo arabe, exercitado na guerra.

Alotador, (bras. do norte), o mesmo que garanhão.

Andaréco, (bras. do sul), cavallo pequeno, feio e ordinario.

Animal, (bras.), cavallo; no norte do Brasil, como substantivo feminino, significa egua, conforme Rodolpho Garcia, Dicc. de brasileirismos.

Arenque, cavallo magro e ordinario: "Ora se achava bifurcado no pescoço do "arenque" que lhe servia de conductor, ora se encontrava sentado na anca do animal — unica victima de um permanente sarilho de marradas (na tourada)." Palmeirim, Galeria de figuras, 175.

Arrasto, cavallo lerdo, ruim, pesadão, que com difficuldade caminha. Romaguera, Vocabulario.

Azemula, cavallo velho e estropiado.

Badona, (gir.), cavallo.

Bagual, cavallo selvagem, chucro. Alencar, O Gaúcho, I, 238.

Bicho. "Pois ensilha o seu "bicho" e caminha como eu lhe disser." Taunay, Innocencia, 34.

Biriba, eguinha, egua pequena ou nova, mas refeita, já prompta para o trabalho. Macedo Soares, Dicc. Brasileiro.

Brivana, (bras. do norte), egua. Raymundo Magalhães, Vocabulario Popular.

Bucephalo, nome de um famoso cavallo de Alexandre Magno.

Burro, nome que no Minho se dá ao cavallo, segundo Palmeirim, Galeria de figuras, 56.

Camorupim, (bras. do norte), cavallo velho e magro. R. Magalhães, Vocabulario.

Campeador, o mesmo que campeão.

Campeão, (bras. do norte), cavallo em que os vaqueiros vão reunir o gado: — "O vaqueiro rude, vestido de couro, montado no "campeão" suarento e resfolegante." Euclydes, Sertões, 447.

Candorça, (prov. transm.), egua velha e escanzelada.

Canivete, pequeno cavallo magro e feio. Taunay, Lexico de lacunas.

Catrapeu, (gir. ant.), cavallo.

Catrapão, (t. do Funchal), cavalgadura pesada, feia e de mau passo.

Catrapós, (pop.), cavallo. A. Bessa, Gíria Portugueza.
Catróio, (gir.), cavalgadura.
Cavalgadura, animal de sella: "Acolhe-se elle ao **sombreado** retiro, onde prestes desarreia a "cavalgadura". Taunay, Innocencia, 25.
Cavallicoque, pejorativo de cavallo.
Caxito. "O echoar da voz gutural do pae, cavalgando, á ilharga, o melado "caxito"." D. Olympio, Luzia Homem, 69.
Changueiro, (bras. do sul), cavallo parelheiro ou de corrida, de pouco merecimento. Romaguera, Vocabulario.
Corcel, cavallo de batalha; cavallo veloz.
Egua, femea do cavallo.
Faca, cavallo leve e elegante; facanéa ou hacanéa.
Facanéa, cavallo ou egua de fórma elegante.
Flête, (bras. do sul), cavallo bom e bonito, quasi sempre bem ensilhado: "Montado num bom "flête"." Alcides Maya, Tapera, 11.
Forroia, (bras. do norte), egua velha.
Frisão, cavallo forte.
Gaio, (gir.), cavallo.
Garanhão, o que serve para reproductor.
Garrano, cavallo pequeno e forte.
Ginete, cavallo de raça fina; corcel.
Grané, cavallo; "grané", egua. Calão de ciganos alquilés, conforme Gonçalves Viana, Apostillas.
Grelha, cavallo magro e ordinario. Rodolpho Garcia, Dicc. de Brasileirismos.
Guacho, (bras. do sul), cavallo muito novo e de pequeno porte.
Hacanéa, o mesmo que facanéa.
Horsa, o mesmo que egua: "Horsa" normanda." Garrett, Viagens, I, 46.
Mancarrão, (bras. do sul), cavallo velho, manco e quasi imprestavel.
Matungo, (bras.), cavallo de poucos andares, pesadão.
Montada. "E' impossivel idear-se cavalleiro mais descuidado e deselegante; sua posição, pernas colladas ao bojo da "montada", etc." Euclydes, Sertões, 115.
Montaria, (bras.), cavalgadura.
Morzelo, cavallo preto.
Mosquete, (bras.) cavallo pequeno e corredor. Sylvio Romero, Contos, 90.
Nambi, cavallo que tem uma orelha cahida.
Pac-d'egua, (bras. do norte), cavallo reproductor.
Palafreno, animal destinado ás senhoras, cavallo de silhão; (ant.), cavallo em que os reis e os nobres faziam sua entrada nas cidades.
Parelheiro, cavallo de corrida.
Pastor, o mesmo que garanhão.
Pecêta, (bras. do sul), cavallo feio, pequeno e de pouco valor.
Pégaso, muito usado como nome proprio de animal, em lembrança do cavallo mythologico que significa.
Pequiro, (bras.), cavallo de pequeno tamanho.
Percherão, ou percheron, especie de cavallo francez muito apreciado para puxar carros.
Petiço, (bras. do sul), synonymo de pequira.
Picafumo, cavallo de andadura irregular e desagradavel. Taunay, Lexico de lacunas.
Picapau, (bras.), cavallinho ruim.
Pileca, (pop.), cavallinho ordinario.
Pilungo, (bras. do sul), o mesmo que mancarrão.
Pingaço, (bras. do sul), cavallo muito bonito e excellente. E' augmentativo de "pingo".
Pingo, (bras. do sul), "O gaúcho andrajoso sobre um "pingo" bem aperado, está decente, está correctissimo." Euclydes, Sertões, 118.

Piquete, (bras. do sul), cavallo que está sempre prompto para qualquer necessidade em serviço nas estancias.
Poney, designação do cavallo de certas raças, que se distinguem pela sua pequenez, encontrando-se alguns de menos de um metro de altura, e tão doceis que não precisam de ser amansados.
Poldro, cavallo novo.
Potranco, (bras. do sul), poldro de um a dois annos.
Potrilho, (bras. do sul), poldro de poucos dias de idade.
Potro, o mesmo que poldro.
Puro sangue, cavallo ou egua de raça.
Quartão ou quartau, cavallo pequeno e robusto. A Rev. da Academia Brasileira, anno II, n. 3, dá "quartau" com a significação de cavallo castrado.
Redomão, (bras. do sul), cavallo ainda meio bravo: — "E, rompendo pelas coxilhas, arrebatado na marcha do "redomão" desensoffrido." Euclydes, Sertões, 118.
Reiuno, (bras. do sul), cavallo que pertence ao Estado; qualquer cavallo feio e ruim.
Rocim, cavallo pequeno e fraco.
Rocinante, o mesmo que rocim (do nome proprio do cavallo de D. Quixote).
Sendeiro, cavallo ordinario.
Soreiro, (bras. de Minas), cavallo de sella muito bom. Almanaque Garnier, 1912, 418.
Tranquito, (bras. do sul), cavallo que anda bem, que é estradeiro.
Trotão, ou trotador, animal que anda muito de trote.
Urco, o mesmo que frisão.

VIII

ADJECTIVOS REFERENTES A ANIMAES

Abelha: apiario.
Abutre: vulturino.
Aguia: aquilino.
Alcyão: alcyóneo.
Andorinha: hirundino.
Aranha: araneano, aranhento, aranhoso.
Asno: asinal, asinario, asinino, asnal, asnatico, asneiro, burrical, jumental.
Aves: aviario, avicolario.
Aves de rapina: accipitrino.
Besouro: besoural.
Bode: hircico, hircino.
Boi: bovino, vaccum.
Borboleta: papilionáceo.
Bufalo: bufalino.
Cabra: cabrum, cabritino, cápreo, caprideo, caprino, caprum.
Camello: camellino.
Cão: canejo, cainho, canino, canzoal, cynico (des.).
Carneiro: carnelrum.
Cavallo: cavallar, equideo, equino, hippico.
Cobra: colubrino, echidnico, ophidico, ophidio, serpentino, vipereo, viperino, vipero.
Cordeiro: aninio.
Corvo: corvino.
Elephante: elephantico, elephantino.
Falcão: falconideo.
Feras: beluino, ferino.
Formiga: formicario.
Furão: viverrideo.
Gado: pecuario.
Gafanhoto: acrielliano, acridio, locustario.
Gallinha: gallinaceo.
Gallo: alectorio.
Ganso: anserino.
Gato: felino, gatesco, gatuno.
Gorgulho: curculionideo.
Insectos: entomico.
Leão: leonico, leonino.
Lebre: leporino.
Lesma: limacideo.
Lobo: lobal, lupino, lobuno (ant.).

Macaco: macacal, macaqueiro, simiano, simio.
Morcego: morcegal.
Mulo: muar.
Ostra: ostraceo.
Ovelha: carneirum, ovelhum, ovino.
Papagaio: papagaial.
Pato: anserino.
Peixe: ichthyaco, ichtyico, pisceo.
Pelicano: pelicanideo.
Perdiz: perdiceo.
Perú: peruelro.
Pombo: columbano, columbino.
Porco: porcino, porqueiro, suino.
Ran: batrachoide.
Raposa: raposino, vulpino.
Rato: murideo, murino, ratinheiro, ratinho.
Rôla: turturino.
Tigre: tigrino.
Tordo: turdideo.
Touro: taureo, taurino, toureiro.
Urso: ursideo, ursino.
Vacca: vaccaril, vaccarino, vaccum, vaqueiro.
Veado: cerval, cervino, cervum, elaphiano.
Zebra: zebral, zebrario, zebroide, zebrum.
Zoophytos: zoophytario, zoophytico.

FIRMINO COSTA

GUERRA
E ALIMENTAÇÃO NACIONAL

(REFLEXÕES DE UM DESORIENTADO)

Acha-se de novo em fôco o encarecimento dos essenciaes á existencia. Governos, Congressos, jornalistas, financeiros, politicos, cavaqueadores e más linguas, colhem o problema para assumpto predilecto de incansavel verbiagem. E, a mim, acôde-me á memoria um incidente, de que fui testemunha, passado na legação Brasileira, em Buenos Aires, ha coisa de dez annos.

Quem então por lá se perdia, por essas terras do Prata, não deixava de frequentar, com a assiduidade possivel, o distincto palacete de Juncal, onde residira Pellegrini, e onde Assis Brasil, e toda a sua familia, eram de acolhimento e affabilidade inolvidaveis, para os patricios que alli se apresentavam.

Tinha o nosso representante a seu serviço um motorista, que, por signal, cumpria diligentemente as obrigações que lhe incumbiam. Um bello dia reclamou elle do patrão augmento de ordenado. Em principio, este, que gostava do rapaz, não estava longe de lhe dar satisfação. Oppoz-lhe, porém, apenas, uma condicional. Que lhe explicasse a razão de ser do requerido.

Andavam, por esse tempo, os jornaes do paiz, não me lembro mais a que proposito, repletos de locaes sobre "carestia de la vida". E isso tinha enchido os ouvidos, e a cabeça, ao nosso homem. "Mas, quem te veste, quem te dá cama e mesa ?... Não sou eu ?" perguntava-lhe Assis, que, de facto, era prodigo com o servidor.

De accordo, repetia este. Mas, a vida está cada vez mais cara. "Se assim é, parece-me ser eu, e não tu, que estou no direito de pedir-te um abatimento de salario. Pois não é exacto ?..." Era exacto; mas o freguez, a quem haviam ensinado a ler e decorar, mas não a raciocinar, menos ainda a saber governar-se por si, abanava a cabeça, sem convicção. E o ministro teve que pol-o a andar, des-

apontado com uma falta de criterio, de que, até tal emergencia, nem sequer suspeitara.

Era completa, entretanto, a boa fé do reclamante. Tanto que foi empregar-se alhures, verificou e sentiu, no proprio bolso, desequilibrio superior ao que experimentava em casa do antigo patrão — e que procurára sanar com a exclusiva intervenção deste, não da conducta pessoal—e voltou, contricto, a bater de novo á porta hospitaleira de Juncal, que sem rancor o acolheu, aberta, e absolvido de culpa e pena.

No periodo critico que atravessamos está-se procedendo, de alto a baixo, entre nós, á moda do motorista de Assis Brasil.

Pergunte-se, ao acaso, a qualquer dos muitos que, a toda hora, se nos queixam das amarguras presentes, que tem tentado elle fazer, pessoalmente, para attenuar-lhe as consequencias... Terá augmentado, porventura, entre nós, o movimento cooperativista que, sob a pressão das circumstancias, está por toda a parte experimentando surto sem precedentes, justificado aliás pelos resultados incontestaveis de experiencia quasi secular?... Não consta.

Fale-se-lhe, logo depois, porém, ao mesmo, na atonia dos poderes publicos... Ver-se-ha, de subito, rapida mutação.

O inerte e desencorajado de minutos antes transformar-se-ha, como que por encanto, rubro de indignação, em aspero e violento censor. E vehemente destampatorio lhe jorrará, incontido, dos colericos e frementes labios.

Volvamos agora os olhos para aquelles. Sem ir mais longe, recordemo-nos simplesmente do gesto recente, tão calorosamente applaudido pela imprensa desta capital e do Rio, do Governo Paulista junto ao da União. A leitura da significativa mensagem condensa a attitude: "Os generos andam subindo desde que estalou a guerra. Emquanto verificámos que a alta era devida a causas naturaes, ficámos de braços cruzados (nada pedimos, é o que isto quer dizer). Mas, as coisas mudaram ultimamente, e deram a conhecer que a especulação deixára de ser extranha ao caso. Como o correctivo, não depende de nós, e sim da Federação, cá estamos com a mão na aldrava."

Não se lembrou esse, nem ninguem, — é preciso ser justo — de lhe replicar: "e o que é que fez para dar combate ás causas naturaes?..." Discrição summamente louvavel, mas perfeitamente explicada, porquanto elle mesmo, governo da União, teria ficado embaraçado com a impertinente pergunta. E mais uma vez, ainda, tambem nada encontrou de melhor, por seu turno, do que ir bater a outra porta, a do Congresso.

Responderá este, claro está, votando uma lei. E ficará tudo salvo, no consenso unanime. As criticas unicas, que se esboçaram,

as dos eternos descontentes, e dos adversarios politicos, limitaram-se a resmungar, despeitadamente, que ha muito e muito tempo tudo isso deveria estar feito.

Estivessem elles de cima, e outro gallo teria cantado...

Acceitam todos, em conclusão, esta é que é a verdade, e sem uma mesmo perfunctoria analyse das diversas faces do problema, que bem a merecia, comtudo, pela gravidade da situação, a theoria e a effectividade do "estado-providencia", tão attrahentes, e commodas, ambas, aos olhos dos póvos que, do berço á escola, da escola á carta de bacharel, recebem educação, que lhes ensina a contar com os patronos e compadres, não com o esforço individual, para solução dos apuros da vida.

Chegue a vez, ao desorientado que enche estas tiras de quando em quando, — duplamente desorientado neste caso, em que se sente divergente com governantes e governados, governistas e opposicionistas — chegue-lhe a vez, de indagar se não seria muitissimo mais proveitoso, que cada um, particular e Estado, olhasse nas circumstancias presentes, para as contas da sua economia domestica...

Analysemos, pois, o problema.

Demos preferencia, nesse exame, ao aspecto que diz respeito á alimentação.

E comecemos pelos que são alimentados á custa do Orçamento.

***

Sustenta, o governo de S. Paulo, aos immigrantes que, em demanda do Estado, aportam a Santos.

Em virtude da carestia da vida, qual é o sacrificio supplementar que semelhante serviço deverá estar impondo, aos cofres do Thesouro, a partir de 1915, anno em que se manifestaram os pródromos do phenomeno?

Não temos á nossa disposição a contabilidade da respectiva Secretaria. Nem della precisamos. Mas, a directoria da "Hospedaria de Immigrantes" forneceu-nos, com amabilidade que aqui gratamente consignamos, a composição das refeições servidas. E, a solicita e zelosa administração da Santa Casa de Misericordia da Capital, a cuja testa se encontram os nomes mais respeitaveis da sociedade paulista, abriu-nos os seus livros, onde colhemos os preços, que mais nos interessavam, constantes do Quadro I, pelos quaes os seus fornecedores, escolhidos em escrupulosa concurrencia, se compromettteram, no periodo considerado, a abastecer os institutos, della dependentes, semestre por semestre.

Assim, os da ultima columna são os alcançados na praça, en-

QUADRO I

GENEROS	Designação da unidade em "kilos", ou "litros"	PREÇOS 1915 1.º semestre	1915 2.º semestre	1916 1.º semestre	1916 2.º semestre	1917 1.º semestre	1917 2.º semestre	1918 1.º semestre	1918 2.º semestre
1 — Azeite ordinario	Litro	2$600	2$600	2$600	2$600	3$500	3$500	5$000	10$000
2 — Arroz nacional	K.º	$500	$650	$600	$600	$580	$580	$580	$600
3 — Assucar de segunda	K.º	$470	$500	$740	$740	$740	$740	$740	$900
4 — Assucar de terceira	K.º	$420	$460	$700	$700	$700	$700	$720	$840
5 — Banha	K.º	1$300	1$300	1$350	1$350	1$400	1$400	1$750	2$000
6 — Bacalhau	K.º	$900	$900	1$150	1$150	1$400	1$400	1$800	2$200
7 — Batatas	K.º	$280	$280	$280	$280	$280	$280	$300	$350
8 — Carne secca	K.º	1$000	1$100	1$200	1$200	1$300	1$300	1$500	1$600
9 — Carne de vacca	K.º	$460	$460	$500	$500	$650	$650	$750	$750
10 — Café torrado e moido	K.º	$600	$600	$600	$600	$800	$800	$700	$700
11 — Farinha de mandioca	K.º	$270	$270	$300	$300	$350	$350	$370	$480
12 — Feijão mulatinho	K.º	$320	$320	$300	$300	$320	$320	$480	$450
13 — Macarrão	K.º	$420	$420	$550	$550	$600	$600	$850	$950
14 — Manteiga	K.º	3$200	3$200	3$200	3$200	3$400	3$400	4$200	4$500
15 — Mate	K.º	$600	$600	$600	$600	$620	$620	$650	$700
16 — Pão	K.º	$380	$490	$440	$440	$520	$750	$750	$700

cerrada a 25 do mez passado, e que vigorarão até 31 de Dezembro do anno corrente.

Nesse Quadro, uma porcentagem, que verificámos variar entre limites estreitos, addicionada a cada uma das unidades, poderia dar idéa dos preços, dos mesmos generos, a varejo. Não nos importa esse lado da questão e, por isso, não o apresentamos. Basta-nos, para as conclusões a que chegaremos, saber, que a relação, entre os custos dos diversos artigos, se mantem sensivelmente constante, quer se trate da venda a miudo, como por atacado. E isso de facto se realisa, como será facil a qualquer dos leitores conferil-o, estabelecendo o necessario calculo por propria conta.

Tambem deixamos de lado, por ora, a determinação do accrescimo peculiar a cada um dos productos, no decorrer do prazo considerado. E' servindo-se de tal coefficiente, que os escassos estudos, que têm sido publicados, ácerca do assumpto, hão podido chegar ás deducções, que melhores lhes parecem. Ora, o que tem real utilidade, não é nada disso, mas sim conhecer qual a influencia, que os encarecimentos successivos, e independentes uns dos outros, dos diversos essenciaes, vêm a exercer na despesa de manutenção do individuo. E' essa influencia, que se acha determinada, quanto ao immigrante sustentado pelo Estado de S. Paulo, nos Quadros II e III.

O primeiro desses quadros, mostra a composição qualitativa, e quantitativa, das 14 refeições regulamentares. A primeira columna corresponde ás duas menores, distribuidas ás 7 da manhã e ás 7 da noite. A ultima representa o farnel de viagem; por esse motivo a pomos á margem. Fez-se o mesmo, relativamente ás de numeros 9 e 10, mas por motivo differente. Esse motivo é o que passo a expôr.

O nosso balanço comporta, como todos os balanços, "deve" e "haver". Para cada genero, sob o ponto de vista em fôco, se um desses termos traduzir em debito o respectivo custo no mercado, passará para o outro, a credito, o valor physiologico, o rendimento final no organismo, no corpo humano, da quantidade de alimento correspondente.

Esse valor physiologico, é medido numa unidade, que se chama "caloria". A caloria é o estalão de producção de calor, e, como calor e trabalho são dois factores que se convertem um no outro, segundo relação exacta e conhecida, a caloria exprime a combustão completa de uma dada porção de alimento, a qual, por essa forma, desenvolve energia. E é igual á quantidade de calor, consumida, para elevar a temperatura, de uma gramma de agua, de um grau centigrado. Designa-se essa, pela denominação de "pequena caloria", reservando-se a de "grande", á quantidade, que produz igual elevação, ao kilo, ou mil grammas, do mesmo liquido.

QUAD

GENEROS	Café	ALMOÇO OU				
	1	2	3	4	5	6
Pão	100 gms.	150 gms.	150 gms.	150 gms.	150 gms.	150 gms.
Café	20 ,,	—	—	—	—	—
Assucar	40 ,,	—	—	—	—	—
Carne	—	200	200	200	200	200
Couve	—	62	62	62	—	—
Arroz	—	2 dcl.	—	—	—	—
Feijão	—	—	2 dcl.	1 dcl.	—	2 dcl.
Macarrão	—	—	—	100 gms.	150	—
Batatas	—	2 dcl.	2 dcl.	2 dcl.	2 dcl.	2 dcl.
Salame	—	—	—	—	—	—
Queijo	—	—	—	—	27 gms.	—
Salada	—	—	—	—	—	250 gms.
Bacalhau	—	—	—	—	—	—
Grão de bico	—	—	—	—	—	—
Condimento	—	52 rs.	52 rs.	52 rs.	52 rs.	132 rs.

QUAD

GENEROS	Quantidades ingeridas em 10 dias	Poder calorifico por 100 grammas de substancia	Poder calorifico armazenado	1915 1.º Semestre	1915 2.º Semestre
Carne	3.600 grs.	140 cal	5.040 cal	1$656	1$656
Bacalhau	800 ,,	71 ,,	568 ,,	$720	$720
Pão	5.000 ,,	270 ,,	13.500 ,,	1$900	2$450
Macarrão	500 ,,	360 ,,	1.800 ,,	$210	$210
Feijão	1.540 ,,	315 ,,	4.851 ,,	$492	$492
Batatas	3.100 ,,	95 ,,	2.945 ,,	$868	$868
Arroz	800 ,,	355 ,,	2.840 ,,	$400	$520
Verdura	1.250 ,,	26 ,,	325 ,,	$375	$375
Assucar	800 ,,	410 ,,	3.280 ,,	$375	$400
Café	400 ,,	390 ,,	1.560 ,,	$240	$240
Gorduras	1.000 ,,	886 ,,	8.860 ,,	1$300	1$300
Dez dias	17.190 ,,		45.569 ,,	8$537	9$231
Um dia	1.719 ,,		4.556 ,,	$853	$923
Mil calorias				$187	$202
Augmento resultante durante quatro annos.					8 %

RO II

JANTAR							Ração de viagem
7	8	9	10	11	12	13	14
150 gms.	150 gms.	150 gms.	150 gms.	150 gms.	150 gms.	150 gms.	500 gms.
—	—	—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	—	—	—	—
200	200	—	200	200	—	200	—
—	—	—	62	62	62	62	—
1 dcl.	2 dcl.	2 dcl.	—	—	—	—	—
—	—	—	—	2 dcl.	2 dcl.	2 dcl.	—
—	—	—	—	—	—	—	—
2 dcl.	2 dcl.	—	2 dcl.	4 dcl.	2 dcl.	2 dcl.	—
—	—	100 gms.	—	—	—	—	200 „
—	—	—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	—	—	—	—
100 gms.	150 gms.	—	—	—	150 gms.	—	—
—	—	—	2 dcl.	—	—	—	—
52 rs.	52 rs.	52 rs.	52 rs.	132 rs.	132 rs.	132 rs.	—

RO III

CUSTO						Augmentos individuaes por generos
1916		1917		1918		
1.º Semestre	2.º Semestre	1.º Semestre	2.º Semestre	1.º Semestre	2.º Semestre	
1$800	1$800	2$340	2$340	2$700	2$700	63 %
$920	$920	1$120	1$120	1$440	1$760	145 %
2$200	2$200	2$600	3$750	3$750	3$500	84 %
$275	$275	$300	$300	$425	$475	126 %
$462	$462	$492	$492	$739	$693	41 %
$868	$868	$868	$868	$930	1$085	25 %
$480	$480	$464	$464	$464	$480	20 %
$375	$375	$375	$375	$375	$375	zero
$592	$592	$592	$592	$592	$720	91 %
$240	$240	$320	$320	$280	$280	17 %
1$350	1$350	1$400	1$400	1$750	2$000	54 %
9$562	9$562	10$871	12$021	13$445	14$068	
$956	$956	1$087	1$202	1$344	1$407	
$210	$210	$228	$263	$299	$308	
12 %	12 %	27 %	41 %	60 %	65 %	

Dispoem os physiologistas, e não é de hoje nem de hontem, mas de ha muitos annos, de dados numericos, que lhes permittem, por processo arithmetico elementar, achar rapidamente taes valores, para todos os alimentos. Mas, eu não disponho, de prompto e á mão, dos numeros relativos ao "salame" nem ao ""grão de bico", que entram nas duas composições 9 e 10. Não offereceria grande difficuldade o empregar valores approximados; não querendo, porém, em caso algum, recorrer a algarismos discutiveis, e tratando-se de parcella perfeitamente dispensavel, vou lavrar o balanço, com os dez cardapios sobrantes, os de numeros 2 a 8, e 11, 12 e 13. São elles servidos, indifferentemente, na Hospedaria, ás 11 da manhã e ás 4 da tarde, ora ao almoço, ora ao jantar. Em dez dias, são, pois, comidos vinte vezes, e o seu poder calorifico, sommado ao dos cafés e das ceias acima mencionados, dará o "haver" ingurgitado, por individuo, nesse prazo. Dividindo por dez, teremos o "activo", por dia.

E' esse "activo", que está determinado, nas quatro primeiras columnas do Quadro III, explicadas pelo que acaba de ser lido, e onde, os numeros da segunda, representam os totaes, das quantidades escriptas, nas linhas horisontaes do Quadro II, excluidas apenas as das columnas 9, 10 e 14, pelos motivos já indicados.

As columnas seguintes, do Quadro III, entendem-se sem necessidade de interprete. As linhas horisontaes inferiores acham-se no mesmo caso.

A sua inspecção dá a perceber, por exemplo, desde logo, que, apesar dos fortes augmentos registados (84 e 126 por cento) nos preços das duas formas (pão e macarrão) sob as quaes lhe é ministrado o genero (trigo) que constitue a base escolhida para sua alimentação (5,ks 5 em 17 k 19 de peso; 3$975 em 14$086 réis para o semestre corrente, segundo a tabella da Santa Casa), o Estado não despendeu, a mais, com o passadio do hospede ,senão 65 por cento além, do que desembolsava em 1914.

Apresentará, porventura, tal resultado, um indice de boa administração ?... Vamos vel-o. Para esse fim, caminhemos atraz deste immigrante, á sua sahida da Hospedaria. No Quadro IV foram consignados os dados, de sustento, de uma turma de quarenta cabouqueiros, cerca de metade Italianos, Portuguezes e Hespanhoes os outros, á excepção de tres negros, fortes, e operarios comparaveis aos Europeus, como demonstra o cubo de terra que, diariamente, desmontam e carregam. Come, esta gente, ainda mais trigo, do que é distribuido, por cabeça, na repartição official (666 grs. de pão, 125 de macarrão; contra as 500 e 50, por dia, do Quadro III).

O accrescimo de despesa, registado, foi, sensivelmente, o

mesmo: 66 o|o em 1918 sobre a de 1914, ou um por cento mais, apenas, do que na Hospedaria.

Mas, o custo da alimentação, segundo a mesma tabella de preços, é de cerca de dez por cento menos: 1$276 em vez de 1$407. Qual a origem da economia, e economia de verdade? A carne, quasi que exclusivamente, alimento de que o cabouqueiro consome somente 210 grs. contra as 360 entregues ao recemchegado pela Ingleza. E que consome, note-se, substituindo a differença por outros alimentos de maior eustancia, mas mais baratos, pois que a sua ração de passadio resulta ficar muito superior. Perfaz ella, effectivamente, um total de 5.239 calorias, contra as 4.556, que fornece o Estado, tão somente, mediante maior desembolso todavia.

Ora, é na comparação destes dois ultimos numeros, e na sua entrada em conta, na balança de trabalho, que vae repontar a má administração official. Alli, iremos topar, com differenças, que deixam, a perder de vista, os dez por cento, já postos em evidencia.

De facto, o cabouqueiro da turma trabalha nove horas cheias por dia; caminha, por cima, a pé, para ir de casa e voltar, 5, 6, 7 kilometros, mais ainda ás vezes. O immigrante, na Hospedaria, nada faz, ou pouco mais. A despesa calorimetrica de um homem em taes condições, isto é, não tendo outras occupações senão as de lavar-se, trocar de roupa, arranjar a cama, comer, ler ou escrever, foi determinada por Atwater, no luxuoso laboratorio de Boston, de onde tanta indicação util tem sahido, graças á generosidade, sem limites, de Carnegie. Sabe-se qual ella é para uma temperatura media de 20° centigrados?... E' de 32,56 calorias, por kilo de pezo de individuo.

Por forma que, o nosso immigrante, se é um homem mediano, com 65 kilos de pezo, necessitará de, simplesmente,

65 vezes 32,56, ou 2.120 calorias diarias

Menos de metade das que lhe fornece o Estado.

Em contraste, contraste brutal, o tosco cabouqueiro da nossa turma, esse, estabelece o seu orçamento, segundo equilibrio physiologico quasi perfeito. Dividam-se as 5.239 calorias, do seu passadio, pelo seu pezo medio, que é 75. O quociente dá 70 calorias. Abra-se a "Organisation Physiologique du Travail", a obra recente, em que Jules Amar já expõe todo o preparo scientifico, para a reeducação dos estropiados pela guerra, e do aproveitamento dos sãos, na lucta economica futura, para a qual todos, — menos nós, Brasileiros, bem entendido — estão cuidando de se apparelhar, desde os primeiros mezes da conflagração.

QUAD

GENEROS	Ração diaria	Poder calorifico por 100 grs. de substancia	Poder calorifico armazenado por dia	1915 1.º Semestre	1915 2.º Semestre
Carne	210 grs.	140 calorias	294 calorias	96	96
Pão	666 „	270 „	1.798 „	253	226
Macarrão	125 „	360 „	450 „	52	52
Feijão	278 „	315 „	875 „	89	89
Batatas	125 „	95 „	118 „	35	35
Arroz	60 „	355 „	213 „	30	39
Assucar	100 „	410 „	410 „	47	50
Café	50 „	390 „	195 „	30	30
Gordura	100 „	886 „	886 „	130	130
Totaes			5.239 „	762	847
Custo da unidade-caloria-réis				0,145	0,161
Augmentos resultantes durante quatro annos					11 %

RO IV

1916 Custo, em réis 1.º Semestre	1916 2.º Semestre	1917 1.º Semestre	1917 2.º Semestre	1918 1.º Semestre	1918 2.º Semestre	Augmentos medios por grupos
105	105	136	136	157	157	(1)
293	293	346	499	495	466	85 % — Generos de necessidade de 1.ª ordem para as nações em guerra.
69	69	75	75	106	119	
83	83	89	89	133	125	(4)
35	35	35	35	37	48	35 % — Generos deterioraveis, ou de consumo essencialmente nacional.
36	36	35	35	35	36	
74	74	74	74	74	90	(2)
30	30	40	40	35	35	62 % — Generos de necessidade de 2.ª ordem para as nações em guerra.
135	135	140	140	175	200	(3)
——	——	——	——	——	——	54 % — Generos de necessidade comparavel, ás nações em guerra e ao Brasil.
860	860	970	1.123	1.251	1.276	**Nota** — Os numeros entre parentheses estão mostrando sobre que generos deveria ser encaminhada, de preferencia, a alimentação nacional.
0,164	0,164	0,185	0,214	0,239	0,242	
13 %	13 %	27 %	47 %	64 %	66 %	

Inscreve ahi, elle, a pagina 110, sob a epigraphe "Quadro das rações alimentares (numero de calorias por kilogramma de peso de corpo, em 24 horas — a ser augmentado até uma quarta parte a mais no inverno)":

III — **Occupações de fadiga** (soldados, marinheiros, carregadores, estivadores, serventes, cabouqueiros, cultivadores, etc):
50 a 70 calorias, conforme a quantidade de trabalho (de preferencia pão e cereaes, batatas, fructas taes, como: ameixas, castanhas, figos, uvas, frescas ou seccas, e **nunca mais de 200 grammas de carne).**

A citação é fiel, menos na parte final. Ahi, o grypho é meu. Repare-se, de facto, alem do empanturramento geral ministrado ao immigrante, o empanturramento particular, que lhe é impingido, em proteicos, em albuminoides, sob forma de carne.

Adeante nos occuparemos desse ponto. Retenhamos, por ora, apenas, o facto, e passemos a outro aspecto, da quantidade global, despropositada, das tabellas da "Hospedaria".

A ração, alli, é igual para os adultos dos dois sexos. E conserva-se a mesma para os menores, de 12 annos para cima. Dessa idade para baixo, soffre abatimento, de metade e de tres quartas partes, conforme a escala, que se acha figurada, na ultima columna do Quadro V. As primeiras columnas, em correspondencia, desse rôl de numeros, representam os dados experimentaes, rigorosamente determinados, não para o estado de descanço, mas em vida normal, pelo

QUADRO V

Edade	Varões	Moças	Em S. Paulo
Annos	Calorias por dia	Calorias por dia	Calorias por dia
Menores de 2	900—1.200	900—1.200	
2—3	1.000—1.300	980—1.280	
3—4	1.100—1.400	1.060—1.360	1.125
4—5	1.200—1.500	1.140—1.440	
5—6	1.300—1.600	1.220—1.520	
6—7	1.400—1.700	1.300—1.600	
7—8	1.500—1.800	1.380—1.680	
8—9	1.600—1.900	1.460—1.760	2.250
9—10	1.700—2.000	1.550—1.850	
10—11	1.900—2.200	1.650—1.950	
11—12	2.100—2.400	1.750—2.050	
12—13	2.300—2.700	1.850—2.150	
13—14	2.500—2.900	1.950—2.250	
14—15	2.600—3.100	2.050—2.350	4.500
15—16	2.700—3.300	2.150—2.450	
16—17	2.700—3.400	2.250—2.550	

professor Sherman, da Universidade de Columbia, incumbido pela "New York Association for Improving the Condition of the Poor".

de estudar os meios, de poder contrabalançar, desde já, pela formação de novas gerações, robustas, as perdas, em material humano, que a guerra acarretará á nação Americana. Exprime, este quadro, os resultados da observação em 563 individuos de boa saude, dos quaes, 223 tinham, como regimen, liberdade absoluta de comer o que lhes appetecesse, e dispunham dos recursos adequados, para poder fazel-o.

Põe em relevo, pois, esse quadro, o interesse do problema para os paizes previdentes, e a negligencia e dissipação com que as nossas administrações o encaram.

Dissipação unicamente, dir-se-á... Não. Não é só dissipação. E' descaso. E descaso indesculpavel. Tanto se torna isso patente nas II e III columnas do quadro, pela comparação das quaes com IV se póde ver o desproposito para os puberes e adolescentes, transformar-se em franca deficiencia, quando se passa aos infantes, como a conclusão se affirma, evidentissima, então, ao considerar as nefastas consequencias que, para a saude do individuo, resultam da falta de observação, de um regimen apropriado, de mesa e passadio.

Se se calca nesse terreno, o que mais surprehende, é recordar, que a Secretaria da Agricultura, do Estado de S. Paulo, foi dirigida, successivamente, por dois medicos e um engenheiro, profissão esta a que não é mais licito o desconhecimento da questão, e que, dos primeiros, foi um, precisamente, o que reorganisou, com o maior desvelo, os lineamentos do serviço, onde acabam de ser apontadas as anomalias, a cujo exame se procedeu.

Têm os tres, entretanto, attenuantes, a seu favor. Não serei eu quem as passe em silencio.

A demora do immigrante na Hospedaria, é de seis dias, no maximo. Nem é em tão curto prazo que se arruina um organismo forte e sadio, nem dá elle, tampouco, para contrahir os perniciosos habitos, de hygiene individual, que os poderes publicos, de todos os paizes civilisados, sem excepção, se acham empenhados, de longa data, em fazer sumir.

* * *

E' differente, pois, o caso, que tinham deante de si, do caso do soldado, por exemplo. Neste, a duvida não é possivel. O serviço militar tomou, por toda a parte, uma feição tão accentuadamente **educativa**, — a unica feição, aliás, pela qual os estadistas, dignos desse nome, influem de facto na sorte das democracias, no futuro e destino das nações, que os distinguem com a honrosa investidura, — que os beneficios, delle assim decorrentes, conseguiram desarmar não poucos, dos seus adversarios de hontem, muitos dos quaes notaveis, até, pelas manifestações do mais extremado e irreflectido pacifismo.

QUAD

GENEROS	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira
Pão	300 grs.	300 grs.	300 grs.	300 grs.
Café e mate	40 „	40 „	40 „	40 „
Assucar	90 „	90 „	90 „	90 „
Carne verde	600 „	300 „	600 „	600 „
Carne sêcca	—	170 „	—	—
Carne de pôrco	—	—	—	—
Verduras	50 „	—	50 „	50 „
Arroz	224 „	224 „	224 „	224 „
Feijão	196 „	196 „	196 „	196 „
Macarrão	—	50 „	50 „	50 „
Batatas	180 „	180 „	90 „	90 „
Salame	—	—	—	—
Queijo	—	—	—	—
Bacalhau	—	—	—	—
Farinha de mandioca	86 „	86 „	86 „	86 „
Gorduras	55 „	55 „	55 „	55 „
Frutas	20 „	20 „	20 „	20 „
Goiabada e vinho	—	—	—	—

QUAD

GENEROS	Quantidades ingeridas em sete dias	Ração diaria em unidades de 100 grs.	Poder calorifico armazenado por 100 grs. de substancia	Poder calorifico armazenado por dia
Carne verde	3.600 grs.	5,143 hectgrs.	140 calorias	720 cal.
Carne secca	170 „	0,243 „	276 „	67 „
Bacalhau	150 „	0,214 „	71 „	15 „
Pão	2.100 „	3,000 „	270 „	810 „
Farinha de mandioca	602 „	0,860 „	350 „	301 „
Macarrão	200 „	0,285 „	360 „	102 „
Feijão	1.372 „	1,960 „	315 „	617 „
Batatas	990 „	1,414 „	95 „	134 „
Arroz	1.568 „	2,240 „	355 „	795 „
Verduras	250 „	0,357 „	26 „	9 „
Frutas	140 „	0,200 „	96 „	18 „
Assucar	630 „	0,900 „	410 „	369 „
Café e mate	280 „	0,400 „	376 „	150 „
Gorduras	385 „	0,550 „	861 „	474 „
Totaes				4.582 cal.

Custo da unidade — caloria — réis

Accrescimos successivos durante 4 annos

RO VI

Segunda-feira	Sabbado	Domingo	TOTAES POR SEMANA E OBSERVAÇÕES
300 grs.	300 grs.	300 grs.	2.100 grs.
40 „	40 „	40 „	280 „
90 „	90 „	90 „	630 „
300 „	600 „	600 „	3.600 „
—	—	—	170 „
—	—	—	Nos dias feriados da Republica.
50 „	50 „	—	250 grs.
224 „	224 „	224 „	1.568 „
196 „	196 „	196 „	1.372 „
—	—	50 „	200 „
180 „	90 „	180 „	990 „
—	—	—	Ração de viagem.
—	—	—	Nos dias feriados da Republica.
150 „	—	—	150 grs.
86 „	86 „	86 „	602 „
55 „	55 „	55 „	385 „ , não incluindo o azeite.
20 „	20 „	20 „	140 „ , em bananas.
—	—	—	Nos dias feriados da Republica.

RO VII

CUSTO								
1915		1916		1917		1918		Accrescimo havido por grupo economº (V. Quadro IV)
1.º Semestre	2.º Semestre	1.º Semestre	2.º Semestre	1.º Semestre	2.º Semestre	1.º Semestre	2.º Semestre	
$236	$236	$257	$257	$324	$324	$385	$385	
$24	$24	$29	$29	$31	$31	$36	$38	32 % (4)
$19	$19	$24	$24	$29	$29	$38	$47	
$14	$147	$132	$132	$156	$225	$225	$219	
$23	$23	$25	$25	$30	$30	$31	$41	86 % (1)
$12	$12	$15	$15	$17	$17	$24	$27	
$62	$62	$58	$58	$62	$62	$94	$88	
$39	$39	$39	$39	$39	$39	$42	$49	
$112	$145	$134	$134	$129	$129	$129	$134	24 % (5)
$11	$11	$11	$11	$11	$11	$11	$11	
$15	$15	$15	$15	$15	$15	$15	$15	
$42	$45	$66	$66	$66	$66	$66	$81	65 % (2)
$24	$24	$24	$24	$30	$30	$27	$28	
$100	$100	$102	$102	$107	$107	$133	$147	51 % (3)
$833	$902	$931	$931	1$056	1$125	1$256	1$301	
0,181	0,196	0,203	0,203	0,230	0,245	0,274	0,283	
	8 %	12 %	12 %	27 %	35 %	51 %	56 %	

O quartel moderno é mais do que a escola em que o recruta aprende a ler, escrever, e contar, quando a instrucção publica do paiz é falha ou deficiente. O quartel moderno tornou-se a melhor escola de hygiene individual, meio de propaganda sem rival, e de diffusão de certo genero de cultura, que a sociedade actual não pode esquecer de modo algum, sem fazer, com esse procedimento, periclitar um dos seus melhores e mais solidos fundamentos.

E o quartel, ou é assim, ou não preenche uma das suas mais elevadas missões sociaes.

Examinemos, sob o ponto de vista em que nos collocámos, o regimen a que está adstricto, em S. Paulo, o soldado da corporação, que se esforçou, e esforça, dizem todos, por constituir modelo, digno de copia, dentro da Federação. Consta, esse regimen, dos dois Quadros VI e VII, organisados segundo os mesmos moldes dos anteriores, referentes ao immigrante. Assim, o primeiro delles, dá a conhecer a composição qualitativa, e quantitativa, do rancho semanal, o segundo a sua analyse physiologica, e economica.

Seja-me permittido, pelo que se refere á primeira, ceder a palavra a autoridade, que, em meia duzia de linhas magistraes, diz o sufficiente para elucidar a situação:

"Exercitos, marujos, encarcerados nas prisões, enfermos dos asylos e hospitaes, reclusos nos internatos e educandarios,.. deveriam ter suas rações reguladas criteriosamente para o maior rendimento do trabalho, da reparação organica, das necessidades naturaes. E' o que de facto já acontece nos paizes civilisados; é o que não occorre ainda entre nós. As dietas e regimens alimentares do nosso exercito, da nossa marinha, da policia, das prisões, dos hospitaes, dos estabelecimentos collectivos, em summa; são meras combinações e arranjos de dispenseiro, sem a menor preoccupação intelligente de sua razão de ser. Nellas não intervem os medicos, ou, se por acaso foram consultados, não sabiam hygiene. Arranjaram, de palpite ou por acaso, tabellas, homologadas pela inconsciencia hierarchica superior... E' o que claramente se deprehende dos calculos do dr. R. Souza Lopes que resumimos:

Rações alimentares	Proteinas	Gordura	Hydratos de carbono	Calorias
Ração das praças do exercito, por dia	208,7	60,6	689,6	3.829
Ração dos marinheiros, no porto, por dia	166,8	89,7	657,2	3.819
Ração dos soldados de policia, por dia	291,8	94,8	910,8	5.211
Ração dos marinheiros em viagem, por dia	240,7	98,3	679,4	4.193
Ração dos presos na Casa de Correcção	182,2	61,0	552,3	3.208
Ração dos presos na Casa de Detenção	190,0	58,3	590,5	3.261

Uma só comparação dá o absurdo d'estes numeros:

Ração do soldado, num clima "frio" e "em tempo de guerra"	Americano	3.644	Calorias
	Francez	3.108	
	Allemão	3.182	
	Inglez	3.300	
Ração do soldado, num clima "quente", e "em tempo de paz"	Brasileiro	3.829	Calorias

E' exacto, entretanto, que uns e outros soldados têm destinos differentes: os estrangeiros vivem de continuo occupados com exercicios e manobras, na perspectiva da guerra. A carreira militar no Brasil, é uma profissão sedentaria. (Eduardo Prado). E para a comparação não tomamos nem o marinheiro em viagem, mais aquinhoado, nem o farto soldado de policia, que recebe mais de 5.200 calorias, para não fazer senão policiamento, e aos quaes se poupa até a marcha na cidade, conduzindo-os os automoveis confortaveis para as mudanças de guarda.

"Seria talvez somenos o prejuizo economico dessas rações prodigas attendendo ao estribilho constante dos nacionaes, de que o paiz é rico; mas dá o prejuizo de saude, por estas alimentações desproporcionadas que os superiores e os dirigentes não têm criterio para prevêr e impedir.

. . . . . .

"Estes principios de alimentação racional merecem o acatamento de todos os individuos que se propuzerem estabelecer hygienicamente o equilibrio entre as suas necessidades e a contribuição energetica para ellas. Porque, não é demais repetir, neste orçamento não deve haver logar para **deficits**, que seriam a ruina do organismo, nem para **supernvits**, que naturalmente serão pequenas alterações constantes da saude sommadas depois nas perturbações de nutrição, que constituem as doenças mais graves. A obesidade, a diabete, a gôtta, as determinações variadas do artritismo, inscrevem-se entre numerosas outras (—) Tudo isso, é principalmente causa do pouquinho que se come demais, cada dia. E' o combustivel empregado em excesso para a energia que deve produzir, e consumido em deteriorar o motor.

"Comprehende-se como será longa e difficil a propaganda hygienica nesse sentido, devendo-se esperar decadas e seculos talvez, para que a experiencia, já agora esclarecida, e a divulgação desses conhecimentos á media intelligente do povo, tragam o resultado de habitos alimentares mais conformes com o individuo, com o clima, com o momento.

"Onde, porém, não se concebe, desde já, o apreço desvelado a essas ensinamentos é nas collectividades, disciplinadas e dirigidas por uma acção intelligente e próvida."

Dispensar-nos-iamos de accrescentar, fosse o que fosse, ao que acaba de ser lido, se o dr. Afranio Peixoto, que é autor do que, com a devida venia, foi reproduzido, não o tivesse escripto antes da guerra, em 1913; velo esta, de facto, como d'aqui a pouco veremos, transformar em mezes, em annos, a evolução por elle avaliada em decadas, e seculos. E, se por outro lado, não fizessemos timbre tambem em expor os dados, de tão premente questão, com a maxima boa fé e lisura.

E' assim que nos apressaremos, a dissipar um equivoco do brilhante cathedratico, da Faculdade Nacional de Medicina. As ra-

(—) Sómente em carnes, come a praça da Força Publica Paulista 500 grammas diarias, ou quasi o triplo do que seria razoavel. Leia-se o artigo de Luiz Pereira Barreto, no "Estado de S. Paulo" de 9 de Julho: "Uma alimentação por demais azotada, o excesso de carne conduz-nos fatalmente á arterio-sclerose."

ções, com que se acham estabelecidos os parallelos, das correspondentes ás nossas forças armadas, não são as de tempo de guerra. Ou, mais precisamente, são de facto as de tempo de guerra, mas não as de tropas em campanha activa. São as das reservas, em treino normal.

Quando este treino assume proporções comparaveis, ás que têm de supportar as primeiras linhas de combate, as rações, então, attingem outros valores. Exemplo, para se poder firmar criterio ácerca de numeros: duas das experiencias, da serie, de que deitou mão, o estado maior inglez, para determinar a sua, actual, ração de guerra — sensivelmente igual á Americana, a mais generosa de todas, das que são distribuidas aos heroes, de todas as nacionalidades tambem, nossos contemporaneos. Publicou-as, essas experiencias, o "Journal of the American Medical Association", de 1914, p. 506.

"Numa primeira experiencia foram empregadas 20 praças, e 4 officiaes do Royal Army Medical Corps, que realisaram marchas forçadas durante todo o mez de outubro, mez em que a chuva foi continua. A ração commum consistiu em carne verde, biscoito de farinha integral, pão, uma dose de legumes, geléa, assucar, sal, e chá. A energia total correspondia a 3.465 calorias, um pouco menos do que o padrão de Atwater para trabalho moderado, 1.000 menos do que é dado para trabalho puxado, 750 menos do que o que se dá aos condemnados a trabalho rigoroso. A saude dos homens manteve-se excellente.

"Nos ultimos cinco dias, a perda de peso medio por praça quasi chegou a 1/2 arratel (250 grammas), a dos officiaes a 3/4. Indicou o calculo que, nesses ultimos cinco dias, perdera, cada praça, proximamente, 62 grammas de gordura e 170 de carne.

"A' vista dos resultados, concluiu-se não serem sufficientes as 3.465 calorias — e deliberou-se distribuir de 4.500 até 5.000 para os mais altos e corpulentos.

"Teve lugar a segunda experiencia. Outras 20 praças commandadas por um official. A' primitiva ração foi addicionado queijo e toucinho, o que elevou a ração a 4,311 calorias. Ao cabo do tempo do ensaio, egual ao primeiro, as praças achavam-se em condições optimas (fine) e tinham augmento de peso.

"Estas e as anteriores experiencias conduziram ao algarismo, hoje em vigor, de 4.500 calorias".

São, como se vê, cem calorias menos, apenas, approximadamente, do que a ração commum do soldado da Força Publica Paulista. E correspondem, como tambem se vê, a uma somma de esforço, em clima humido e frio, excedendo consideravelmente os exercicios moderados, e os desfiles, na Avenida Tiradentes, ou no Canindé. Para regimen de vida desta ordem, são mais que sufficientes as tres mil calorias dos soldados Americanos ou Francezes, em instrucção de guarnição, sobre que baseia as suas reflexões o dr. Afranio Peixoto.

Parece nada. Pois bem. Custeia, o orçamento do Estado de S. Paulo, 5.500 praças de pret, soldados rasos, sem contar os dos dois corpos da Guarda Civica e das instituições especiaes: corpo-escola, transportes, etc. Pelos preços do semestre corrente, extrahidos do Quadro I, dos fornecedores da Santa Casa, as 1.600 calorias a mais, por dia, cifram-se annualmente em

$$5.500 \times 1.600 \times 365 \times 0{,}283 = 908:996\$000$$

O imposto sobre subsidios e vencimentos dos funccionarios publicos, cobrado pelo Estado, rende actualmente cerca de 913 contos. Foi o que se arrecadou em 1916. De modo que, é axiomatica, mathematicamente falando, na data em que escrevo, a seguinte proposição: "o que a Força Publica de S. Paulo come, a mais, é igual ao que recebem a menos os funccionarios do mesmo Estado"

O que significa, para estes, o desconto soffrido, é sacrificio de que não dão idéa os dados numericos sobre generos alimenticios que constam dos quadros anteriores. Melhor permittiria represental-o a seguinte lista de preços, comparativos, de commodidades, extrahida de um trabalho do esforçado director da Secção de Industria e Commercio da Secretaria da Agricultura:

Artigos	1914	1917
Carne congelada	$778	$900
Xarque	$982	1$068
Arroz	$421	$538
Assucar	$212	$522
Farinha	$114	$281
Feijão	$371	$434
Algodão	$928	2$540
Couros	$905	1$868
Somma	4$711	8$152

A unidade das cifras nella contidas é o kilo, valor medio para toda a União. E compare-se, á simples vista, como o augmento de despeza com a boca deve reduzir-se a pouco, relativamente, ao lado do accrescimo, no orçamento da familia, em vestuario e calçado.

E' o militar, ao envez, vestido pelo Estado. E a collocação da sua ração dentro dos limites physiologicos, não representa sacrificio algum. Pelo contrario. Traduz-se por augmento de saude, de bem estar, de efficiencia. Augmento em que é tão interessado elle, como o Estado, a sociedade, cada um de nós. Seria, essa collocação, pois, um marco firmado, na acção civilisadora, que S. Paulo se ufana exercer, na vida nacional.

***

Seria, sobretudo, no momento actual, um ponto de partida incomparavel, unico, para encaminhar toda a população, para interessal-a a sahir do estado de vergonhoso atrazo em que nos achamos, relativamente a um capitulo da vida domestica, de importancia capital como este, para o vigor e o desenvolvimento da raça, da nacionalidade. E de não somenos magnitude para ajudal-a a vencer, **por esclarecido e consciente esforço proprio**, a temerosa crise, que ora apenas começa a inquietal-a seriamente.

Uma das maiores surpresas que me têm colhido, ao collecionar alguns dados de alimentação, destinados a parte do meu ensino na Escola Polytechnica, foi a que me produziu o estabelecimento do regimen classico, poderia chamal-o, tão espalhado e commum elle é, do nosso caboclo, trabalhador rural. Conta elle do Quadro VIII, o ultimo para que chamarei a attenção do leitor.

Quem o comparar a qualquer dos anteriores, ficará de subito impressionado, com a quantidade de gordura, ingerida diariamente, sob forma de toucinho, de banha. Essa quantidade excede de mais de 50 o|o a que emprega o cabouqueiro, o rude immigrante, que, entregue a si mesmo, é, por ironia da sorte, o que se apresenta "mestre" entre nós, na composição da sua dieta. E, certamente, a essa circumstancia não é extranha a rosada e sadia coloração, a solida carnadura que logra conservar, após annos e annos de expatriação.

Apontando o facto, a clinico da capital Paulista, que escolheu para sua especialidade, as doenças do apparelho digestivo, observou-me elle que a anomalia era notoria. Que não era outra a proveniencia de certas e frequentes enfermidades hepathicas, typicas por assim dizer, como a ictericia do sertanejo. Que era, tal anomalia, por esse motivo, e talvez com mais justos titulos, dos que os que agora se attribuem a certas doenças de origem parasitaria, a verdadeira endemia nacional.

Foi mais longe. Pintou-me o quadro como generalisado, e extensivo ás classes medias, ás classes superiores da população. Procuravam-no clientes, das mais distinctas espheras sociaes, cujos padecimentos se explicavam, pela causa, unica, de "não saber comer". Comiam, em regra, de mais, e, principalmente, soffriam, pela ignorancia, da dona de casa, na arte de compor as refeições.

Não era nova, para mim, a toada. Ouvira-a eu, pela primeira vez, dos labios de uma senhora estrangeira, que vinculou o seu nome, a esta terra, alliando-o a generosa doação, feita ao Lyceu de Artes e Officios. Contava a viuva Gualco, além da officina que aqui perpetuou o seu nome, e impressionada pelo gráu de primitividade

que entre nós lográra observar, fundar, de regresso a São Paulo, uma escola de "sciencia domestica", na qual os principios modernos, experimentaes, methodicos e de poupança, hoje indispensaveis ás mães de familia — desde a puericultura á pratica da enfermaria, da composição hygienica do trajar á organisação physiologica do repasto, á distribuição do orçamento do casal — fossem ensinados, praticamente, de modo apropriado. Circumstancias supervenientes impediram a realisação desse programma, que de tanta utilidade se teria mostrado, neste momento.

Houve, é certo, tentativa official posterior, para dar um passo, e esse, precisamente na direcção, que mais de perto agora nos toca.

Foi a aula de cozinha, annexa á Escola Normal. Ao que parece, porem, a orientação que lhe foi dada, desde o inicio, comprometteu o exito da iniciativa. Não que faltasse capacidade, a quem recebeu o encargo de dirigil-a. Em logar, porém, de se buscar formar, no espirito das educandas, a urdidura da alimentação sã, economica e racional, do lar de recursos limitados, foi attribuido, logar proeminente, á confecção, meramente culinaria, de pratos e manjares apettitosos, complicados... e caros de mais.

A materia prima — será preciso dizel-o ?... — era fornecida pelo Estado, e este, um bello dia, em vez de buscar orientar, diversamente, a utilissima instituição, dissolveu-a de vez.

Na Allemanha, na Noruega, na Dinamarca, nos Estados Unidos, trilharam os educadores, e os governos que tanto zelam pela instrucção, cujos beneficios mostram realmente comprehender, caminho bem diverso. Preparam os alumnos as proprias refeições habituaes. Trazem de casa o necessario. E o que sae da cozinha da escola, ou é comido no refeitorio, ou volta para casa afim de — é esse o objectivo — despertar o estimulo pelas observações surgidas, na mesa de familia.

Outras vezes ha, annexas á Escola, salas publicas a preços modicos, destinadas a escolares, ou a modestos empregados de commercio. E a escripturação, do estabelecimento minusculo, pésa toda ella, das compras dos generos, ao preparo, á guarnição dos pratos, e ao seu offerecimento ao cliente, sobre os hombros das praticantes.

Em qualquer dos casos, contabilidade, no genero da que aqui foi por mim exposta, é o mero a, b, e c, do que é ensinado, em muitos collegios, não só a meninas, como a rapazes.

Em 1898, John Dewey, hoje do afamado "Teacher's College of Columbia", escrevia: "acho que as tendencias mais apreciadas, neste momento, pelo espirito publico, são as que visam a introducção do chamado treino manual, de officina ou de artes domesticas — costura e cozinha".

QUAD

GENEROS	Ração diaria	Poder calorifico por 100 grs. de substancia	Poder calorifico armazenado por dia	1915 1º Semestre
Feijão	350 grs.	315 cal.	1.102 cal.	$112
Arroz	260 „	355 „	923 „	$130
Farinha de mandioca	110 „	350 „	385 „	$30
Café	50 „	390 „	195 „	$39
Assucar	100 „	410 „	410 „	$47
Gordura	166 „	886 „	1.417 „	$215
Totaes			**4.432 cal.**	**$564**

Custo da unidade — caloria — réis 0,127

Augmentos successivos durante quatro annos

RO VIII

1916			1917		1918		Augmento por grupos economicos (Vide Quadro IV)
2.º Semestre	1.º Semestre	2.º Semestre	1.º Semestre	2.º Semestre	1.º Semestre	2.º Semestre	
$112	$105	$105	$112	$112	$168	$157	
$169	$156	$156	$150	$150	$150	$156	34 %
$30	$33	$33	$38	$38	$41	$53	
$30	$30	$30	$40	$40	$35	$35	62 %
$50	$74	$74	$74	$74	$74	$90	
$215	$224	$224	$232	$232	$290	$332	54 %
$606	$622	$622	$646	$646	$758	$823	
0,136	0,140	0,140	0,146	0,146	0,171	0,186	
7 %	10 %	10 %	15 %	15 %	24 %	46 %	

Não se enganava. Existem hoje, no paiz, 515 universidades, collegios e escolas technicas, ministrando edúcação dessa especie. Registava a estatistica do "Institute for Public Service", em 1915, nas escolas elementares, nada menos de 1.393.000 alumnas recebendo esse ensino, em 9.394 estabelecimentos, e, nas secundarias, 163.826 matriculadas em cursos, naturalmente mais completos, de economia domestica. E pode ser lido, em relatorio que possuo, da "União Feminina de Educação", de Boston, que grande numero das alumnas das escolas de pedagogia, que não encontraram collocação como professoras, encarreiraram, com successo, pelos logares de governantas de casas particulares, commerciaes, e de collectividades.

Na actual emergencia, antes, mezes e mezes antes, do Congresso Norte-Americano haver conferido, ao Commissariado da Alimentação, os poderes coercitivos excepcionaes que vão ser outorgados ao nosso — mal encetou ainda a sua missão !... — o Presidente Wilson, os seus Secretarios da Agricultura e do Interior — o ultimo por intermedio do Departamento da Educação — e a propria personalidade, escolhida para superintender a esse ramo importantissimo da defeza nacional, tiveram, como primeira preoccupação, o chamar a attenção de todo o povo dos Estados Unidos, e das donas de casa em particular, para a influencia decisiva, que teria, na solução das innumeras difficuldades que sobreviriam, a attitude que cada um assumisse individualmente.

Foi exposta claramente a situação. Foi-lhes dito que o paiz, em virtude da sua posição á parte na contenda, não corria risco algum de passar fome. Mas, que em consequencia das perturbações da guerra, o custo da vida, os preços dos generos alimentares passariam, inevitavelmente, por accrescimos successivos e continuados, e que seria loucura suppôr, que tudo cessaria, desde que a paz fosse assignada. Que, pelo contrario, dever-se-hia acreditar, que o periodo de vida difficil posterior, se prolongaria muito mais do que o de duração da propria guerra. Que a acção dos poderes publicos, no minorar os soffrimentos resultantes da alta, não podia ir além de tentar corrigir, por um lado, os effeitos da especulação, e, por outro, no esforçar-se por chegar á victoria dentro do mais curto prazo.

Ora, que, tanto n'uma como n'outra direcção, a vontade da população produziria resultados, muito mais efficazes e promptos, do qe os da intervenção official. Dando preferencia, para a alimentação, a productos de consumo e de proveniencia locaes, de facil augmento na producção, vibrariam, as mulheres caseiras, o mais certeiro dos golpes directos no encarecimento das substancias — mórmente n'um paiz em condições de vida completamente oppostas ás da Europa,

e onde, portanto, a politica de coerção das autoridades se sentia impotente fóra das cidades. E, ao mesmo tempo, alliviando as necessidades de meios de transporte, iriam ellas permittir um socôrro muito mais rapido aos alliados, diminuindo d'esse modo a duração e vulto da calamidade.

O Commissario da Alimentação empenhou-se especialmente em tornar publicas as inesperadas vantagens, que surgiam da observação methodica, do conhecimento, dos valores nutritivos dos generos communs, da arte de conserval-os, de preparal-os, de utilisal-os sob formas que lhes permittissem consumo mais frequente, sem cançar o paladar, o apparelho digestivo, e substituindo, com equivalencia physiologica absoluta, outros essenciaes mais caros e indispensaveis para fins militares immediatos.

Onde já havia os meios de ensino a que acima me referi, o impulso teve repercussão prompta. Onde esses meios ainda não existiam, promoveu-se-lhes a creação, empreza que não é difficil com decisão e bôa vontade. Não dispunha Hoover da opportunidade, que se offerece entre nós ao governo do Estado, para uma demonstração brilhante, pratica e persuasiva, de equilibrado rendimento physiologico, transformando o rancho da Força Publica em modelo de passadio hygienico. Lá, na grande Republica, já isso era realidade havia muito tempo. Deitou mão da propaganda impressa. O Boletim, de Fevereiro deste anno, regista nada menos de 600 — seiscentas — contribuições diversas sobre o assumpto, publicadas em livros e folhetos, ou nos jornaes e revistas do paiz. Trata-se, n'esse numero, sómente de publicações não officiaes.

Porque tambem as houve officiaes, e em profusão. E não é dos menos edificantes, para nossa religião, apontar o exemplo d'esse homem, que antes da guerra e com quarenta annos apenas era a cabeça pensante de um agrupamento, metallurgico e financeiro, com orçamento annual mais consideravel do que o Estado de S. Paulo, firmando em pessôa as hoje famosas "dez lições sobre economia na alimentação"...

A propaganda impressa, ocioso é accrescentar, foi solicitamente apoiada pela divulgação oral e pela multiplicação de lições praticas.

Um rapido confronto, para terminar. Podem ser lidos, na Circular N.° 13.101, do anno passado, do Departamento de Educação da Secretaria do Interior, os periodos que a seguir são transcriptos:

"Como a America tem que remetter generos de bocca para as nações alliadas, é preciso dar preferencia aos consumiveis que se não deteriorem em caminho; desses, aos que representarem maior valor nutritivo proporcionalmente ao espaço que occuparem nos navios; finalmente aos que os Europeus estão habituados a usar.

"Para nós, aquillo que se deteriore rapidamente. Consumâmos, pois, peixe, creação, ovos, leite, legumes e fructas frescas; a carne, o trigo, as gorduras, e o assucar devem ser proscriptos, na medida do possivel, das nossas refeições. (—)

"Os Francezes e Inglezes nunca puderam habituar-se aos productos do milho e seus derivados. E' deveras lamentavel, mas não é este o momento de lhes fazer mudar de habitos. Seria de pessimo gosto querer forçar povos, cheios de dores e de soffrimentos, a comer o que não lhes agrada. Peço-vos, pois, o favor de não comer trigo e de deitar mão de milho, sob todas as formas possiveis, para as comidas a serem preparadas."

Pois bem. Conforme tive opportunidade de mostrar em numero anterior d'esta Revista, o de Abril d'este anno, tão pressurosos accederam os norte-americanos ao pedido, — graças ás substituições feitas, ás combinações para tal fim encontradas e dadas a publicidade, com o objecto de tornar viaveis certos empregos do milho, outr'ora tidos como impraticaveis — que tornou-se possivel, mediante o trigo assim poupado, o abastecimento regular da França e das regiões invadidas, sem prejuizo da remessa regular das tropas, que tão ingentes serviços vão prestando, nestes momentos de anceio por que estamos agora passando.

Realisou simultaneamente, a dona de casa, economia apreciavel. Qual ? A que resulta dos valores comparativos que para aqui extrdio da Tabella do Commissariado:

	Custo por arratel	Custo da caloria
Fubá de milho . . .	6,1	47.40
Pão	9,3	100.00

A economia foi, portanto, proximamente a mesma que dá actualmente, entre nós, a substituição do feijão pelo trigo.

Effectivamente, segundo qualquer dos quadros anteriores, facil é verificar — entre outras indicações analogas que o espaço me não permitte desenvolver, mas que o leitor curioso encontrará sem difficuldade—que a caloria vale, neste momento, cerca de 0,14 réis para o primeiro, contra 0,26 para o segundo. E' mesmo, essa, uma das razões pelas quaes o passadio do cabôclo encareceu, apenas, de 46 o|o de 1914 para cá, contra 56 o|o na Força Publica e 66 o|o para o immigrante Europeu.

Em vez, porém, de explorar methodicamente a vantagem, insiste-se aqui em importar trigo, o qual nos desfalca em ouro e tonela-

(—) Associe o leitor, sob o ponto de vista da economia, a este conceito, as ultimas columnas dos nossos Quadros IV, VII e VIII

gem, e em exportar feijão, exportação essa que accresce ainda o deficit da arqueação, por meio de um producto, que chegado aos portos Europeus, frequentemente está avariado. E que os alliados nem sempre consumirão de bom gosto...

Como modelo de organisação e de auxilio prestimoso, força é confessar que não deixa de ser original.

Original para os alliados, mas com precedentes já de sobra conhecidos pelo leitor. São os do caso do motorista de Assis Brasil, incapaz, porque não lh'o haviam ensinado, a tirar partido do que ganhava. Caso que será ainda, é provavel, reproduzido a cada passo, no desenrolar dos dias que nos esperam.

O custo da alimentação, a não succeder extraordinario imprevisto, vae continuar a subir. Nada se fará para attenuar o movimento, pondo em acção o esforço individual, devidamente orientdo, e os excepcionaes recursos que a natureza prodigamente, pôz á nossa disposição. Os Commissarios officines, cem que sejam, não conseguirão deter essa alta inevitavel. Mesmo que disponham, não de cem, mas de mil leis, expediente em que é fertil a botica politica e em que deposita confiança o nosso meio social. Os empregados, os operarios reclamarão melhor salario. Os funccionarios pedirão accrescimo de vencimentos ao Estado. E este, acto continuo, dirigir-se-ha á União, solicitando providencias.

Restará, áquella, por sua vez, proceder a novas emissões, e entrar em trato com os credores para assignatura do novo "funding" a que nos vae, aos poucos, arrastando a imprevidencia de uns, a incompetencia de outros, e, sobretudo, a indifferença de todos.

V. DA SILVA FREIRE.

CLARINHA DAS RENDAS [1]

(NOVELLA SERTANEJÀ)

III

Raphael já se fôra ha bem sessenta sóes. O mez de Maria passava e a cada tarde Maria Clara ia, na graça natural do seu vestido branco, á nave enflorada da matriz, na cidade, entoar com as raparigas da terra as dôces litanias, os enternecidos mente o desejo, que os labios timidos nem enunciavam, da canticos mysticos de agrado á Mãe-Virgem, toda linda, toda vistosa no seu véo recamado de pequeninas estrellas côr de ouro, aureolada de luz tremula de vellinhas coloridas e de flores cheias de viço.

Como sabia ler, era quem, nos degráos atapetados do altar, tirava no breviario a toada e os versos.

Na piedade de suas orações ia sempre envolto imaginaria-volta do noivo, a todo instante lembrado, perdido lá no Recife, essa terra linda, fascinadora aos olhos dos matutos.

O pae, nas suas noutes de taramella, contava-lhe tanta cousa bonita!

E ha tanta gente ruim para virar a cabeça dos bons! Bem lhe segredava o coração na hora da despedida, fitando o seu Raphael a dobrar a curva da catinga, perto do umbuzeiro grande. Era para nunca mais... No entanto a esperança esvoaçava-lhe de novo na cabeça. Talvez tornasse. Quem sabe? Logo que chegara do Recife, oito dias depois da partida, o Antonio das

(1) V. a "Revista do Brasil", Junho de 1918.

Neves trouxera-lhe um recado do noivo: ficava bom e contente; estava encantado pelo mar, pela fita sinuosa e loura das praias pela vida agitada dos cáes, olhando os barcos veleiros a acostarem ou os bellos transatlanticos a se sumirem no horizonte remoto. Mandara-lhe, entre outros mimos singelos, uma caixinha atulhada de mariscos e buzios cheirando á maresia ainda cheios de areia fina e setinosa que é a almofada onde as vagas tecem as suas rendas. Voltaria naquella semana: era a sua promessa.

Depois, nem mais um recado, nem mais uma noticia. O Antonio das Neves, em viagens subsequentes não vira o rapaz na capital.

Vezes havia em que a rapariga tinha fremitos de tomar luto pelo promettido, pois ao seu coração lealdoso só com a morte se podia justificar o esquecimento da jura feita.

Assim desfilavam os dias amáros e tristes. Maria Clara ia-os vencendo na faina da lavagem, ao pé do rio, arredia de todos, melancholica. A' noute por força de habito ou por inspiração da esperança, botava a almofada na porta e retomava a tarefa de rendeira, trocando os bilros, fincando alfinetes, a desenhar com os fios alvos da linha a formosa renda do seu noivado. Estava linda e crescida! Iniciara a vigesima vara e emquanto trabalhava, os seus sonhos de ventura se iam dispersando como as nuvens nos céos...

Quando o tio Zéca vinha tambem repousar na grama, sentindo remorsos de haver despertado o desejo do rapaz em descer a serra, punha-se a consolal-a, animando-a, simulando motivos para desculpar o retardo delle.

— Nas terras grandes ha muito o que a gente ver, menina, e em que labutar... Quem sabe si o Raphael não está a fazer umas patacas?

— Mas, meu pae, si é assim, que custava a elle botar no correio um recado para nós? Acaso não sabe que eu estou a morrer de saudades?

— Ainda não é tempo para afflicção nem choro, rapariga. Muito defunto já tem tornado vivo do cemiterio... Tem confiança na Virgem. O rapaz d'aqui a pouco está por aqui. O coração me diz...

— Deus lhe ouça, meu pae...

Maria Clara, começava a chorar e o velho, coçando os cabellos meio embranquecidos, calava-se, roido de pena, matutando.

Uma vez, de repente, foi ao Recife. Já na estação mandou avisar a filha. Correram dez dias: quando regressou vinha num desalento terrivel. Nada soubera e nem uma pegada do noivo da rapariga. Redobraram-se os soffrimentos de ambos.

E assim Junho entrou chegando a noute ruidosa de S. João.

Pelos caminhos, fronteiros ás palhoças os grossos tóros de madeira, entrecruzados, alteiavam-se para arderem mais tarde, e de quando em vez, embora cedo, uma ronqueira espoucava ao longe.

Nos lares, sobre os fogareiros, mechia-se a cangica ou assavam-se as espigas de milho verde, muito tenras, dôces, ha pouco desnudadas das tunicas verdes-brancas que jaziam pelo chão de massapê ou tijolo de envolta ás cabelleiras alouradas. Alguns mocambos se toucavam de bandeirolas ou de balõesinhos em ficiras, multi-côres, vistosos.

Anoutecendo de todo as fogueiras crepitavam, esbrazeadas, espiralando chammas, estalidando, mandando aos céos muito limpos e estrellados, mensagens de fumo pardo, em rólos escuros como bandos de corvos a subirem.

Todos os atalhos regorgitavam: ia e vinha a gente do sertão de roupa aceiada e cara alegre, abaixo e acima; uns no calcante, a procura de um casebre amigo onde se lhes promettia um samba; outros nos dorsos das montadas demandando, alguns quartos de leguas adiante, a fazenda de um compadre meio abastado de nome do do santo festejado.

Os tiros das ronqueiras simultaneos já se faziam frequentes e nas ruas os busca-pés numa serpe de fogo garatujavam luminosamente o espaço, zigzagueando, rodopiando no chão, correndo num rastro avermelhado para por fim estourar com força de encontro a uma soleira ou ao pé de uma arvore, quando não enfiava, entre gritos e susto dos moradores, por uma porta aberta.

Creanças, a solta, cercavam as fogueiras, dando-se as mãos, sirandando, a entoar cantigas infantis, populares.

Maria Clara, na tristeza de sempre, depois do pae haver ateado a sua fogueira, foi vagarosamente subindo vereda do oitão até chegar ao alto, na estrada, de onde os olhos alcançavam a cidade, em baixo, fumaçando.

Era o Alto da Balança. A rapariga encostou-se no umbuzeiro onde se encobria, no dia da partida, o seu noivo.

A cidade era toda um facho de chammas. As arterias delireavam-se pelos renques luminosos das fogueiras, desde a rua da feira, rectilinea, larga faixa, até os caminhos riscados nas vertentes dos montes, trepando as serras ou procurando os brejos. As limalhas caricaturavam no alto bizarrias geometricas. A luz das candeias tremia em todas as janellas e portas dos mocambos e das casas ricas, illuminando-se a matriz na peanha de sua pequena collina. Até o rio reflectia arabescos igneos das fogueiras ateadas nas margens povoadas.

Sertanejos, passando, saudavam á Maria Clara com um "Deus nosso Senhor vos dê o desejado" e as moçoilas, em branco, tafues, com os cabellos atados em fitas berrantes, diziam-lhe phrases de carinho e esperança, porque todos, legua em derredor, sabiam da desdita da "Clarinha das rendas".

Apoiada no tronco do umbuzeiro, á meia sombra do crescente, ella, angustiadamente, espiando a ventura alheia que passava nos pares de namorados, a cochicharem, felizes, quedou ali até bem tarde, com medo de volver á casa naquella noute, a rever o canto onde, ainda no outro anno, na mesma data, Raphael, na sua fatiota nova de brim riscado, trincando uns grãos de milho assado, num gesto de timidez vencida, indagara-lhe de brusco: Você quer ser minha mulher, Clarinha?

Na sua alma casta de matuta não vibrava o desespero do homem que se fôra, o ciume da posse furtada, a ideia sensual de que o noivo andasse aos galanteios com outras mulheres, não. O que a deprimia, a estiolava, era a dor de ser esquecida, a ingratidão de um ente a quem amara depois do pae, a surpresa da fuga á fé jurada, intraduzivel ao seu espirito que tinha uma promessa como um pacto para toda a vida.

Era sómente o seu espirito a penar: — á femea sobravam o trabalho e o sentimento para refrear o instincto. Demais creada na natureza, sem arrebiques de maldade, via a maternidade

dos animaes, conhecia-lhes os amplexos fecundos para comprehender, sem jaça de impureza, o seu dever de mulher.

Emmagrecia; as côres desmaiavam com as suas esperanças. Os labios iam esquecendo o "rictus" gracioso do riso, o riso lindo de de quem ri sem ironia, sem fel. Raphael era a ideia fixa, um Raphael cheio de brumas, por cujo bem ella fremia, por quem nutria tantos cuidados quantos eram os seus votos de que voltasse. Embora olvidada, talvez fosse feliz si lhe dissessem com segurança que elle estava bom e contente, naquella noute ardente de S. João, em outras plagas, em outros lares...

Só desceu quando o pae, intranquillo, a foi buscar na estrada, reprehendendo-a com ternura rude de sertanejo, pelo sereno apanhado, pela frieza da hora, ella andando sempre a tossir e espirrando.

Os estrondos das ronqueiras alternavam com a toada monotona dos sambas. Da cidade balões alteiavam-se, claros, tangidos pelo vento.

Tio Zéca, em casa, sentou-se á porta fumando cachimbo, mirando, abstracto, as estrellas perto do horizonte.

Maria Clara, num tamborete, ao pé da nua mesa de pinho, rezava num terço de contas azues...

IV

Foi-se o inverno e veio o verão cruel, adusto, queimando as vegetações, seccando o rio, comburindo tudo.

Fevereiro corria sem a promessa de um aguaceiro. A feira era escassa, as verduras raras, os fructos pouco vistos e caros.

O sol rutilo, flammejante, ardia, esmaltando os serros, ressequindo as catingas, e as noutes eram abafadas, mornas.

Tio Zéca, preoccupado, via a sua colheita perdida, os dias vindouros amargos, emquanto a filha numa crescente penuria moral enfraquecida, tossindo, embora assim agarrada ao trabalho.

De noute, no serão do costume, pouco conversavam. De tempos para cá o Joãosinho, que substituira o Raphael no

carro vinha tambem tagarellar um pouco ali, posto que nem sempre lhe respondessem, tão pensativos andavam pae e filha.

Era um rapazote de desesete annos, muito rustico, feio porém ungido de uma bondade extrema: uma alma boa. A' força de vir por ali, á força de ver penar a rapariga, foi-lhe querendo bem, sentindo até que já lhe queria bem de mais. Talvez tivesse impetos de dizer-lh'o; retinha-o a imagem leal do companheiro partido e tambem a sua timidez innata.

Uma vez afoitara-se a balbuciar, encontrando Maria Clara a sós:

— E Você não se casa mais, Clarinha?

A rapariga olhou-o pasma, viu-lhe a expressão e só então entendeu o que ia pelo coração do rapaz, sem poder dar remedio.

— Emquanto V. me avistar a fazer esta renda, Joãosinho, ninguem tem direito de me falar nisto... Esta renda me amarra a Raphael. Ouviu?

Nunca mais se falaram a respeito. A renda crescia. Maria Clara não a queria vender: afigurava-se-lhe que o fazendo partia o ultimo élo da esperança mantida na volta do noivo, de quem nem uma nova se soubera até então. Decerto embarcara e por lá, em climas estranhos, morrera. A's vezes pensava assim, para em seguida ter maior fé num regresso.

A sêcca ia queimando.

Numa tarde, tarde de agonia e canicula, ao recolher do sol entre nuvens adamascadas, ensanguentando os flancos das montanhas crestadas pela estiagem, Maria Clara, num desalento incoercivel, numa crise nostalgica, tão de sua feição de tempos para cá, viera continuar a sua tarefa de rendeira, á porta de casa, emquanto o pae andava ainda pela feira.

A's suas attribuições de abandonada, ás suas saudades viera juntar-se maior cuidado ao ver o tio Zéca cheio de receios pelo futuro, com as plantações queimadas, as feiras fracas, a gente do Recife fugindo á cidade, um cortejo de miserias. Sentia a previsão da fome. Em breve faltaria tudo. A sêcca ardia, os céos eram limpos e claros, as catingas esqueletos, galhos sem roupagem. Só os jatobás davam sombra. Do alto sertão já se contava dos mortos que tombavam nos caminhos e do gado

a succumbir nos paroxismos da sede, a gemer,a mugir, na ancia extrema, focinhando a terra gretada, ressequida, esteril...

Maria Clara tinha a visão nitida de todo o infortunio sertanejo- periodico, torturante, cuja narrativa já ouvia do pae quando creança. Trabalhava a pensar. Perto, chocalhando, uma vacca, solta, de pello amarello, remoia as fibras das palmatorias do matto, unico alimento daquelle dia quente.

E a pensar, Maria Clara baixou os olhos para a renda, a sua renda de enxoval. Vendel-a-ia, estava decidido. Eram bem umas trinta varas; dariam alguns mil réis para o sustento. Dias atraz um casal passara ali, a passeio; viera vel-a attrahido pela sua fama de rendeira.

A "Clarinha das rendas"? indagou o par. Recem-casados: elle muito elegante e caricioso a desmanchar-se de cuidados; ella, pallida, loura, cançando ao marchar, inclinada, denunciando a maternidade. Viram a renda e cubiçaram-na para uma blusa, talvez, ou para uma veste de creança. Chegaram a offerecer tres mil réis á vara.

A nada accedeu a rapariga: — era a sua esperança, não venderia.

Agora, porém estava resolvida; era justo que auxilasse o pae naquelle transe. No dia seguinte iria á cidade, procuraria o casal ou quem lhe desse algum dinheiro pelo seu trabalho. Depois faria outros, em linha, em filó.

Ah! si as costas lhe não doessem tanto! Os seus serões iriam até o amanhecer. Segura era a sua resolução: cortou com uma tesourinha a renda da almofada, mediu-a nos braços abertos, do rosto para a ponta dos dedos. Trinta e duas varas, uma lindeza. Lembrou-se do seu vestido de nupcias assim enfeitado, brilhando á luz do altar da Virgem, na matriz....

As lagrimas afloraram; enxugou-as com a manga do casaco. Ia dobrando a renda quando Joãosinho vinha chegando.

Estiveram em silencio uns segundos. Depois o rapaz, mirando-a espantado, sentou-se-lhe ao pé, no chão.

— Clarinha, você uma vez me disse que só se casaria outra vez quando cortasse essa renda. Era verdade?

Ella estremeceu: não se recordara do que havia dito áquelle rapaz. Tambem não desejava confessar o seu gesto filial para não desmerecel-o na bocca de todo mundo.

— Para que V. me quer, Joãosinho? Eu não tenho mais coração. De que serve uma mulher em casa quando ella não nos pode querer bem, direito? Magra, doente, triste, eu serei um trambolho para V. que é moço e pode ter outra sorte. Não pense nisto, homem.

Joãosinho não teve tempo de replicar. Ao alto da estrada um grupo surgiu, approximando-se. Um velho cavallo, esqualido, tropego, puxado por um sertanejo magro, maltrapilho, chapéo de couro sujo, calçado de velhas alpercatas denunciando a exhaustão de longa caminhada e duras privações, marchando ao seu lado uma rapariga amarellada, vacillante, seguida de um meninote de doze annos, rachitico· com tronco nu'. No animal penduravam-se dois caçuás: um contendo, cacaréos, outro servindo de berço para uma creancinha enfeixada nos retalhos de uma coberta vermelha. Fechava o prestito macabro um canito branco de costellas desenhadas na pelle.

Era a primeira léva de retirantes a passar por ali, naquella sêcca. Em frente á casa, pararam. A mulher tirou do caçuá o filhinho, sentou-se numa pedra, pôz de fora um peito mirrado e achegou-o á boquinha sequiosa do petiz que chorava por não achar seiva.

Maria Clara, penalisada, foi buscar um pouco dagua com assucar.

— Deus abençoe a Você, minha moça. Ha dois dias que penso ficar pelo caminho. Nem um pingo nos peitos! O pobresinho só faz chorar...

—Para onde vão?—interrogou Joãosinho.

— Para baixo, para a praça. Hoje cuidamos de pedir um rancho na cidade para descançar a noute. Amanhã é de serra abaixo, querendo Nosso Senhor. Pobresinho! Ainda si a gente podesse arranjar um leitinho para elle! Perdemos tudo, seu moço. O sol queimou...

Maria Clara esteve a olhar aquelle quadro de miseria, maior

que a sua. Depois, num gesto brusco, rapido entregou a renda, já dobrada, á inditosa mãe:

—Tome para você. Na cidade darão por ella algum dinheiro. E' para comprar leite para o pequeno e uma camisa para o rapazinho.

A mulher esgazeou os olhos, extatica, surpresa, mastigando bençãos e agradecimentos que morriam na gorja.

De novo o grupo se moveu e ia partir. A cidade era perto mas o crepusculo cahia. O homem e o meninote deram "boas noutes" e andaram para a frente. A mulher, com o filho nos braços, a choramingar, seguiu tambem a desejar:

— "Nosso Senhor lhe dê um noivo bem bonito".

Maria Clara sentara-se de novo em frente da almofada nu'a. Fincou os cotovellos no papelão do risco, apoiando nas mãos espalmas o rosto docentiamente gracioso, dolorosamente sympathico, rodando os olhos garços na paizagem, a sua linda paizagem ertaneja tão mudada tambem.

A tosse renitente, rouca, vibrava-a de quando em vez; sentia o corpo quente e o coração batendo forte. Na vespera parecera-lhe na bocca um travo de sangue. Talvez do dente...

Naquelle momento tudo se lhe clareava: era o fim. Estava doente, bem doente. A Mariasinha começara assim, a tossir, a doer-lhe as costas e se fôra um dia para a terra de Deus. Não tinha medo de morrer; tinha era pena da velhice do pae, sosinho no mundo. Raphael? Só pedia á Virgem é que, si estivesse vivo, fosse feliz. Era o fim. Para que alimentar mais uma esperança mofina como se rega uma planta que não pode medrar!... O unico fio era a renda, a sua linda renda que partira tambem nas mãos esqualidas daquella mãe dolorosa, — branca, muito branca como si já fosse o leite que ella, virgem, dera aos labios famintos daquelle petiz, ajudando-o a crescer, a ser homem para, mais tarde, talvez, fazer soffrer as raparigas de amor e de febre. No ferrotear das suas maguas, sentia um bem estar, uma volupia casta pela caridade que fizera.

Donzella como ia morrer, ao menos fôra mãe tambem, naquelle gesto. A saudade vencia-a; os soluços garroteando-a eclodiram. A cabeça descahiu sobre as mãos mornas e os braços dobraram-se na almofada, num accesso de tosse, com ex-

tremecimentos nervosos emquanto as lagrimas desciam do céo dos olhos.

Quando Maria Clara alteiou de novo o rosto, o morim da almofada mostrava rosetas de sangue, sangue golphado da bocca premida no tecido alvo.

Joãosinho puzera-se de pé e chegou-se para acudil-a, assustado.

— Você está vendo, Joãosinho? E' sangue. Já não valho para nada. E' a molestia da Mariasinha. Para que você foi querer seu bem a uma mulher como eu que tem uma doença que péga? Esqueça isto. Procure outra que lh'o mereça e esteja mais perto da vida do que eu...

O rapaz revolvia o chapéo de carnauba entre as mãos sentindo os olhos humidos. Maria Clara enterrara de novo a cabeça entre os braços, a chorar e a tossir.

A noute estava calma e o'céo era um crivo de estrellas: — perto os chocalhos do gado a remoer, tangiam; bezerros apartados das vaccas berravam; chegava de um casebre, o mais vizinho, uma toada de mulher; longe, trazido no vento, a plangencia de um carro de bois, tardo, monotono, a reentrar na porteira da curral.

Tio Zéca vinha descendo o atalho, apressado, alegre, embora a feira tivesse sido escassa:—trazia no bolso da calça uma carta de Raphael, achada no correio, chegada na vespera do Acre, de onde, entre os seringaes, após ter estado a morrer de febres, o rapaz mandava dizer que estava a juntar uns contos de réis para fazer a sua Clarinha, a Clarinha das rendas, bem feliz, bem bonita...

MARIO SETTE

OS INIMIGOS DA CAÇA

I

A RONDA DA MORTE

São tão numerosos, sagazes e temiveis os inimigos da caça de penna no Brasil, que parece um milagre a sobrevivencia de tantas especies que a natureza apparelhou fracamente para a defesa propria.

Não se pode attribuir essa permanencia em face da morte, que espreita o fraco a todo instante e por toda parte, senão á sua prodigiosa fecundidade. Vôa no ar um bando numeroso de piratas vestidos de todas as côres; na terra passeia noite e dia cerrada cohorte de sanguinarios rapineiros; aquelles armados de orgãos visuaes tão bons como telescopios; estes fariscando melhor do que os mais puros cães de mostra. A ronda da morte não cessa de operar durante a noite, antes redobra de intensidade por parte dos canideos e felinos. A estes factores permanentes de destruição ajunta-se a ignorancia perversa do homem que põe fogo aos campos nos mezes de verão, quando a caça está chocando ou criando os pintos. E' preciso que se levante alguma voz a clamar contra o flagello que ameaça despovoar os nossos campos. Nelles é que está a mais nobre, elegante e esportiva das nossas aves — a perdiz. Ao lado della está a mimosa codorna, cuja vida, afóra a sedentariedade, é em tudo e por tudo igual á da caille, que nas suas formosas migrações africanas farta annualmente os caçadores das praias mediterraneas e adriaticas. E' nos campos que se faz a mais feroz das piratarias. A perdiz e a codorna, disse muito bem o capitão Henrique Silva, tem de conduzir as ninhadas pelo campo fóra, ministrando-lhes os primeiros cuidados, que alem da alimentação, consistem em occultal-as ás vistas avidas de diversas aves de rapina, da raposa, do lobo, do guaximin, irara e outros carniceiros rapaces, que povoam os campos do sertão.

II

PIRATAS DIURNOS E AEREOS

O mais commum, o salteador mais ousado dos campos, bravo e voraz, motejador e cara-dura, é o "gavião codorneiro", que acompanha o caçador desde que chega até sahir. Vae de galho em galho acompanhando a marcha do cão de mostra, guardando sempre uma distancia que o põe ao abrigo do chumbo do caçador. Já se tem dado o caso de levantar uma perdiz o vôo e sobre ella cahir o pirata, recebendo ambos a mesma carga de chumbo do experto atirador. Errado o tiro, quasi sempre a ave vae tomada no ar pelo ousado salteador. Quando não acompanha o caçador, fica sentado num galho de pau horas esquecidas, immovel, esperando que appareça e ciscar alguma perdiz ou codorna, para frechar sobre ella e tomal-a nas garras. E assim vae por vastos tractos de campo a guerra perfeitamente organisada contra as innocentes aves, que fazem as nossas delicias esportivas e gastronomicas. Atraz do voraz gavião codorneiro, vem o temeroso gavião-pomba, "bella ave de côr geral cinzento-azul-clara, cauda e aza anegradas por cima, e de côr vermelho-ferruginosa na parte inferior das azas". As pernas são alaranjadas; do iris vermelho côr de cereja, irradia coragem, atrevimento e desafio. Paira no ar, a grande altura, como que magnetizando a presa descuidada que caminha sobre as hervas do campo; deixa o corpo cair verticalmente, como se houvesse sido fulminado, e vae abrir as azas a poucos metros em cima da sua victima, que assombrada, não ousa correr nem voar e deixa-se levar pelo magnifico pirata.

Outro apresador perigoso, muito parecido nos habitos com o açor, é o Indayé, ou gavião carijó. Usa calções côr de ferrugem com fitas côr de laranja.. O casaco é cinzento avermelhado, o collete amarello desbotado. Brejeiro, não se arrecéa de chegar até bem perto das habitações em caça de frangos novos. Nos campos come de uma assentada toda uma ninhada de perdigotos.

III

PIRATAS TERRESTRES E NOCTURNOS

O primeiro e maior delles não se sabe se é um cão **"qui a mal tourné"** ou um animal que ainda não teve tempo de virar cachorro... Esse bruto sujeito é o guará, o **canis jubatus** de Desmarest, tão impropriamente chamado lobo aqui em Minas e outros logares. E' o menos carnivoro de todos os cães conhecidos, e o seu alimento favorito consiste em substancias vegetaes. Pelo seu gene-

ro de vida e por algumas particularidades do seu organismo, o guará differe completamente das outras raças de cães e constitue por si mesmo uma secção ou especie de sub-genero do grande genero **Canis**. Elle se afasta tanto do lobo como do cão domestico ou do Chacal. Suas pupillas sempre redondas tambem não permittem approximal-o das raposas, cujos habitos não se parecem em nada. A sua dentuça é mais adaptáda ao regimen vegetal do que ao carnivoro. O dr. Lund notou curiosas particularidades na sua organisação osteologica, circumstancia essa que o afasta singularmente dos lobos e dos cães. Fareja tão bem como um **old englisk setter** e vae com precisão admiravel ao poleiro das gallinhas e as delta por terra só com o seu bafo pestilencial. Debaixo do arvoredo onde nas roças se empoleiram as gallinhas, elle abre as fauces, e como d'uma caverna, sopra para cima os seus gazes asphyxiantes, que fazem cahir por terra as gallinhas fóra de si. Come uma dellas e degola todas as outras, por mais numerosas que sejam, voltando logo depois para sua alfurja.

Batedor de chapadões interminos, percorre legoas numa noite de luar, acordando os cançados tropeiros arranchados na raia das veredas com o seu **uá, uá** irritante, monotono e amedrontador de muares. Farisca a perdiz que em noites chuvosas abriga os perdigotos sob as azas; fál-a voar apavorada e devora toda a prole o ladrão nocturno. Quando não é isso, empanzina o ventre com os fructos do **solanum lycocarpum** e vae dormir ao sol nas encostas de algum serrote encarrascado.

Depois desse farroupilhas apparece outro salteador, o **canis brasiliensis** de Lund, ou "cachorro do matto" dos sertanejos, que muda a côr do pello annualmente, mas não muda o vicio... Pouco se dá á vista durante os dias, mas á noite trota por montes e valles até que raie a aurora, que o obriga a se recolher aos buracos dos tatús-canastras, onde vae drigir a gorda volateria que apanhou dormindo no chão.

Um naturalista mais moderno do que Lund, mas talvez menos profundo, diz que o **canis brasiliensis** com mais propriedade devia denominar-se — **vulpes brasiliensis**. Os guaxéminis, os **papa-mel** e grande variedade de rapozas formam a ala direita dos rapineiros.

Na ala esquerda forma a elegante tropa dos felinos, agil e robusta, tão bem apparelhada pela natureza, que a vista é igual tanto de dia como de noite. O gato do matto é um verdadeiro tigre em miniatura; tão feroz e sanguinario como o grande habitador das florestas Ou se trate de um gato pintado, ou de um laranjo ou de um mourisco, é preciso eliminal-o sem piedade. Não ha inimigo mais perigoso para as aves. Para essa tropa só ha uma lei: a marcial applicada com todo o rigor.

IV

AS QUEIMADAS

Depois das féras que vivem de prear aos campos, vem o homem semi-barbaro do interior que para plantar cereaes derruba a floresta e deita-lhe fogo, e para ter pastos bons incendia as suas terras annualmente, nos mezes em que o sol é mais abrazador. Quando não é o proprio dono do campo o incendiario, é o passageiro que deixa cahir ao chão o phosphoro acceso em que accendeu o cigarro. E é por esse meio que se ateam os incendios no sertão e abrazam os campos durante semanas inteiras. Vastas extensões de 70 e 80 kilometros, ricas de caça de pello e de penna são reduzidas a cinzas. Onde vae parar a pobre "selvagina?" Morrem cercadas pelos fogos convergentes inteiras manadas de veados; perecem nos seus ninhos copiosas ninhadas de perdigotos e de pintos; ficam reduzidos a carvão os ovos de toda a volateria da região abrasada.

As aves mais fortes vão voando adiante do incendio até que são tambem devoradas em grande numero pelas chammas. Já observei, viajando, que as perdizes muita vez voão foragidas para dentro das grandes paludes que existem nos campos, e que na terra se denominam **veredas.**

Esse é um providencial refugio para as aves que sabem nortear-se. Em geral havendo grandes veredas na região é para ellas que voam as perdizes, mesmo quando descobertas pelo cão de mostra. As codornas, as emas, as cariemas, os inhambus morrem quasi sempre queimados, e quando se salvam, ficam perdidos os ninhos e a prole.

Repetindo-se quasi annualmente esta devastação, que futuro será o da caça nos campos do Brasil central? Não creio na efficacia de uma intervenção governamental, porque nos faltam recursos financeiros para organisar um serviço de protecção. A instrucção popular seria o melhor remedio; mas seus effeitos são tão demorados que não podemos pensar nisso. Cada proprietario que sabe dar o verdadeiro valor á caça deve organisar por si mesmo o seu apparelho de protecção.

V

DESTRUIÇÃO DOS INIMIGOS DA CAÇA

Os animaes destruidores da caça podem ser eliminados:

a) pela espingarda;

b) pelo veneno;
c) pela armadilha.

O fazendeiro possuidor de campos de caça deve obrigar os seus "aggregados" a trazer sempre consigo a espingarda para atirar nos animaes nocivos que encontrar. Um gavião, uma raposa, um gato, mesmo algum guará que durante o dia ande ao cio, pode ser morto. Alem disso convem estabelecer premios para os que matarem qualquer dos inimigos da caça. Por este meio os aggregados e mesmo os visinhos, aos domingos, sahirão á caça desses animaes cuja cabeça estiver a premio. Um gavião que morra por semana representa duzias de animaes poupados e que irão guarnecer a mesa do proprietario. A caçada do guará tem seus attractivos quando é feita com cães de corrida e pode constituir um **sport** subsidiario para os caçadores que andam á toda caça como os antigos piratas, a todo panno.

O veneno é um dos meios mais seguros, promptos e faceis para destruir animaes nocivos, principalmente os de rapina, que dão preferencia á carne. Descoberto o covil de uma raposa, cousa muito facil por meio dos cães, está ella e a sua prole destruida; basta deixar á porta do "terrier" um frango ou uma gallinha envenenada com cinco centigrammas de estrychnina. Nas passagens do gato do matto pode-se empregar o mesmo processo quando não se prefira perseguil-o a cachorro. Ao redor do capão onde mora algum papa-mel ou irara pode-se deixar canna envenenada. Para os gaviões os passaros envenenados com 2 centigrammas de estrychnina podem auxiliar a sua destruição, sendo, porem, mais seguro exterminal-os a tiro de espingarda. Para empregar as armadilhas é mister possuir um serviçal curioso, que já conheça o modo de construir muitas dellas e o seu emprego. O uso dos laços ou armadilhas é tão antigo como o homem. Para defender-se das féras, para alimentar-se e para vestir-se o homem sempre empregou armadilhas. Muitos animaes cuja carne não é comestivel, eram apanhados para fornecerem vestimenta ao homem com suas felpudas pelles. M. Aurose, rue des Halles, 8, Paris, fornece a bom mercado armadilhas para todos os animaes, desde o rato até o urso. Entre nós, quando havia negros africanos grande era o numero de armadilhas usadas no interior.

Muitos desses modelos ainda são usados; a maior parte ficou esquecida e cahiu em desuso. Ainda se usa o **mundéo** que tem muita cousa do "assomoir" francez; do "laço de forca" (o **collet** dos francezes); do "quebra-cabeça", da "esparrella", do "fogo", usado para os grandes quadrupedes; do "curral" e de outros. Muitos desses usados para a pilhagem de animaes inoffensivos podem ser empre-

gados com proveito na destruição dos rapineiros. A minha fé repousa no veneno e na espingarda para destruir os inimigos da caça. O que é preciso é andar depressa em procura do remedio salvador da nossa volateria atacada por todos os lados pelas féras e pelos homens semi-selvagens, que incendeam os campos do interior do paiz na epoca mais propicia á criação das aves.

F. BADARO'

Minas Novas

ALMAS ITINERANTES

Descendentes dos portuguezes, povo andejo e navegador, os brasileiros têm muitas vezes uma necessidade atavica de movimento... No habitante do interior, essa necessidade de locomoção é mais intensa. Ha typos no sertão que passam a melhor parte da vida a cavallo, palmilhando as estradas poeirentas e tortuosa, sem outro fito senão o de devassar horizontes novos para, depois de velhos, nas serenas noites de luar, á beira do fogo, nos ranchos do caminho, contar aos parceiros mais novos e menos experimentados, historias de viagens, encontros imprevistos com o sacy-perêrê ou com a Yara, que na névoa das cataractas apparece ao caminheiro, estendendo-lhe os braços alvos de neve, attrahindo-o para o seio das aguas que se abrem para tragal-o.

Todos nós sentimos no nosso intimo um grande orgulho, ao seguir a rôta dos bandeirantes que, sertão a dentro, levaram a sua ancia de conquista ás cabeceiras dos grandes rios, no interior do Perú.

Os caçadores de ouro e de pedras preciosas, desvirginadores das nossas selvas, foram inconscientemente os dilatadores das nossas fronteiras.

Luctando contra os senhores do terreno, contra os indios, contra as féras e contra os elementos, elles conseguiram legar-nos esta grande patria dentro da qual caberia folgadamente uma bôa porção da população universal.

Descendentes, ultimos rebentos dessa raça nomade e aventureira, ficaram contemporaneamente entre nós tres grandes typos: Eduardo Prado, Joaquim Nabuco e Affonso Arinos.

O ultimo delles, conheci-o de perto. Guardo para sempre recordações imperecivels, colhidas nas viagens feitas a dois pelo interior. Experimentei com orgulho o prazer da amizade viril de Arinos. Entre dois homens que se conhecem um ao outro, que viveram, pensaram e soffreram lado a lado e que se estimam, estabelece-se uma sorte de affeição tão alta, tão profunda e tão altiva, que nada

lhe poderia ser comparado. Essa amizades são raras, mas entretanto, tenho encontrado alguns exemplos; eu mesmo, guardo para sempre uma grande saudade da figura de Arinos e da grande amizade, que, por uma sensibilidade affim, me ligou a elle.

Arinos nasceu em Paracatú, cidade perdida no interior de Minas, quasi na fronteira de Goyaz, a seiscentos kilometros da ponta dos trilhos de estrada de ferro.

Desde a mais tenra idade foi um batedor de caminhos. Aos vinte annos havia percorrido todo o sertão mineiro e levado as suas viagens ao coração de Goyaz e Matto-Grosso. O desejo de ver horizontes novos crescia á proporção dos annos. Percorreu a Europa em varias direcções. Viu a Grecia, a Italia, a Hungria e veio depois o Egypto. Mas ainda assim, o que mais attrahia a esse homem, "queimado pelo sol dos quatro mundos", era o interior brasileiro. Dir-se-ia que elle havia deixado raizes profundas na terra em que nascera. Ultimamente, depois de installado ha varios annos em Paris, a necessidade de ver a sua terra e o seu povo era tão urgente, que nada o retinha; não havia geito, afivelava as malas no fim de cada anno e, contraste bizarro, sahia do fóco, do centro da grande civilisação e embrenhava-se no sertão, de onde surgia dois, tres mezes depois, para seguir rumo a Europa, levando uma reserva de calôr, que lhe era indispensavel á sua vida de "business-man".

Arinos foi um dispersivo, mas ainda assim, a sua bagagem literaria não ficou tão pequena quanto geralmente se pensa. Deixa, alem dos livros já editados — **Pelo Sertão, Notas do dia, Contractador de diamantes, Lendas e tradições** e **Jagunços**, publicado este ultimo sob o pseudonymo de Olivio Barros, os seguintes mais: **Mestre de Campo, Ouro! Ouro!**, mais um livro de contos e um de conferencias.

O lado mais interessante da figura de Arinos era o seu profundo nacionalismo. Elle era um typo de sertanejo adaptado á civilisação, mas que guardou no fundo uma alma de jagunço. Apezar do "raffinement" da vida que levava, nunca poude esquecer a infinita poesia do sertão.

Eduardo Prado era mais um polemista que um escriptor. Toda a sua vida foi moldada sob essa feição combativa. Depois dos successos de 89, Eduardo appareceu á frente do **Commercio de São Paulo**, monarchista e religioso, combatendo o regimem e seus homens. Talvez, se a monarchia se prolongasse, elle tivesse sido republicano pela necessidade de combate. **Illusão Americana** é um livro demolidor. Prado achava que se devia reagir contra essa approximação historica que ha longos annos, se estabelece entre nós e os Estados Unidos.

Dizia que estamos separados dos Estados Unidos, não sómente por uma grande distancia, mas tambem pela raça, pela religião,

pelo caracter, pela lingua, pela historia e pela tradição do nosso povo.

"O facto do Brasil e os Estados Unidos se acharem no mesmo continente, é um accidente geographico, ao qual seria pueril attribuir uma importancia exagerada." Nós, hoje, vemos quanto Prado foi injusto com esse "gigante de ferro com os pés de barro".

Tio Sam de caixeiro viajante passou a D. Quixote e com um desinteresse pouco compativel com o seu caracter pratico, atirou-se ao grande conflicto, trocando o capacete de Mercurio pelo de Marte que, apezar de um pouco mais pesado, se adapta perfeitamente á sua forte cabeça de gigante.

Eduardo Prado tinha, como Nabuco e Arinos, um grande amor á tradição, o que o fazia differente dos demolidores vulgares. Combatia pelo prazer de se agitar, mas quasi que sem vontade de vencer. A conferencia sobre o padre Anchieta, são paginas vividas, repassadas de uma funda emoção e de um grande amor ao passado. Eça de Queiroz faz notar com muito espirito esse amor de Prado ás cousas tradicionaes.

Diz elle que Eduardo detestava os judeus, menos pela sua ganancia de ouro, pelo seu despotismo financeiro, do que pelo facto de, fugindo á tradição, elles não mais usarem sobre a roupa as infamantes rodellas côr de açafrão, e de não mais morrerem em fogueiras christãs.

Joaquim Nabuco foi um typo representativo. Pela sua vasta cultura, pelos seus escriptos e trabalhos literarios, pela sua belleza physica e pela sua attracção pessoal, elle estava naturalmente indicado para os postos de destaque e representação que occupou.

Ha geralmente, no Brasil, a crença de que, entre dois homens que fazem literatura, tem sempre mais valor o que fôr mais franzino, mais feio e menos limpo. Essa theoria fez com que os tres typos que acabo de citar, fossem olhados com uma quasi desconfiança, pelo facto de serem grandes em tudo, de terem a **mens sana in corpore sano.**

Joaquim Nabuco, com Prado e Arinos, foi um artista que comprehendeu a arte e começou por moldar sua vida a ella. Muita gente não perdoa a esses tres espiritos gemeos, o facto de terem nascido bem, de terem tido sempre o conforto material.

Nabuco tinha a aristocracia, a elegancia de corpo e de espirito. O que escreveu, tem a mesma reserva sobria que elle guardava em toda a sua pessoa, desde a vestimenta. Como Prado e Arinos, Nabuco foi um grande viajante, sem ter sido um "Globe-trotter". Não viajou pelo prazer physico de se movimentar. Viajou vendo tudo, estudando e assimilando o que via e estudava. Conheceu grandes homens. Rénan admirou-se do seu espirito e Mme Sand da sua belleza.

Desde os bancos escolares, quando estudava, como toda gente aliás, o curso de direito, seu cerebro em trabalho abria-se já aos grandes problemas sociaes, moraes e artisticos, que foram a preoccupação da sua vida. Os ideaes da sua mocidade, eram quasi que oppostos aos enunciados por elle mais tarde, ao attingir á idade madura. Em moço, segundo elle mesmo, devorava com a juventude do seu tempo, os livros nascidos da agitação republicana que se accentuava em Paris. **Palavras de um crente, Os Martyres da Liberdade, Ahasverus,** eram o evangellio de Nabuco jovem e da mocidade daquella epoca. Depois, com o andar dos tempos, seu espirito foi ficando mais descançado, até tomar aquella feição serena, que foi a definitiva.

Com a morte do pai, o parlamento abriu-lhe as portas e elle dedicou-se inteiramente á campanha abolicionista. Visitou muitos paizes no curso desta propaganda, tendo mesmo obtido o apoio de Leão XIII. Veio depois a republica. Durante dez annos Nabuco combateu no seio do partido monarchista. Escreveu muitas obras nesse periodo, das quaes a mais importante foi **Um Estadista do Imperio.** Perdendo as esperanças de uma restauração monarchica e para servir ao seu paiz, reconciliou-se com a republica.

Os pontos de contacto entre Arinos, Prado e Nabuco são multiplos. Todos tres tiveram a forma mais inquieta da curiosidade — a das viagens.

Não viajaram sob esse aspecto vulgar de **Globe-trotters** que, Baedecker á mão, percorrem, precedidos por guias, o mundo, olhando quando muito as pedras das ruinas, com um olhar uniformizado pela Agencia Cook. Não. Viajaram a seu modo, estudando e vivendo a vida de cada povo. Foram pescadores na Bretanha e vaqueiros no Sertão, tendo sido antes fidalgos nas Côrtes e **boulevardiers** em Paris.

Entretanto, a qualidade commum que tinham em mais alto grão, era o patriotismo, o grande amor ao seu paiz. Era de vel-os, em Paris ou em Roma, em Londres ou em Washington, se referirem com phrases quentes á luxuriante natureza desta terra illuminada pelo sol dos tropicos.

As viagens... Alguem já disse que nós sahimos do Brasil para nos nacionalizarmos.

Todos nós notamos que os homens que mais tempo viveram afastados do seu paiz, são os que mais amam a sua terra, e Arinos, Nabuco e Prado viveram muito fóra do seu meio.

A ultima vez que vi Arinos, um mez e tanto antes do grande golpe pelo qual havia de passar com a sua morte, elle estava de partida para Europa. De partida... sempre estava de viagem. Parece que elle tinha a comprehensão arabe da vida. Como os beduinos,

achava que nós estamos de passagem no mundo, que vivemos de uma para outra transição.

Na nossa fazenda, ha muitos annos, havia um caboclo velho — José Violeiro — nunca lhe soube outro nome. Não sei porque, no meu entendimento de creança, sempre que via esse homem me lembrava de Arinos. Como elle, numa esphera mais restricta naturalmente, Violeiro tinha a ancia de horizontes novos. De quando em quando enchia a trouxa com um pouco de carne secca e um pouco de farinha e largava-se pelas estradas, gozando da alegria vagabunda de liberto. Tal qual como Arinos, partiu de viagem um dia e eu nunca mais o vi...

Arinos, Prado e Nabuco morreram relativamente moços. Nabuco, que foi quem mais viveu dos tres, morreu aos 61 annos, completamente moço de corpo e espirito. Arinos deixou de existir aos 46 annos, em plena força da sua maturidade sadia, com todas as energias de espirito e em toda pujança da sua musculatura de gigante amavel. Prado morreu aos 41 annos.

Conta uma lenda grega: — No meio de uma matta, vivia, com seus dois filhos homens, um casal de lenhadores. Numa fria tarde, em que os rapazes andavam a fazer lenha no matto, surgiu na cabana uma velhinha extraviada, tremula de frio e de medo, pedindo qualquer cousa que lhe mitigasse a fome.

Os velhos lenhadores, pouco tinham para o seu sustento e dos dois filhos. Sobrava apenas um pedaço de pão que foi dado de bôa vontade á velhinha extraviada. Ao receber das mãos do lenhador a esmola que lhe era dada, a mendiga transformou-se numa linda fada e disse-lhe que pretendia de qualquer modo, recompensar sua bondade. Mal acabava de falar, eis que entram portas a dentro os dois moços lenhadores, musculos retesados e pernas curvadas sob o peso de enormes mólhos de lenha. Offegantes e suados pelo esforço, robustos e cheios de vida, mais pareciam dois jovens deuses. A fada então, tocou-lhes na testa com a varinha, abatendo-os mortos em plena força da sua mocidade, que parecia no explendor de seiva, dois robustos pinheiros da floresta. Ao espanto interrogativo dos velhos assustados, a fada respondeu dizendo-lhes que a felicidade maxima é a morte antes do declinio.

Arinos, Prado e Nabuco, cahiram fragorosamente, - qual os jequitibás da minha terra feridos pelo raio.

O patriotismo dessas tres almas itinerantes, não foi bastante para que tivessem, segundo o desejo do poeta um bronze em todas as esquinas. Mas elles deixaram uma forte recordação na fragil memoria dos homens, e uma grande saudade em todas as mulheres.

V. DE MELLO FRANCO

O DESTACAMENTO

Quasi todo o domingo o Bahiano turbava o socego das Tres Barras esbordoando sua companheira, a Rufina. A bóda era desenvolta, dava corda ao primeiro que encontrasse; e como o Bahiano não era cego e havia deliberado casar com ella brevemente, esmerava-se em trazer sempre limpa a sua honra; lavava-a como podia, a cachação, a porrete, e com isso se tornara o terror ao pacatissimo arraialete mineiro, ao qual se antolhava com a temibilidade de um famigerado facinora.. A Camara, a summa potencia local, em consequencia de suas terrificantes façanhas reunia-se ás vezes extraordinariamente e fazia pressão no subdelegado, o Toniquinho da Candola, para pôr côbro áquelles desmandados. Toniquinho, porém, humillimo boticario de natural pouco bellicoso, magricela, vozinha habitualmente chorosa, explicava aos encanecidos vereadores:

— Se autúo o Bahiano, elle é capaz de me matar!

— Basta prendel-o correcionalmente por alguns dias; insinuavam-lhe.

Crescia a difficuldade. Nem pensar em tal!

O caso, como se vê, punha-o em aperturas. Se os amigos do directorio o não coagissem a servir, Toniquinho já se teria demittido do cargo policial.

A Cmara, entretanto, não cedia. Muitas vezes, tomando a iniciativa, ella propria mandava intimar o Bahiano, em nome do subdelegado. Avisavam a este com a antecedencia necessaria, recommendando:

— Passe-lhe uma descalçadeira energica; e, se o pilhar de geito, zás! tranque-o na despensa. Depois mande-o para a *cadeia*.

Merecia este nome pomposo o gallinheiro do padre.

Quando o Bahiano acudia á intimação e surgia á porta da botica com o cano da garrucha espiando sob a aba do pa-

letó, o capitão Toniquinho (capitão da Guarda), tremendo, fazia-o entrar para a sala de visitas; tratava-o com toda a attenção, mandando buscar café; e conversava com voz de mel sobre tudo, menos sobre o verdadeiro motivo da citação. O Bahiano, por signal, começou a tomar-lhe certa amizade; um dia ou outro elle trazia da roça um frango ou um girivá e ás vezes chegava a pedir-lhe uns cobres emprestados.

Nesses dias, o que mais incommodava Toniquinho, era a sanha de sua metade contra o valentão. Siá Candola era guerreira no trabalho; ninguem soccava mais depressa uma pilãozada de arroz, ou mais depressa lavava e batia uma trouxa de roupa; o reverso da medalha, porém, era seu genio explosivo; esgalgada, pelle em gelhas, dedos aduncos, olhos agudos de ave de rapina, retratava exteriormente a furia que internamente era. Ai do Toniquinho se desattendesse! Na vizinhança, que ella trazia em panico, tinha sempre em andamento sua meia duzia de pendencias; e era mais que certo que todas acabariam em unhada velha.

Ella, em verdade, é que era subdelegada alli. A inercia do Toniquinho em relação ao Bahiano, valia-lhe tremendas descomposturas.

— Ah! se fosse eu! gritava ella. Havia de ensinar! Nasci para ser homem!

E, se acaso lidava com o arroz, brandia ameaçadoramente a mão de pilão sobre a cabeça do inerme Toniquinho, para reforçar as suas palavras.

Por ultimo, quando o Bahiano lá estava, era precisa toda a vigilancia do marido para evitar algum desproposito da mulher, que bufava na cozinha, querendo investir para aquelle com a sua maça de combate. Toniquinho supplicava-lhe agonisado, em tremuras:

— O' Candola... Veja, Candola... Candolinha!

Toda a paciencia tem limites. Por vezes, ante a insistencia dos camaristas, Toniquinho, tão calmo, exasperava-se e mostrava o punho para longe:

— A culpa tem esse governo, que não manda as praças! Juro que, emquanto não vierem, não mexerei mais com uma palha!

Havia tempos, o directorio fizera pedido d'um destacamento, sem obter solução.

E Toniquinho da Candola começou a mostrar-se tão exaltado, tão energico pela primeira vez em sua vida, falando contra o governo, contra "essa sucia de comedores", que os politicos o admoestavam em particular:

— Toniquinho, você não faz bem em falar assim. Ha tanta gente linguaruda que gosta de intrigar! O governo póde vir a saber.

— Não me importa! que saiba!

Um bello dia a camara resolveu reunir-se para reiterar o pedido das praças. A concurrencia como era de esperar, foi enorme, pois, sempre que havia sessão, os tresbarrenses affluiam ao predio da municipalidade, acotovelando-se, disputando logares, nunca saciados de ver o impressionador espectaculo dos camaristas, reunidos. E, na verdade, como testemunha ocular, garanto-lhes que era justificada a concurrencia. Apenas quem nunca assistiu a uma sessão em Tres Barras, não sabe o que é solennidade. Fazia correr arrepios pelo espinhaço do observador. Os vereadores eram velhos, austeros, olhar mysterioso e profundo. Quem os visse em volta da comprida mesa, graves, silenciosos, acariciando com gestos lentos as longas barbas brancas, tinha a impressão de achar-se no senado romano. O silencio, enorme, pesava no recinto como a paz tumular. Nenhum falava, a não ser raramente, uma voz sussurrante, que lembrava a do sacerdote ao altar. A voz solenne do presidente abrindo a sessão, o tinir da campainha, a leitura da acta, transportavam o espectador, como se fossem o ritual augusto e cheio de mysterios de uma religião. Os pulmões paravam de arfar, as boccas se abriam, os olhos não se fartavam de pasmar, emquanto lentos e graves os senadores acariciavam as barbas interminaveis.

Explicava-se por essa fórma o consideravel prestigio de que gosava a edilidade em Tres Barras. Ultimamente havia uma nota dissonante, que ameaçava tornar-se para esse prestigio a eiva do celebre vaso trincado. Nos derradeiros mezes andava na ordem do dia de todas as sessões, um projecto que mandava entupir no pasto de um dos vereadores, o Manoelzinho Junqueiro, certo rego rasgado de má fé, para onde fugiam aguas dos terrenos do agente executivo. O dono do rego recalcitrava, chegando ás vezes a erguer asperamente a voz contra os companheiros, no recinto, em risco de fazer-se impopular. Os outros emittiam opinião em longas reticencias desfavoraveis ao Manoelzinho, e em olhares irresolutos, sem atrever-se a approvar o projecto, cuja votação era sempre protelada. Em muitas sessões até nada se falava a respeito; em sua eterna irresolução, limitavam-se os camaristas a olhar para Manoelzinho, ao passo que Manoelzinho fincava os olhos no tecto, furioso, entrincheirado em sua pirraça, dando a entender que não cederia uma

linha. Debalde a expressão angustiosa de toda a assistencia lhe dizia sem palavras: "Manda entupir o rego! Ora, manda, Manoelzinho!" elle fingia não comprehender; e dést'arte, permanecendo a causa da discordia, reinava constrangimento nas ultimas sessões. Ao casmurro, já o alcunhavam, pelas costas, de Manoelzinho do Rego; por signal que elle damnou ao sabel-o.

Quando a camara se reuniu para tratar novamente da vinda das praças, o germen da discordia tomou vulto, porque Manoelzinho dissentiu, vehemente, com palavras acerbas contra o subdelegado, que era todo dos outros camaristas. Como embirrava com o negocio do rego, embirrava semelhantemente agora com o caso das praças, recusando de antemão sua assignatura a tudo que com elle entendesse. Essa attitude, inesperada, causou sorpresa e alarme; teceram-se infindas conjecturas sobre o que poderia motival-a, propalando-se que na politica local se tramava ás escondidas um principio de dissidencia. Soube-se mais tarde que era medo de soldado, o pueril terror que a farda inspira a todo o mineiro de bibocas arredias da civilização. Nisto os outros vereadores se mostravam mais progredidos, porque, quanto ao pedido das praças, malharam de rijo, resolvendo, nessa sessão e ulteriores realizadas com o mesmo fito, dirigir petições sobre petições ao governo, reforçando o primeiro pedido. E tanto se implorou, insistiu, exigiu, foram taes as supplicas e empenhos, que, porfim, numa bella manhan, desembarcou o destacamento, entre o panico de uns e regozijo de outros, na estação do modesto logarejo.

O acontecimento deu brado. Manoelzinho do Rego, vergonhosamente derrotado, retirou-se furioso para sua fazenda. Déssa data em deante embirrou em não apparecer mais em Tres Barras. Apenas se abalava para cabalar votos nas cercanias, tramando uma insidiosa dissidencia. O patriotismo local, ao contrario, rejubilava, acceso em legitimo orgulho pelo melhoramento adquirido. Quando o destacamento em peso, um cabo e duas praças, carabina ao hombro, passo marcial, atravessou o povoado, olhares derretidos em pasmo pousavam-se sobre elles, acompanhando-os até aonde a vista alcançava, como presos á trajectoria de um meteoro raro e miraculoso.

Com essa numerosa milicia, todos se sentiam garantidos e fortes. Ao menor bate-bocca, exclamavam os contendores: "Hoje você ha de dormir no pau!" E com essa perspectiva, os aggravos se desaggragavam sem rixas, o punho levantado para esmurrar, não abria o angulo ameaçador do braço,

contente cada qual com roncar em voz sinistra: "Hum! você já me conhece!" E as proprias linguas taramelavam menos. Valia-se o patrão déssa consideravel força, para exigir submissão do empregado e a sogra sonhava, noites a fio, com o genro preso e algemado. O proprio nivel das conversações se elevava; os que eram seu poucochinho eruditos, traziam á baila as guerras celebres da Historia, rememorando Napoleão, Alexandre e as façanhas dos Doze Pares de França.

Quanto ao vigario, esse implicou. Padre Ganquerio era um cincoentão rubicundo, sujeito a frenesis, amante de proferir sermões terroristas, em que fazia horrendas descripções das tachas infernaes. Suas furias rhetoricas traziam cada domingo á missa numeroso rebanho de fieis. Tres Barras era o que se podia chamar um povoado devoto. Pois não é que com a chegada das praças rareavam os frequentadores da egreja? Todo o mundo andava com a cabeça no ar, esquecido de Deus e das obrigações de maior monta. Por isso, padre Gauqueiro desatinou. Poz-se a berrar ao pulpito barbaridades contra a republica e contra o casamento civil, apregoando, em furia apocalyptica, para muito breve, o fim do mundo e o Juizo Final. Tudo debalde! O povo não assentava a cabeça, e a deserção se fazia mais sensivel de domingo para domingo. Datava déssa época sua ligação politica com o Manoelzinho, a quem ia ver frequentemente, tendo com elle infindaveis conciliabulos, conservados em sigillo hermetico.

Com o divorcio da Egreja, a Camara tremia em seus alicerces; todavia, não dava o braço a torcer, confiante na victoria. O destacamento, afinal, era seu, como tambem o era o subdelegado Toniquinho.

Toniquinho? Não... Esse agora não era de ninguem. Não sahia mais de casa, sómente entrevisto confusamente no fundo da botica, fazendo-se de atarefado, a aviar receitas imaginarias. Disfarçava d'este modo o terror que lhe inspirava a má catadura do cabo commandante. Tambem o modo sacudido com que cada manhã o brutamontes lhe dizia, rigidamente perfilado, renteado com a mão a pala do boné: "Sr. capitão, communico a *vossuria* que não houve novidade!" P'r'ó diabo! Toniquinho, o imbelle Toniquinho, não queria saber de nada d'isso. Deixassem-n'o viver obscuramente em companhia de suas pacificas pilulas, pois não tinha velleidades de mando. Não succedia o mesmo com siá Candola, sua terrivel metade; sentia-se agora poderosa, invencivel; resuscitava rixas velhas, encruecia as novas, tra-

zendo panico á vizinhança dos quatro lados. Um panno que voava para lá, um frango que passava a cerca, não precisava mais para que ella, esquecendo o pilão e a barrela, mettesse a mão á ilharga e descompuzesse céos e terras, com vocabulario adequado, a imagem feliz, a elocução fluente e encorpada de timbre, todo esse primor de perfeição que apenas sabe proferir a bocca das comadres litigiosas que já teem, na fé de officio, um longo tirocinio de rusgas.

Chegara, afinal, o dia do Bahiano. Num domingo, em pleno largo, espancara novamente a amasia. Fôra o caso, que na vespera elle a pilhara com um fula, de quem já tinha velhas desconfianças. Machucara-a bastante "no sufragante", e já haviam feito as pazes; mas, no outro dia, entre os fumos retroactivos de uma cabreuva "braba", preparada com restilho, relembrava a offensa recente, mal perdoada, e segundava a surra, descendo-lhe o guatambú purificador. A noticia correu num atimo e o povo affluiu ao largo, para saborear as consequencias. Emquanto o pau cantava, centenas de olhos inquiriram a rua do quartel, á espera das praças.

Subito houve reboliço. E' que apontara ao longe a farda de um soldado. Vinha ás pressas, teso no seu uniforme de dolman vermelho e calças brancas, refle no boldrié, os braços para deante e para traz. Chegara um pouco tarde, pois o caboclo já descansava o pau, tendo posto a honra limpa e a Rufina contusa e ensanguentada. Mesmo tarde, era ainda de admirar que viesse, por não ser pequena proeza atrever-se alguem a levar a noticia ao cabo commandante. Ao vel-o sentado na calçada do quartel, com o olhar carregado, a pulir a monstruosa carabina, os que tinham como trajecto forçado aquelle trecho de rua, passavam de largo, no andar apressado de quem arrisca. Pois houve um decidido, o Zé Cotia, panelleiro; foi dar parte, resoluto gritando de uma certa distancia ao commandante:

— Sô cabo, ha um guaiú lá no largo!

O cabo encarou-o com expressão severa:

— Você não estará contando rodela? Veja lá!

— Juro pela alma do defunto meu pae, afiançou o Zé Cotia.

Então, mal humorado, o commandante ordenou a um dos subalternos que ouvira a parte:

— O' João, vá ver que estrumela é essa.

E como o panelleiro se fosse pisando:

— Você, alto ahi! Vá com a praça mostrar o logar.

O soldado apertou o cinturão e abalou com o mensageiro. Vendo-se em tão temerosa companhia, Zé Cotia tremia por si proprio; mas depois de vencido um pedaço de caminho, como nada lhe succedia de alarmante, e tranquillizado pela affabilidade do João, que se mostrava de boas avenças, chegando a tirar com elle Zé um dedo de prosa, seu terror transformou-se em nobre orgulho; media o passo pelo do soldado, copiando-lhe o entono marcial; e se encontrava um conhecido, olhava-o sobranceiro, sem cumprimentar.

E assim alcançaram o largo.

A policia avançou para o Bahiano, no meio da expectativa anciosa do povo.

— Esteje preso! disse.

O caboclo botou-lhe de travez um olho enfezado.

— Quem é que está preso?

— Não se faça de besta! E' você mesmo! retrucou o João, desembainhando o espadim.

Como unica resposta, Bahiano volveu-se para a Rufina:

— Péga na trouxa e bamo s'imbora.

— Bamo s'imbora é uma conversa! tornou a praça. Então resiste á prisão?

— Ora não me arrelie, sô coisa!

E, ao dizer isso, Bahiano virou-se para elle com catadura ameaçadora.

O soldado amuou. Metteu o refle na bainha, e, sem dizer palavra, voltou-lhe as costas, altivamente, tomando o rumo do quartel.

O povo, electrizado, aguardava os acontecimentos. Cruzavam-se commentarios:

— Foi buscar reforço, opinava um.

— Esqueceu-se da carabina, dizia outro.

— Que o cabra é chegador.

— Não foi por medo, isso não!

Entrementes, rebocando a amasia aos repellões, Bahiano seguia a estrada da fazenda. João e a outra praça, em marcha accelerada, foram topal-o já para fóra do povoado. Numerosa chusma acompanhava-os, ao passo que os tresbarrenses mais precavidos fechavam as janellas, de receio dos tiros.

— Esteje preso! conclamaram as praças fazendo alto.

— Ora deixem de arrelia, que eu não tou bão! e o Bahiano coçou o cabo da garrucha.

A policia, affrontada, fez meia volta, retomando o caminho do quartel.

O povo ao principio ficou pasmado, como quem não comprehende; porfim alguem murmurou: "E' medo!" A essas palavras quebrou-se o encanto e abriu-se a valvula aos commentarios pejorativos. A farda começava a perder o seu prestigio. Um sussurro de descontentamento escoltou as praças em todo o percurso da volta, fazendo-lhes errar o passo. No quartel o cabo commandante estrilou com os subalternos, chamando-lhes a vergonha da farda e ameaçando recolhel-os ao batalhão. E a fraquejar infernalmente resolveu-se a acompanhal-as.

Restituiu-se ao povo uma parte de sua confiança, quando o destacamento em peso apontou na extremidade da rua. Infelizmente já não era a passagem triumphal do costume; mas as dimensões formidaveis das carabinas, e o reluzir das bayonetas caladas, reduziam os commentarios malignos. Onde o borborinho de descontentamento era maior, o cabo carregou o kepi na testa, com um ar terrivel, o que, em verdade, foi agua na fervura.

Quando distancearam os curiosos, o commandante repetiu suas invectivas contra a cobardia das praças; e com brios "estumados", repisava o estribilho:

— Vivo ou morto, havemos de trazer o homem. Aqui é preciso salvar o prestigio da farda ou morrer.

E com isso, fóra do povoado, iam vencendo estrada, no encalço do criminoso. Afinal avistaram-n'o muito ao longe, numa volta. Perceberam que nesse momento o Bahiano parou, como a esperal-os. Elles tambem pararam.

— O homem teve medo, por isso foi-se raspando para a roça, disse João.

— Désta feita sabia que vinha mesmo, commentou a outra praça.

Quanto ao cabo, nada disse, porque estava a coçar a cabeça, irresoluto, pesando motivos. Voltarem sem o Bahiano, reflectia, seria cahirem no ridiculo e merecer as chufas de toda a população. E trazerem o criminoso á força, era empresa difficil, pois tinha fama de cabra chegador, de comprar e pagar, d'esses que não olham a consequencias. Podiam estar certos de que resistiria, e ás direitas. Que fazer?

E o cabo coçava a cabeça. Depois começou a coçar o queixo. Porfim espetou o dedo grande nos dentes de cima, quedando-se cogitativo nessa postura.

— Que é que vocês acham? desembuchou, ao cabo de certo tempo. Podiamos daqui mesmo fazer um tiroteio contra o Bahiano.

A idéa, nascida murcha, cahiu sem discussão.

Então, numa inspiração suprema, o commandante puxou o revolver e disparou um tiro para o ar. Os seus inferiores fizeram o mesmo. A chusma dos curiosos, espaventada debandou ao longe, ao passo que o Bahiano, bravateando, teimava em esperar no mesmo sitio.

Um ronco sahido da beira da estrada, attrahiu-lhes nesse momento a attenção. Era um bebedo, a quem o estampido das detonações despertava um sobresalto. E sabe Deus de que somno comprido! Pois o Tobias de sô Pedro, quando se punha a cozinhar a pinga, era obra para uma fieira de dias. Havia não sei quanto dormitava naquella beira de estrada, pouco sensivel ás intemperies, pois attenuava-lhes o effeito com o seu velho chapéo de pello, que o uso fizera conico como um funil. Assim, fosse o tempo agradavel, armava-o no embigo, e todo se gozavâ da suavidade da luz e do calor; se o sol feria a vista, ou o relento peneirava humidade, removia-o do embigo para a cara, e ficava alli debaixo como quem armou tenda e dentro se agasalhou a seu seguro.

— Que está fazendo ahi, siô traste? vociferou o cabo, de pessimo humor, dando-lhe um ponta-pé.

O bebedo, mal desperto, ria e babava, sem falar, mal podendo abrir os olhos, que acabavam exactamente de sahir debaixo da tenda.

— Esteje preso! gritou o commandante, com uma voz terrivel. E, se resistir, han!

Resistir! O borracho nem pensava em tal. O diabo é que elle não se aguentava nas pernas. A poder de sacões e cachações, e de uma serie de "não se faça de besta!" os dois subalternos vingaram mettel-o em pé.

— Para o quartel! Marchar! commandou então o cabo.

Era difficil obedecer; mas, a fazer suas cambetas, e com o auxilio das praças, afinal foi andando, sempre a rir e a babar, numa alegria infantil de ir dáquelle modo, quasi carregado.

Foi um triumpho o regresso, um triumpho imprevisto, pois acontecia que o Tobias de sô Pedro era por demais conhecido vagabundo, pedinchador de "ajutorios", ebrio habitual e ladrão de gallinhas. Uma vez que o Toniquinho o trancafiava na "cadeia", não é que elle achara geito de abalar alta noite, com uma duzia de aves do reverendo nas pontas de uma manguara? Quando o padre Ganqueiro deu pelo "destroço", chegou a proferir blasphemias pretas, capazes de infernar a alma do santo de maior santidade. Por um triz que não privou os poderes publicos tresbarrenses da inestimavel enxovia. Desde esses tempos sumira-se o Tobias

e eis que voltava agora inopinadamente com escolta, para pagar as feiissimas culpas!

Com a importante noticia, logo esqueceu o Bahiano. Mal soavam, no principio, vozes esparsas: "Uai! Pois não é outro? Cadêle o Bahiano?" ao que se respondia vagamente que afundara no capoeirão, baleado. Depois, esqueceu totalmente. Só se falava no Tobias, no famigerado Tobias, que afinal ia pagar as falcatruas.

A noticia voou electricamente de ponta a ponta do arraial; e em todo o percurso, desbruçados das janellas, confluindo das ramificações da rua principal, por onde havia de passar o preso ladeado pela força publica, agglomeravam-se, movidos pelo mesmo profundo interesse, todos os moradores do povoado. E todos glosavam animadamente o succedido. Ora o Tobias! o larapiador de gallinhas! Fugisse de novo agora, que estava na mão do onça! Pois não é que o trouxa viera cahir na ratoeira, sabendo que agora, graças a Deus, tinham uma unidade militar incumbida de velar pela segurança publica?

Como se vê, a exultação não podia ser maior; por isso ficou sempiternamente memoravel, nos fastos da modesta povoação mineira.

E foi assim que d'essa data em deante se firmou definitivamente o prestigio do destacamento policial de Tres Barros, para maior orgulho e segurança dos habitadores do arraial. O facto teve toda a sorte de consequencias felizes. A noticia da prisão do Tobias chegou aos ouvidos do Bahiano com tão terrificos pormenores, que o cabra abriu o pala para terras remotas, levando comsigo a Rufina, sem coragem de tornar a pôr o pé no povoado, em dias de sua vida. A captura serenou o ecclesiastico, que no domingo seguinte elogiou do pulpito as praças. Exerceu salutar acção sobre o proprio directorio; pois o gesto magnanimo da camara, esquecendo depois d'isso a questão do rego, valeu reconquistar-lhe o Manoelzinho, que dizem já fez as pazes, e está disposto a voltar, mais dia menos dias, a Tres Barras, para affirmar publicamente, em plena sessão da camara, sua solidariedade com os antigos companheiros de directorio.

GODOFREDO RANGEL

NOTAS DE SCIENCIA

Duas conferencias — A ventilação pulmonar — O problema do ar — Impressões digitaes dos selvagens.

A sciencia brasileira tem lugar de honra nestas paginas, seja pela quantidade de suas contribuições ou pelo valor proprio de cada qual.

Esta primeira nota não deve ser mais do que uma breve noticia. Nem desejo que de outro modo a considerem. Ha nos conventos um recanto apartado, onde os profanos não penetram, pela prohibição rigorosa das ordens, que vedam a entrada aos que se não prepararam para aquelle ingresso. Chamam **clausura** ao recinto vedado; e tenho, para mim, como clausura scientifica, tudo quanto é terreno em que se cultiva mathematica. Não posso, assim, entrar de fronte erguida por alli a dentro; nem mesmo posso espreitar por uma fresta do murado sitio, que me não consente fazel-o o conhecimento do que desconheço.. Mas, por outro lado, creio bem prestar um pequenino serviço aos estudiosos, consagrando á simples noticia, o espaço destinado a um commentario; quero participar, aos leitores que se interessam por assumptos mathematicos, a publicação de uma monographia, ricamente documentada, sobre os trabalhos de **Otto de Alencar.** Essa memoria foi lida em conferencia na Escola Polytechnica do Rio de Janeiro a 28 de Abril p. p. pelo professor M. Amoroso Costa. A mathematica, e as outras sciencias que reclamam frequente abstracção, não dispõem de numerosos cultores entre nós outros, seja porque se trata de um ramo de saber humano já exgottado, quanto ás suas conquistas fundamentaes, como quer Augusto Comte, especie de mina explorada, na phrase de outro philosopho; seja porque falte á vida dos estudiosos brasileiros algo de quieto e estavel, condição para o trato das questões requintadamente trans-

cendentes que lhe formam o contexto. A memoria do professor Amoroso Costa evoca duas grandes figuras da **sciencia perfeita: Otto de Alencar,** que lhe constitue o assumpto principal, e **Gomes de Souza,** outro notavel patricio que viveu no meiado do seculo 19.

Joaquim Gomes de Souza nasceu no Maranhão em 1829; e, morrendo aos 34 annos deixou de si a lembrança do "mais alto espirito mathematico que tem produzido o Brasil".

Não se limitou assim seu cerebro privilegiado; versou, com igual successo, questões politicas, sciencias naturaes, medicina... Foi professor da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, e fez-se conhecido na Europa apresentando á Ac. das Sciencias, de Paris, tres memorias: duas sobre calculo, e outra sobre physica mathematica. Em 1882, por iniciativa do governo do Brasil, publicavam-se em Leipzig os originaes do digno patricio, sob o titulo "**Melanges de Calcul Integral**".

Segundo Amoroso Costa, Gomes de Souza foi, principalmente um grande algebrista.

Otto de Alencar Silva nasceu no Ceará, em 1874. Diplomou-se engenheiro civil no Rio de Janeiro. "Foi um bom alumno, mas não um alumno brilhante; não colleccionou distincções nem medalhas", affirma Amoroso Costa, que foi seu discipulo, na mesma Escola Polytechnica de que hoje é professor. Otto de Alencar acabou sua carreira ensinando topographia, disciplina eminentemente pratica; por isso mesmo, embora o professor Amoroso Costa não o affirme, pode-se dizer que o illustre scientista ensinava principalmente aos seus alumnos as theorias mathematicas das operações topographicas.

Uma vez apresentei a distincto alumno de Otto de Alencar, uma bussola de Gurley e pedi ao meu amigo que me dissesse como se **levanta** um trecho de terreno. O moço foi á pedra e, com grave injuria aos meus conhecimentos, desdobrou toda a mathematica que Otto expunha em aula a proposito do problema no seu curso: assim é que se fazia topographia, a giz, no quadro negro, coberto de **rabecões...** Culpa não tinha o grande mestre si a organisação absurda do nosso ensino divide os **professores substitutos** por secções constituidas da mais arbitraria maneira. Ainda agora, está-se procedendo a concurso na propria Escola Polytechnica do Rio, para uma vaga de substituto. A secção comprehende as cadeiras de **mineralogia, metallurgia e... botanica.** Saia vencedor um mineralogista, dão-lhe mais tarde a botanica, para ensinar o resto da vida... Conquiste o lugar um botanico, entregam-lhe, d'aqui ha algum tempo, a **metallurgia...** Foi assim que o regulamento quiz transformar um grande mathematico em professor de topographia, com grave damno para o apparelhamento technico dos estudantes, e intimo desgosto do sabio.

Otto de Alencar morreu aos 38 annos. Seu busto hoje se ergue naquella escola que foi theatro do seu ensino reputado.

Como professor, diz Amoroso Costa, elle teve o dom inestimavel de saber despertar a curiosidade de seus discipulos. Deve ter sido, pois, um fundador de escola; a monographia em que um autorisado mathematico vem de recordar os seus trabalhos, merecia pois uma destas modestas notas.

***

Commissionado pela Sociedade Brasileira de Sciencias, que se reune na Escola Polytechnica do Rio de Janeiro sob a presidencia de Henrique Morize, o professor Bruno Lobo realisou, por occasião do jubileu de Hugo de Vries uma notavel conferencia agora publicada em folheto lindamente illustrado, separata do 2.o volume da "Revista" da mesma companhia.

Hugo de Vries nasceu em Haarlem, a 16 de Fevereiro de 1848. Estudou em Liége onde recebeu o gráo de doutor em sciencias. De lá passou para Heidelberg e Wurzburg.

Principiou sua carreira de professor em Amsterdam, no anno de 1871. Sua bibliographia é numerosa. Porém, sua grande celebridade nasceu das contribuições que forneceu a dois dos mais interessantes problemas da biologia moderna: o da **herança** e o da **origem das especies.**

Bruno Lobo resumio de modo claro os trabalhos de Hugo de Vries attinentes áquellas questões.

Quanto á **theoria da hereditariedade,** formulada por de Vries em 1889, pode-se dizer que é uma variante do **pangenese** de Darwin.

Darwin admittia, no protoplasmo ovular, a existencia de particulas especificas — (gemmulas) — capazes de gerar os diversos tecidos em que se differenciam os organismos. Para o sabio hollandez, as **gemmulas** de Darwin, ao envez de serem elementos do cytoplasma, quer dizer, do protoplasma propriamente dito, seriam formações do caryoplasma, isto é, do protoplasma nuclear.

Ora, as recentes acquisições da biologia têm confirmado, até certo ponto, a opinião de Hugo de Vries. Loeb, o conhecido professor de Berkeley, affirma que as **nucleinas** — (substancias albuminoides phosphoradas que constituem o nucleo das cellulas) — promovem a sua propria synthese. Cada qual recompõe a nucleina que o caracterisa, como se fosse um verdadeiro **fermento.** Cada especie tem, pois, suas nucleinas. A herança dos caracteres é realisada por meio de taes complexos moleculares, cuja composição só agora a sciencia começa a desvendar.

Todavia o renome de Hugo de Vries só ganhou a universalidade que tem, graças aos seus trabalhos sobre a **variação brusca das plantas.** Todo o edificio construido pelo sabio botanico baseia-se numa lei geral, segundo a qual os seres vivos apresentam **variações**

lentas ou **fluctuações**, mostrando todas as formas intermediarias, ou variam **bruscamente**, soffrendo uma verdadeira **mutação** nos seus caracteres. E, assim, surgem **especies novas**.

Para de Vries a **fluctuação** biologica é um phenomeno geral; pode ser individual ou parcial, segundo attinge o individuo todo, ou apenas alguns dos seus orgãos. Além disso, não se realisa senão em dois sentidos: por augmento ou por diminuição do predicado primitivo. Ella é condicionada pelo meio; póde-ser util, inutil ou prejudicial á especie.

A mutação, ao contrario, faz-se em todas as direcções e dá origem a novos typos.

Para exemplificar, o professor Bruno Lobo serviu-se de material brasileiro, de trabalhos brasileiros e honra lhe seja. Dest'arte, forneceu, como typo de fluctuação individual, uma planta nossa, estudada por Loefgren, o **Rhipsalis salicornioides** cujas preparações foram apresentadas á assistencia e vem figurada no opusculo.

Exemplo de mutação, foi pelo director do Museu Nacional apontado uma **Victoria Regia** colhida em Matto Grosso, por Haehne, e cultivada no horto da Quinta da Boa Vista. Sendo real esta mutação, teria fornecido flores sem aculeos, quando as de Matto Grosso são providas daquellas formações.

Termina o seu opusculo o dr. Bruno Lobo fazendo a critica da **theoria da mutação** de Hugo de Vries, apontando uma serie de autores que a combatem e citando certo caso brasileiro, em que uma **especie** parece se ter transformado n'outra, por transição lenta, como o quer o lamarkismo, e não por mutação.

E' o caso dos peixes **Pimeladella transitoria** e **Typhlobagres Kronei**, ambos classificados por Miranda Ribeiro. **Typhlobagres**, pequeno bagre de olhos atrophiados, que vive nas cavernas do Iporanga, em S. Paulo, não é mais que **Pimeladella** modificado pelo meio.

A preoccupação do autor em se servir de trabalhos brasileiros para illustrar sua conferencia merece um louvor especial, que lhe desejo consignar aqui. Assim principiem nossos estudiosos a olhar ao redor de si antes de folhear material alienigena, muitas vezes só recommendavel pela asconancia insolita de um arrevezado nome de autor...

***

Dous trabalhos brasileiros sobre questões que dizem respeito á influencia das condições do ar atmospherico sobre o organismo, me vieram ter ás mãos. O primeiro trata da **regulação da ventilação pulmonar**; é memoria puramente physiologica, publicada pelo professor Miguel Ozorio de Almeida no "Journal de Physiologie", Tomo XVII. O segundo é de engenharia sanitaria — "O problema do

Ar e da Ventilação" da lavra de R. Pinheiro Lima, inserto em o n. 4 do Bol. do Inst. de Engenharia de S. Paulo. Duas notaveis monographias

***

O professor Miguel Ozorio, procurou verificar a variação da porcentagem do gaz carbonico no **ar expirado**, quando o paciente respira misturas em que a porcentagem desse gaz cresce progressivamente.

A mistura, realisada num gazometro, e tornada artificialmente bem homogenea, era respirada pelo homem, numa primeira serie de experiencias, e pelo cão, em outra. O **ar expirado**, recolhido em sacco de borracha soffria analyse a seu tempo. O paciente conservava-se em repouso, commodamente assentado.

A primeira conclusão do autor confirma o que já era sabido sobre o teor em gaz carbonico do ar expirado: a porcentagem desse gaz, é sensivelmente constante, quando o paciente respira o ar puro, no qual existe muito pouco gaz carbonico. Em 5 experiencias a taxa deste gaz foi cerca de 4, 27 o|o no ar expirado. Augmentando, porém, o gaz carbonico no **ar inspirado**, o autor verificou que as porcentagens, desse gaz no **ar expirado** guardam com as primeiras, uma relação simples, que pode ser representada algebricamente por uma equação do 1.o grão:

$$y = ax + b$$

y = porcentagem de gaz carbonico no **ar expirado**; **x** = porcentagem de gaz carbonico no **ar inspirado**; **a** e **b**, coeficentes constantes.

A lei formulada por Miguel Ozorio só se mantem real nos limites dentro dos quaes conservou suas experiencias: as porcentagens variavam, no ar inspirado, de 0,26 o|o a 6,64 o|o.

Com 0,26 o|o de C02 no ar inspirado, o paciente respirava 5 litros por minuto, com 13 movimentos respiratorios e fornecia uma taxa de 4,04 o|o de gaz carbonico no **ar expirado**. Quando o paciente inspirava ar com 6,64 o|o de C02, o **ar expirado** tinha 7,28 o|o deste gaz; e os movimentos subiram a 15, chegando o **volume respirado** a 16 litros.

O professor Miguel Ozorio illustra seu artigo com desenvolvida explanação mathematica do assumpto, admittindo que as duas porcentagens citadas são duas variaveis ligadas entre si por uma função simples, expressa na equação da linha recta acima transcripta.

***

O sr. Pinheiro Lima principia recordando que os maleficios do **ar confinado** são attribuidos, pela chamada **theoria chimica**, a tres phenomenos principaes: a) diminuição do oxygeneo; b) augmento

de gaz carbonico — (C02); c) presença de venenos organicos volateis esparsos no ar expirado — (Anthropotoxina, Kenotoxina, etc.)

De accordo com essa theoria o problema fundamental da engenharia sanitaria, no caso, seria renovar o ar atmospherico substituindo o ar impuro. Modernamente essa theoria tem sido analysada e combatida.

Muitas observações tem servido de demonstrar que nenhuma daquellas condições é determinante. O caso do **veneno humano** é mesmo ainda controverso. O autor defende a **theoria physica** do ar confinado, em que os principaes factores do phenomeno são a **temperatura**, a **humidade** e o **movimento**. As experiencias de Hill, de Londres, são altamente probantes quanto ao papel physiologico daquelles caracteres physicos do ar.

A estagnação das camaras de atmosphera das salas é a principal causa da sensação de mão estar que se padece nos recintos confinados.

A salubridade dos lugares, segundo L. Hill, é funcção dos movimentos da sua atmosphera. O ar parado... eis o inimigo!

O problema da ventilação, á luz dessas ideias, deve se assentar em 3 questões fundamentaes: a) qual a temperatura conveniente? b) qual o teor da humidade toleravel?; c) qual a velocidade de movimento mais acceitavel?

Dest'arte se tem procurado estabelecer **curvas de bem estar** ou desenhar cartas com as **zonas de conforto**...

Mais interessantes são as pesquizas de Shepherd, e outros, sujeitando individuos á acção de meios artificialmente preparados pela combinação de diversas temperaturas, gráos de humidade e movimentos.

Ficou estabelecido que a temperatura do ar influe mais nas reacções physiologicas do que sua composição; que os pacientes forneciam um terço de trabalho a mais á temperatura de 20° C., de que a 30° C.; que o calor, em ambiente de ar movimentado, activa as funcções psychicas. Aliás, não é nova a noção dos inconvenientes da humidade atmospherica associada á alta temperatura; póde-se dizer que do mão estar que soffremos no Rio de Janeiro durante o verão é muito mais culpado o seu estado hypometrico vizinho, muitas vezes, da maxima saturação.

O engenheiro R. Pinheiro Lima conclue sua excellente monographia, que seria desejavel vulgarisar entre medicos e hygienistas, apresentando alguns processos, architecturaes ou mecanicos, capazes de satisfazer á doutrina que abraçou.

***

O dr. Galdino Ramos, director do Gabinete de Identificação do Amazonas, desde 1905 dedica especial attenção aos assumptos da

dactylocospia em que se fez mestre reputado. Sua notabilissima these inaugural collocou-o, desde logo, entre nossos scientistas mais capazes.

Ao lado de Felix Pacheco habituou-se a versar os problemas da dactyloscopia; e agora volta a tratar das "Impressões digitaes dos Selvagens", numa interessante monographia.

Os desenhos formados pelas cristas papillares das polpas digitaes são classificados, no methodo Vucetich, que é o que se usa no Brasil, em 4 typos: arco, presilha interna, presilha externa, verticillo.

Galton chamou **typo primario** ao **arco**, por ser o encontrado mais vezes nos dedos dos grandes macacos (antropoides). Féret e Forgeot acharam esse mesmo typo, com muita frequencia, nos individuos epilepticos e degenerados.

Galdino Ramos, em sua brilhante these inaugural, contestou aquella frequencia e formulou uma theoria para explicar a complexidade das figuras das impressões. Para elle "a complexidade daquelles desenhos parece estar na dependencia do trabalho funccional". No material recolhido entre os indios da **Rondonia**, Galdino Ramos encontrou prova daquella sua theoria, exposta e documentada com raro talento.

***

A guerra interrompendo ou difficultando as communicações, veio privar os estudiosos de muitos periodicos scientificos. Viram-se, dest'arte, obrigados a ler o que se produz aqui mesmo. Não me inscrevo na lista dos que, **por muitos affazeres**, costumam deixar por abrir as paginas das memorias publicadas por brasileiros...

Comtudo felicito-me por não ter recebido, nestes ultimos dias, senão trabalhos nacionaes.

Mesmo porque, escrevo estas notas para a "Revista do Brasil"...

ROQUETTE PINTO

BIBLIOGRAPHIA

PROPOSICIONES RELATIVAS AL PORVENIR DE LA FILOSOFIA — José Ingenieros — L. J. Rosso & Cia. — Buenos Aires — 1918.

Poucos no Brasil desconhecerão a figura verdadeiramente notavel de Ingenieros, o sociologo e philosopho argentino que tão alto eleva no exterior o conceito relativo á mentalidade platina. Suas obras são procuradas com avidez, e lidas como até aqui só se liam os grandes méstres do pensamento europeu. A acuidade do seu espirito, a originalidade da sua critica, a liberdade do seu pensamento e sobretudo esse algo indefinivel que caracterisa os verdadeiros homens superiores, fazem delle uma figura já extravasada das fronteiras argentinas, e, mais que sul-americana ou americana, mundial. Assim, é com vivo prazer que todos recebemos a noticia de uma nova obra sua, pela certeza em que estamos de que uma nova obra de indiscutivel valor veiu incorporar-se aos thesouros mentaes da humanidade.

Eleito membro da "Academia de Filosofia y Letras" de Buenos Aires, Ingenieros compoz esta obra, verdadeira carta credencial á assembléa dos grandes pensadores mundiaes, e com ella propoz-se apresentar-se á Academia. Mas... academias são academias, e o que basta para enthronisar um Ingenieros ao lado dos mais eminentes philosophos contemporaneos, não bastou para justificar a sua recepção no seio dos academicos argentinos. Ingenieros deu a publico as suas notabilissimas "Proposiciones" e terá que fazer o elogio do academico que substituiu, porque assim o exige... o regulamento interno. E' o caso de darmos parabens ao pensamento humano pela nova acquisição, e pesames á academia pelo que perdeu, deixando de ouvir a leitura duma obra de alto valor para se regalar mais tarde num elogio que talvez não elogie. O alto apreço que nos merecem as idéas expendidas neste livro nos levam a adiar para mais tarde a analyse dellas, e, se autor nol-o autorisar, daremos, traduzidas, as notaveis conclusões a que elle chega.

ALMA CONTEMPORANEA — Sud Mennucci — Officinas do "Estado de S. Paulo" — 1918.

O sr. Sud. Mennucci estreia-se na critica com um livro consolador: porque já é muita coisa esse livro, e porque deixa entrever o muito de

que com o tempo é o autor capaz. Cheio de qualidades, não é o menor distinctivo do novo critico a bella independencia do seu espirito, a desempenhada "allure" do seu pensamento, e um bolelo de estylo todo seu, qualidades que realçam os demais predicados da sua linguagem, a clareza, a limpidez, o correntio, predicados estes distinctivos de quem tem o que dizer. Sente-se que elle é um insulado. Vive e pensa numa humilde cidadesinha do interior onde ha tempo para lêr e pensar. Nas capitaes o tumultuar da vida, a trama das relações e todo o resto da cipoeira social enreda por tal fórma o escriptor que elle tem de dispender um esforço triplo para produzir algo de valia. E nunca lhe permitte dar ao pensamento uma attitude rigidamente vertical graças ao imponderavel e permanente assedio das injuncções. No campo, longe das camarilhas, desobrigado de perder tempo na "cidade", livre de ao menor movimento esbarrar nas susceptibilidades de fulano ou sicrano, o pensamento adquire uma notavel liberdade de vôo. A solidão sempre foi uma grande creadora.

O livro do sr. Sud é um livro pensado, como elle proprio o diz em prefacio. As leituras que fez foram lentas e meditadas, leituras muito differentes deste folhear e fariscar apressados que nos grandes centros tem o mesmo nome. E por esse motivo assimilou-as o autor, robustecendo com ellas as conclusões da sua observação pessoal. Dividiu esses ensaios criticos em tres partes. Na primeira estuda a moderna concepção do ideal; em seguida as manifestações estheticas contemporaneas; e finalmente a liberdade esthetica. E distribuiu os ensaios da seguinte maneira: Alma hodierna; A funcção da critica; A Arte e a Sciencia; A moral na Arte; o didactismo e as escolas; Lyrismo moderno; Mysticismo e symbolismo; Typos mentaes e Arte de escrever. Para dar uma amostra da isenção e independencia do seu pensamento transcrevemos as conclusões d'A moral na Arte, relativas á questão do nú:

"Eu de mim, si diante de uma obra de arte que exalta o nú, em qualquer ramo da fantasia humana, o desejo me assalta e, aflorando-me a carne, revive em mim as tendencias e appetites da fatalidade biologica da especie, amo-a por isso mesmo. Uma obra de arte que se reveste do meu desejo e palpita e freme como elle e cria imagens e emoções para além do momento de que o artista nos quiz dar o flagrante e, dentro das fantasias sobre a possibilidade de um facto, forja mais fantasias e sobrepõe-lhe mais creações, é uma obra que merece o meu affecto e a minha admiração. Si acorda a minha vitalidade melhor para ella que vibra na sua factura e me reduz ao verdadeiro animal que sou, preso como tantos outros á funcção maior da vida, que é o amor, desde que ella me faz voltar ás fontes iniciaes e puras de todo o meu idealismo de homem-idealismo que é, em ultima analyse, a intellectualisação dos meus instinctos. Quem se lembrou de malsinar a fome? Porque, então, malsinar o amor, si elle é, no pensar da biologia, "uma nutrição prolongada, uma reserva de alimentação que quer e precisa expandir-se?" E esse desejo em vez de se revelar pela fórma commum, espiritualisa-se e manifesta-se por meio de uma obra de arte, merece as nossas pedradas? Tirae ás obras da mocidade — que representam a maior parcella da bibliotheca universal — o sainete agri-doce do ardor sexual, castrai-lhes essa caracteristica maxima dos animaes jovens e viude depois dizer-me o que fica, em arte, de realmente aproveitavel para o nosso gôzo."

Resta agora que o novo critico prosiga no caminho traçado e faça a obra de folego que em materia de critica de arte e critica sociologica havemos mister.

POESIAS — Dias da Rocha Filho — Edição do Centro de Letras do Paraná — Curityba — 1916.

Este poeta, de nome menos divulgado do que merece, nasceu em Curityba em 1862. E' pois um poeta antigo. As suas composições tem o sabor da época, uma época em que o parnasianismo e as outras correntes hoje dominantes, nem sequer ensaiavam o vôo entre nós, acerrimos imitadoras de todas as correntes européas que recebem o "placet" de Paris. Naquella bôa época predominava o sentimento, e porisso a poesia tinha muito mais poesia do que hoje:

Como é doce a primavera,
Cheia de luz e fulgores,
A rescender mil odores
No seio de cada flôr!
— E' como ella a mocidade,
Quando innocente sorrimos,
Quando no peito sentimos
Fulgidas crenças de amor.

Percebe-se bem na toada e nos themas o ar de familia dos poetas de antanho, Casimiro e os mais que morriam aos vinte annos. Dias da Rocha se não morreu com essa idade pouco além levou o fio da vida. Falleceu na cidade da Parahyba do Sul em 1895, com 33 annos pois. O limite da idade dos poetas vai auspiciosamente se dilatando. Hoje antes dos 50 não consta que morra nenhum. D'onde se conclue que o que os matava era o sentimentalismo, estado d'alma de que os actuaes fogem a sete pés, e fazem muito bem.

CAMPO DE RUINAS — Augusto de Castro — Empresa Literaria Fluminense — Lisboa — 1918.

A literatura que mais floresce hoje em dia é a de impressões sobre a guerra. As novidades que nos chegam d'além mar, como tambem muitas novidades d'aqui, não conseguem fugir á obsessão. O ambiente está muito sobrecarregado de fumaça e trons bellicosos para que os homens de letras possam voltar ás odes, ás bucolicas, ás pastoraes e ás outras maciezas da paz. Ha-de ser guerra de verdade nas trincheiras e malabarismo bellico fóra d'ellas.

O sr. Augusto de Castro abre o livro com esta dedicatoria:

"Quando atravessava, numa tarde humida de outomno, uma trincheira portugueza, na Flandres, vi encostado a um parapeito, um soldado portuguez que escrevia.

— A quem escreves tu, meu rapaz?

— A' minha rapariga. Ficou lá na terra, toda chorosa. Este é a minha espera p'ra casarmos, quando eu voltar — se a gente voltar algum dia...

E, sorrindo, com uma lagrima que não chegou a brilhar nos seus olhos escuros, accrescentou:

— E' uma perfeita cachopa, meu senhor! A gente cá na guerra precisa de ter um amor p'ra ter por quem morrer.

E' a esse "amor" do soldado portuguez que eu dedico este livro."

E dá em seguida 208 paginas de impressões sobre o que viu e ouviu.

LEIVAS DA MINHA TERRA — Ezequiel de Campos — Renascença Portugueza — Porto — 1918.

Com o sub-titulo de subsidios para a economia agricola portugueza este livro procura divulgar em Portugal os modernissimos processos da agricultura norte-americana, adaptando-os com intelligencia e discernimento ao meio portuguez. Elaborado com muito criterio, aproveita até a nós aqui no Brasil, apesar do muito que a nossa agricultura se differencia da européa.

TRATADO DA PROPRIEDADE LITERARIA E ARTISTICA, (direito interno, comparado e internacional) — Visconde de Carnaxide — Renascença Portugueza — Porto — 1918.

A complexa questão da propriedade literaria e artistica merece cada vez mais a attenção de juristas e legisladores. A industria moderna creou taes processos mechanicos de reproducção, phonolas, pianolas, cinemas, gravura, moldagem, etc., e esta industrialisação determina uma tal valorisação das obras d'arte, que em todos os paizes se fez mister reformar preceitos obsoletos e crear leis novas que attendam ás novas relações creadas entre artistas e editores. Em Portugal, como entre nós, só ultimamente se tem curado disso, porque sómente nos ultimos tempos é que se tem introduzido com algum elasterio este industrialismo artistico. A falta de obras que ventilem a questão é notoria, de modo que esta do sr. de Carnaxide vem prestar um evidente serviço não só ás letras juridicas portuguezas como tambem, subsidiariamente, ás nossas, inda mais pobres neste pormenor. Constitue um alentado volume de quinhentas e tantas paginas onde os estudiosos encontrarão abundante material para suas locubrações.

VIDA AMERICANA — Alberto Amado — Renascença Portugueza — Porto — 1918.

A influencia que os norte-americanos estão exercendo no velho mundo faz-se sentir em Portugal tambem. Ha uma grande curiosidade por tudo quanto diz respeito ao formidavel povo que parece destinado a chefiar d'aqui para diante o carro da civilisação. E os livros de impressões da vida americana succedem-se transmittindo uns aos outros o condão de interessar vivamente o publico. Este do sr. Alberto Amado é mais um da já numerosa série. Estuda com sympathia todas as viris manifestações dos Yankees, e procura, frisando os contrastes, mover a rotina européa á adopção do regimen de vida social e moral do povo invejado. Seria possivel isso se fosse possivel tambem dar ao europeu, n'um "coup de baguette" a Mephisto, a viril mocidade de que gosa o americano.

OS ULTIMOS — Visconde de Villa-Moura — Renascença Portugueza — Porto 1918.

Villa-Moura é um autor que nunca deixa o publico portuguez á espera de obras suas. Dá-lh'as a breves intervallos e de variadas especies, sociologicas, criticas e literarias. Nesta ultima aborda o romance, e revela nelle a mesmas qualidades de leveza, graça e observação que distinguem as demais. Os "Ultimos" são um romance singelo, de vida burgueza, onde os personagens se movem com facilidade e o estylo, desataviado de modismos e pechisbeques, não fére o senso esthetico do leitor.

MEDALHAS E BRAZÕES — Mario de Lima — 1918.

Livro de versos. No prefacio o autor faz profissão de fé. "Não tivemos em vista, escrevendo este livro, ensinar aos seus possiveis leitores a gloriosa historia de Minas. Abominamos a poesia "didactica", expressão que encerra, para nós, uma verdadeira "contradictio in adjecto"." Entretanto, no correr do livro, o sr. Mario de Lima ensina-nos a historia de Minas enfeixando no titulo "Medalhas" a visão poetica dos vetustos medalhões historicos, de Fernão Dias a Anhanguéra, de Nunes Vianna a Barbara Heliodoro. E na segunda parte, "Brazões", traduz em versos faceis e de agradavel leitura a impressão que lhe dão as velhas cidades historicas, Ouro Preto, Mariana, Sabará, Queluz, etc.; os sitios memoraveis, Congonhas, Lagôa Santa, etc.; as reliquias de Ouro Preto, a casa de Marilia, a casa dos contos, o palacio dos governadores, etc.; e finalmente a terra, as montanhas e os rios. E como enriqueceu o volume com muitas notas curiosas, conseguiu o sr. Mario de Lima salvar-se da pecha de ter feito apenas mais um livro de versos, fazendo um livro que toca saudosamente no que ha de passado adormecido dentro de nós.

AUDIENCIAS DE LUZ — Mario de Lima — Rio — 1917.

Versos. E' o segundo livro do autor, em ordem chronologica, publicado após os "Ancenublos", sua estréa. Abre com um "Canon de arte" onde o poeta diz como quer a poesia:

Quero meu verso como uma camelia branca
ao esplendor do qual
se case da violeta, em redolencia franca
o espirito aromal.

Sonho as pompas do Verbo, a rendilhada gaze
da Forma sem defeito
realçando, porém, na perfeição da phrase
o que me vae no peito.

E dá em seguida cento e nove poesias onde procura e consegue realisar o canon preestabelecido. A poesia que dá nome ao livro é muito original e merece transcripção:

"O Sol, velho juiz, desde que o mundo é mundo
jâmais deixou de dar, pelas manhãs, audiencia.
E é com solicitude, egualdade e sapiencia
que elle ouve, após o lirio albente, o sapo immundo.

Equitativo e bom, imparcial e jocundo
dá sentenças de luz... Bella jurisprudencia!
Digam a arvore, a lesma, o paiude, a eminencia
si póde haver juiz mais integro e profundo.

Não cita ordenações nem codigos... Seu lemma
é a Vida. Seu direito é a luz, de que se estemma...
Que conclusões geniaes colhe de tal premissa!

Que tribunal pomposo o arrebol! Vem abril-o
os passaros. Que ideal campainha o pipilo...
E as aves pelo azul... Que officiaes de justiça!

A alma de Lobão deve rejubilar-se lá pelos intermundios onde paira vendo que é possivel transmutar em imagens poeticas as coisas mais rebarbativas da cosinha de Themis.

NAS TRINCHEIRAS DA FLANDRES — Augusto Casimiro — "Renascença Portugueza" — Porto — 1918.

O autor escreveu este livro nas trincheiras. Tem pois o valor das coisas vividas. "Amontoado de notas sem linha geral ou intenção precisa, marca-o a sinceridade das coisas vividas. No meu abrigo, nas horas de calma, nas longas noites brancas, o escrevi aos pedaços, esquecido da literatura e de mim. Ninguem procure nelle visões theatraes de epopeia. Não as vi na guerra. Só as vê quem nunca fez a guerra, esta guerra, senhores! Eu não podia vel-as... E não quero merecer-me e aos meus camaradas de França, a indignação com que na trincheira lêmos os logares communs dos chronistas ausentes, palavrosos escrivães que não sabem o que seja a austera severidade dos que cumprem o seu dever na lama, no sangue, em luta consigo e com todas as forças tumultuosas e miseraveis... Perto da Morte, — essa que nos ensinou graves silencios..."

E o livro todo é assim ás soltas, fragmentario, de impressões ora alacres ora dolorosas, dando da guerra uma idéa bem diversa da corrente. Já o hoje celebre livro de H. Barbusse, "Le Feu", pintando-a com a crueza da verdade nûa, muito contribuiu para espanejar-nos do espirito a impressão falsa que todos temos da guerra, oriunda do farfalhante e empenachado napoleonismo. Agora este, de Augusto Casimiro, vem trazer seu quinhão de desencantamento. Abençoados livros! Pintar a guerra tal qual ella é, é o meio mais seguro de combatel-a.

PASA EL IDEAL...! — José Fabio Garnier — San José — Costa Rica — 1918.

A's vezes vêm ter á nossa redacção obras publicadas em paizes exoticos, que nos revelam faces ignoradas da literatura estrangeira. Tão affeitos estamos a só conhecer das letras européas, ou melhor francezas, que fazemos papel de escolar espantadiço ao dar de cara com bezouros raros. Mas quasi sempre taes obras não revelam exo-

tismo nenhum, e tanto poderiam vir de lá como de qualquer centro europeu. Assim esta pequena comedia do sr. Fabio Garnier, de Costa Rica. O caso que elle dramatisa é um velho thema usado e abusado no velho mundo, e tratado por fórma que a alma e o ambiente de Costa Rica não se denunciam como nós o desejavamos. Tal qual como entre nós, onde raro é o livro que denuncia com desassombro o ambiente onde evoluiu. Concluida a leitura sentimo-nos desapontados por não ter encontrado alli o esperado travo costa-riquense. E é pena, porque a Costa-Rica deve ser um paiz muitissimo curioso.

PRIMEIRA CONFERENCIA NACIONAL DE PECUARIA — Antonino da Silva Neves — S. Paulo — 1918.

Na Conferencia Nacional de Pecuaria, organisada em 1917 pela Sociedade Nacional de Agricultura, destacou-se dentre os trabalhos apresentados este do sr. Antonino Neves, onde se faz um estudo exhaustivo da pecuaria no Brasil, das origens das varias raças, das causas de degenerescencia e dos melhores processos para reerguel-as. E como o autor illustrou o seu trabalho com um numero avultadissimo de gravuras, e no texto revela-se perfeitamente senhor do assumpto, conseguiu dotar a nossa bibliographia agricola com um dos seus mais interessantes livros, desses que norteiam praticamente o leitor em vez de o desnortear, como muitos.

O PROBLEMA DO AR E DA VENTILAÇÃO, conferencia realisada no Instituto de Engenharia de S. Paulo — Eng.º Raulpho Pinheiro Lima — Separata do N.º 4 do Boletim do Instituto — 1918.

Bem haja o Conselho Director, do Instituto de Engenharia de S. Paulo, pela fórma methodica e tenaz, que vae desenvolvendo, no cumprimento da missão patriotica, que a si mesmo impôz, de atacar de frente os problemas collectivos, que interessam ao nosso paiz. Em um dos numeros anteriores da Revista, já tivemos ensejo, a esse respeito, de assignalar a publicação, do completo e minucioso estudo, do Prof. Victor da Silva Freire, ácerca do saneamento do meio urbano entre nós. Cabe agora a vez de mencionarmos, no mesmo logar, o apparecimento d'esta nova monographia, tão clara, lucida e valiosa, ácerca de um dos factores, talvez o mais importante, da mesma momentosa questão. Um e outro, d'esses trabalhos, foram provocados pela execução do programma, com que o Instituto, correspondendo ao appello da Municipalidade de S. Paulo, para a reforma das suas posturas sobre edificações, entendeu pôr em fóco, successivamente, em série concatenada, todos os elementos, d'esse aspecto, do saneamento do Brasil. D'aqui tomamos a liberdade de recommendal-a, á meritoria Liga que recentemente se formou, graças aos esforços de Miguel Pereira, de Carlos Chagas, de Azevedo Sodré, de Afranio Peixoto, de Belisario Penna, essa tão discreta e autorisada contribuição, que busca despir do cunho theorico, do qual aliás nunca se aparta, a realisação effectiva do meio salubre, que tão necessario se mostra, na época actual, ao robustecimento da nacionalidade.

E', a presente conferencia, novo e instructivo arranco, na rôta préviamente traçada. Lendo-a, percorrendo-a em toda a extensão das suas 45 paginas — nas quaes o autor, em linguagem simples e fluente, expõe, com transparencia que denota dominio perfeito do assumpto, a theoria chimica, as contestações que lhe são oppostas, a recente theoria physica e os recentissimos estudos, de Hill e da commissão americana presidida por Winslow, os preconceitos e as difficuldades a vencer, e as applicações dos novos principios, em relação aos processos empregados e aos caracteres das legislações modernas — tem o leitor occasião unica de verificar, não sem surpreza, nem desconsolo, qual o grau de atrazo, em que ainda nos achamos, até nos mais modernos e afamados codigos sanitarios, que pretendem orientar as administrações locaes.

Pouco mais resta a dizer, relativamente ao excellente serviço, prestado á nossa litteratura technica, e de consulta, pelo estudioso funccionario, do Serviço Sanitario, do Estado de S. Paulo. Falta, apenas, aconselhar a todos, a quem interessa a actual evolução da hygiene publica, a leitura da conferencia do eng.º Pinheiro Lima.

REVISTAS

BRASIL — Revista Americana. Rio, Maio de 1918. Continúa a publicar a biographia do visc. do R. Branco por seu filho, o barão do Rio Branco. O sr. Alvaro J. de Oliveira inicia um largo e substancioso estudo sobre as finanças brasileiras, abrangendo este primeiro capitulo o primeiro reinado e a regencia (até 1840). O sr. Ronald de Carvalho subscreve um trabalho sobre "a edade media e o renascimento na obra de Dante".—Diz, em conclusão, o A. que, embora escriptores respeitaveis como Carlyle e outros considerem o Dante como o ultimo representante da Edade Media, parece-lhe, ao contrario, ser elle o primeiro clarão do Renascimento. — O sr. F. A. Pereira da Costa, a proposito de uma commemoração de Frei Caneca, relembra a figura deste e a sua execução. — J. Teixeira Barros passa em revista as execuções capitaes na Bahia, nos tempos coloniaes. Cita, entre outros, o caso do réu José do Egypto, que, tendo sido condemnado á morte em 1823 ou 1824, "acceitou o cargo de carrasco, na esperança de que se não desse mais caso algum de execução de pena ultima; sabendo, porém, que se approximava a hora de ir ao patibulo o major Satyro Cunha, preferiu soffrer a pena de morte para não matar como carrasco." (E' de espantar que um scelerado, condemnado á morte, preferisse morrer a executar alguem...) — Prosegue na publicação do trabalho do sr. Basilio de Magalhães, sobre "a Renascença e a sua floração artistica" — O fasciculo contém ainda outras producções: de José Santos Chocano, Virgilio Mauricio e Alfredo de Assis. — **A Escola Primaria.** Rio de Janeiro, Maio de 1918. Frota Pessôa escreve sobre o preconceito da instrucção gratuita, entendendo que o ensino só deve ser gratuito para os filhos dos pobres, e não para os que podem pagar. — Afranio Peixoto publica algumas das admiraveis "Parabolas", de que os leitores da "Revista do Brasil" já tiveram uma pequena amostra, ha mezes. — Arthur Magioli mostra a necessidade de se cogitar a sério do estabelecimento das escolas nocturnas no Districto Federal. — **Mensario do Sul,** Porto Alegre, Maio de 1918. Alcides Maya occupa-se com a personalidade de Araujo Porto Alegre. "Porto

Alegre, diz o A. foi o nosso vate do Romantismo. Avulta como um dos padroeiros da nossa emancipação mental. Viu a America e a Patria como, nas grandes crises, as grandes almas costumam vêr os acontecimentos, as raças e os homens." — Fernando Antunes assigna um trabalho sobre "Os caracteres fundamentaes da philosophia moderna." — Versos de Alceu Wamosy e Generino dos Santos. — **Revista do Commercio e Industria,** S. Paulo, Junho de 1918. Collaboração de Waldemar Ferreira, L. Dutra, Lellis Vieira, etc. — **Revista de Engenharia,** do Mackenzie College, Junho. Trabalhos de S. Smith, W. Holland e H. Cavalheiro. — **Gazeta Clinica,** S. Paulo, Junho. Figuram no summario: drs. Eurico Villela, Mello Camargo, Placido Barbosa e Oswaldo Portugal.

PORTUGAL — Atlantida, Março e Abril. "O que o mundo não vê", por Veiga Miranda; "Palzagens de Portugal", por Camara Reys; Zuloaga", por Luiz de Ortigão Burnay; "Oleiros e platores de louça e azulejo de Lisboa", por Virgilio Correia; "A Nodoa da Amora", peça, por Maria Isabel de Souza Martins; "Versos" de Antonio Casimiro, e chronicas. — **A Aguia,** Porto, Março e Abril. A destacar: "A Nodoa de tinta", peça, por Julião Machado; "Arte portugueza", por D. Miguel Sotto Mayor; "Os ultimos", por Villa Moura; "O estudo da philosophia", por Leonardo Coimbra; "Os novos tempos e a sua literatura", traducções por A. Arroio; Versos de Adalberto Marroquim, Mario Beirão, Joaquim de Almeáva, etc.

ARGENTINA — Revista de Filosofia. Nada póde dar melhor idéa da cultura argentina do que as suas revistas: possue-as numerosas, excellentes na factura material e optimas na collaboração. E, o que mais é, tem-n'as especialisadas, como por exemplo, esta magnifica "Revista de Filosofia" que nada ficar a dever ás suas congeneres européas. Eis o summario do numero que acabamos de receber: "Os trabalhos publicados e ineditos de Carlos Bunge", por Carlos Llambi; "Notas sobre o problema da degenerescencia", por Carlos Octavio Bunge; "Probabilidades", por Jorge Duclout; "Por la logica positivista", por Leopoldo Maupas; "Los sentimientos y la conducta durante la crisis de la pubertad", por Victor Mercante; "Un decreto del virrey Cisneros sobre instruccion primaria obligatoria", por Ricardo Levene; "En el museu etnografico", por Salvador Debenedetti; "La mentalidad mistico-romantica y la filosofia cientifica", por Honorio F. Delgado; "Las condiciones de la exposicion cientifica", por Ernesto J. J. Bott; "Ideales viejos e ideales nuevos", por José Ingenieros. — **Revista Argentina de Ciencias Politicas,** B. Aires, Junho: "El estudo del derecho", pela direcção; "Aspecto economico de la instruccion superior", por Rodolfo Rivarola; "Un ministerio de propaganda", por Luiz B. Tamini; "Condicion juridica de la mujer", por Enrique E. Rivarola; "Los derechos civiles de la mujer", por E. del Valle Iberlucea; "Los accidentes del trabajo en los labores del campo", por A. B. Laprida; "La reforma de la constitucion", por J. E. Malarino; e outros trabalhos de M. G. Mendez, Leopoldo Velasco, Sante S. Faré. Tambem esta revista é um magnifico attestado da cultura argentina, como os leitores já devem ter notado, á vista do seu summario, acima reproduzido. — **La Nave,** B. Aires, Junho. Revista mensal de orientação espiritual, pedagogica e literaria. Publica varios trechos de escriptores argentinos e estrangeiros, que servem ao seu objectivo.

FRANÇA — Mercure de France, 1 Junho. Edmond Pilon escreve sobre os estrategistas de gabinete e os tacticos fantasistas. Recorda varios

exemplos literarios, desde Labruyére a Daudet, e, entre outros, um divertido "Abbé trente mille hommes", cujo perfil foi traçado por Sebastien Mercier: feroz inimigo dos inglezes, vivia a dizer: "Il faut lever 30.000 hommes! Il faut embarquer 30.000 hommes! Il en coûtera 30.000 hommes pour s'emparer de Londres!" O seu patriotismo tocou a alma de um anglophobo, cujo enthusiasmo chegou a ponto de legar ao "Abbé 30.000 hommes" 1.200 libras de renda... Outros trabalhos: "Durkheim et la conscience moderne", por R. Lenoir; "La transformation de la mentalité française" por L. Narquet; "Un precurseur de Raspoutine", por J. Schewaebel; "La Belle-enfant", romance, de E. Monfort. — **La Grande Revue,** Paris, Maio. Inicia a publicação de um estudo de Israel Zangwill sobre o principio das nacionalidades. O sr. Victor Angagneur refere-se aos ultimos incidentes diplomaticos. — **La Revue Hebdomadaire,** Paris, 1 e 15 de Junho. Entre os trabalhos mais interessantes, destacam-se: "Colbert", por Ch. Roncière; "Monsieur le curé d'Ozeron", por F. Jammes; "Guynemer", por L. Madelin; "Les causes de l'entrée en guerre des Etats-Unis", por Nesmo; "Les romans de guerre de Mr. Paul Borget", por Felicien Pascal, etc. — **Revue Bleue,** Paris, 14-11 de Maio e 18-25 de Maio. Ernest Denis escreve sobre a Austria-Hungria e as causas que a levaram á guerra. Paul Louis occupa-se com "os appetites bulgaros", e, em outro artigo, com "a Allemanha e a Austria-Hungria", mostrando como esta se escravisou áquella. Paul Gaultier inicia um estudo sobre a personalidade de Henri Bergson, a proposito da sua recente recepção pela Academia Franceza. Gaultier diz que Bergson fez mais do que dar solução aos problemas transcendentaes que mais nos preoccupam: descobriu um methodo que o põe na plana dos maiores pensadores, e do qual datará, provavelmente, uma éra nova na historia da philosophia, tão importante, pelo menos, como as de que foram iniciadores Platão, Descartes ou Kant. (Sobre Bergson, não é fóra de proposito lembrar que Emilio Faguet escreveu certa vez que não entendia nada, absolutamente nada, do que o illustre pensador escreveu...) — **Revue Scientifique,** Paris, 4-11-18 e 25 de Maio. Artigos principaes: "La psycho-névrose emotive", por Maurice de Fleury; "Le Pain, premier besoin du Peuple", por L. Lindet.

ITALIA — Rassegna Nazionale — Roma, 16 de Maio. Giulio Paduili trata dos problemas actuaes e futuros, na Italia, entendendo que o sr. Victor Manuel Orlando é "o unico parlamentar que nas presentes circumstancias graves, possa ainda dar á Italia o immenso beneficio de agrupar em torno a si — e sem solução de continuidade nos partidos — todos os homens de bôa fé e de bôa vontade que desejam e querem que a patria deixe o tremendo conflicto com honra e dignidade, e se eleve para mais altos destinos com passo seguro." — O sr. G. Cafiero examina a questão da neutralidade da Santa Sé, louvando a acção de Benedicto XV que por todos os belligerantes se interessa com egual solicitude, almejando ardentemente a paz apesar da opposição insidiosa, ingrata e imperdoavel. — **Rivista delle Nazioni Latine,** Florença, 16 de Maio. Guilherme Ferrero commenta a recente lei italiana que concede o direito de votar a todos quantos combateram, combatem ou combaterão na presente guerra: "Não tenhamos illusões: em toda a parte, e portanto aqui na Italia tambem, o suffragio universal preferirá aos homens que tenham as qualidades necessarias para bem governar o Estado, os que saibam defender os interesses ou encarnar largas correntes de paixão popular." E adiante: "Os homens de Estado se formam melhor nas assembléas eleitas por suffragio restricto, menos expostas á voluvel vontade popular. Dahi, uma combinação dos dois suffragios: o uni-

versal e o restricto, parece prometter mais do que o equilibrio presente entre os dois ramos do parlamento, como mostra o exemplo da França." — Outros trabalhos: de G. Salvemini, sobre a politica externa de Crispi; de Raoul Blanchard sobre a Persia; de Aldo Foratti sobre o "miguel-angiismo" de Rodin. — **Vita e Pensiero,** Milão, 20 de Maio: "Claudio Debussy e la musica contemporanea", por Agostino Cameroni; "Il primo centenario della nascita di Carlo Marx", por Agostino Gemelli; "Meteorologia di guerra", por A. Scarpellini, etc.

HESPANHA — La Revista Quincenal, 25 Março.— Miguel de Unamuno occupa-se com "o que é e o que será a Universidade hespanhola": "O mal das nossas Universidades, diz o A., é que estão minadas pelo mesmo indifferentismo politico — entendida a politica no seu mais alto sentido que é o opposto do corrente — que corroe toda a nação. A maioria dos professores pertence á abominavel classe neutra. E' preciso que nos convençamos de que a nossa funcção não é só fazer medicos, advogados, pharmaceuticos, philologos, historiadores, mathematicos, chimicos, archivistas, etc., entendidos na sua profissão, mas cidadãos, e que a medicina, o direito, a philologia, a historia, as mathematicas, a chimica, a physica, a biologia e todas as outras sciencias e humanidades bem ensinadas, fazem cidadãos, fazem homens que tenham uma concepção e um sentimento humanitario do universo e da vida, da natureza e da historia." Outros artigos: "Influye la guerra actual en nuestro regimen de lluvias?", por José Riera Alemany; "El Arte en la Tauromaquia", por Alberto de Segovia; "Europa ante la guerra hispano-americana", por A. Mousset. — **Estudios Franciscanos,** Barcelona, Maio. Trabalhos religiosos dos padres Miguel d'Esplugues, Vicente de Peralta, Modesto de Mieras, Cesareo de Toura.

RESENHA DO MEZ

RUY BARBOSA

A 13 de Agosto proximo fará precisamente cincoenta annos que Ruy Barbosa iniciou a sua vida fulgurante de tribuno. O que tem sido ella todos sabemos. Poucos casos haverá no mundo de uma carreira mais operosa; brilhante como a de Ruy nenhuma. Nelle se reuniu, por um concurso raro de circumstancias, á maior capacidade de trabalho de que é possivel uma creatura humana, uma potencia mental positivamente unica, qualidades que, conjugadas, lhe valeram alcandoral-o a opinião publica, pela primeira vez unanime, a culminancias jamais attingidas. Aqui, nas campanhas politicas, fóra, nas assembléas internacionaes; na polemica e na critica, na jurisprudencia como na oratoria; onde quer que Ruy lançasse a sua palavra falada ou escripta, havia de antemão a certeza duma nova primazia conquistada sem esforço. E' inutil e até ridiculo dizer hoje quem é Ruy. Ruy Barbosa é Ruy Barbosa ou simplesmente o Ruy — tres letras evocativas no espirito de todos os brasileiros, do mais rude ao mais culto, d'uma personalidade á parte, qualquer coisa de formidavelmente grande e luminosa. Essa imagem sua está impressa em nossas cellulas cerebraes com tal altidez, que incorre em mofa o ingenuo proposto a accrescental-a com algo de novo ou modifical-a por meio duma interpretação diversa. Pelo respeito immen-

so que nos elle merece não commetteremos a cinca de fazer rodopiar em torno do seu nome a encardida cohorte dos qualificativos em uso. Diremos apenas que a 13 de Agosto commemora-se o seu jubileu e fazemos votos para que por longos annos ainda o tenha o Brasil, como consolo, como exemplo e como guia.

Escrevendo sobre o jubileu do eminente brasileiro, diz, na "Gazeta de Noticias" o sr. Miguel Mello, que reproduz o primeiro discurso de Ruy Barbosa:

"Foi, de facto, ha cincoenta annos, a 13 de Agosto de 1868, em S. Paulo, que o nome de Ruy Barbosa pela primeira vez veiu a publico. E surgiu numa das suas feições mais prezadas: como orador.

Sejam-nos permittidas algumas palavras de evocação desse passado.

Em 1868 dominava o Imperio o partido liberal, a cuja popularidade o throno devera o melhor dos apoios, nos difficeis dias durante os quaes nos empenhámos em luta contra o Paraguay. Era presidente do conselho de ministros o senador Zacharias.

Houve necessidade, porém, de confiar o commando de nossas tropas em campanha ao duque de Caxias. Sendo este um chefe conservador, entre elle e seus correligionarios de um lado, e o gabinete liberal do outro, se deram attritos cuja gravidade se poderia tornar funesta á nação em guerra.

Logo depois da victoriosa passagem de Humaytá, estando Caxias em pleno prestigio, prevaleceu-se o imperador da opportunidade da escolha de um senador para mudar a situação politica.

Da lista triplice que lhe foi apresentada, escolheu a Torres Homem visconde de Inhomerim, o famoso Timandro, um dos melhores elementos do partido conservador, a que pertencia Caxias.

Estando no poder o partido liberal, essa escolha importava uma desfeita, uma especie de ordem de despejo.

Cheio de surpresa, porquanto contava com maioria absoluta no Parlamento, Zacharias subiu logo á tribuna do Senado, estranhando aquella audacia inédita do poder pessoal do imperador e, com espanto de todos os velhos senadores que o ouviam, classificando a escolha imperial de "resolução menos acertada".

Fez assim as suas despedidas.

D. Pedro II, como evidentemente queria, confiou ao visconde de Itaborahy a missão de organisar novo gabinete.

Na sessão de 17 de Julho apresentou-se o novo ministerio conservador á Camara.

Foi nesse dia que José Bonifacio, o moço, proferiu um de seus mais eloquentes e sensacionaes discursos, criticando com habilidade a intervenção do poder moderador nos negocios do Estado e, em nome dos seus correligionarios liberaes, que eram a maioria, mostrando a impossibilidade e a inconstitucionalidade da existencia daquelle gabinete conservador, que surgia como o salteador que no escuro se introduz em casa alheia.

A energia da imagem accentuou a anormalidade da situação.

Por um golpe de estado, o governo dissolveu a Camara.

Poucos dias depois José Bonifacio foi para S. Paulo, voltando á sua cadeira de professor alli na Faculdade de Direito.

Os estudantes enthusiasmados, resolveram recebel-o como um defensor das liberdades publicas e, entre outras manifestações, deliberaram offerecer-lhe um banquete politico, que se realisou a 13 de Agosto de 1868.

Ruy Barbosa, que fizera os seus dois primeiros annos de direito no Recife, chegára nesse anno a S. Paulo, com dezoito annos de edade.

Tomou parte no banquete, de 130 talheres, ao qual compareceram tôdos os chefes politicos liberaes de S. Paulo e que terminou numa orgia brasileira de discursos.

Houve para mais de vinte saudações. Falaram Salvador de Mendonça, Ferreira de Menezes, Aureliano Coutinho, Affonso Penna, Sancho de Barros Pimentel, Martim Cabral, Americo Brasiliense,

Gavião Peixoto, Americo de Campos, Castro Alves, que além de um discurso recitou uma poesia, e outros e outros. Alguns "usaram da palavra" duas vezes...

Entre esses oradores avultou Ruy Barbosa. Os conhecedores de coisas literarias, lendo hoje o seu discurso, de certo saberão descobrir no seu estylo nascente, já visiveis, as qualidades essenciaes da "maneira" do grande artifice da nossa lingua. Aos dezoito annos, ainda em tanto verdor, já o periodo lhe sahia amplo, com o gosto das enumerações e ampliações para fazer valer o assumpto. E já lhe madrugava a elevação do pensamento.

Esse discurso, reproduzido no jornal "O Ipiranga", de 16 de Agosto, é o seguinte:

"Senhores! Quando as nações, já sem arrimo e sem crenças, extenuadas pelos esforços de uma luta continua e desanimadora contra as tendencias corruptoras da autoridade e dos partidos, veem cahir uma a uma as suas aspirações mais santas, as suas esperanças mais nobres, as suas instituições mais veneraveis; quando, volvendo os olhos para o passado, não encontram senão uma arena de transformações estereis e, contemplando o futuro, não veem mais que um horizonte sombrio de incertezas e ameaças — a Providencia, levantando sobre ellas a sua mão cheia de bençams, faz surgir do lodo da miseria que envolve as sociedades o principio fecundo, a idéa regeneradora que as ha de salvar da dissolução imminente. E' a regeneração moral da humanidade — o christianismo — operando no seio da sociedade mais aviltada pelos vicios; é a regeneração politica dos Estados — a revolução franceza, levantando-se no sólo do absolutismo para esmagar os governos despoticos, que opprimem as nações civilisadas.

Esta verdade, senhores, que é lição eterna da historia, acabou de receber entre nós a confirmação mais solenne e indelevel. Refiro-me a esse acontecimento inaudito, a esse golpe revolucionario, que, conculcando as leis mais sagradas do systema representativo, suscitou ao mesmo tempo a rehabilitação dos principios em nosso regimen politico, esse facto brilhante que immortalisou na historia do Brasil o dia 17 de Julho.

Com effeito, senhores, a politica, essa nobre e digna sciencia que engrandece os Estados constitucionaes, degenerou entre nós em uma arte machiavelica, em um instrumento mesquinho das paixões facciosas e, em vez de ennobrecer-se com a liberdade, em vez de identificar-se com a opinião, tem sido sempre uma violação acintosa das nossas instituições representativas, uma traição systematica á consciencia publica, um desafio constante lançado á face da soberania nacional. E quando este falseamento de todas as leis constitucionaes, este sacrificio de todos os direitos civis e individuaes haviam derramado o scepticismo politico no espirito do paiz, a sessão do dia 17 de Julho veiu renovar a face dessa sciencia.

Sim, senhores, o dia 17 de Julho é a data mais brilhante de nossa historia politica, porque realisou entre nós tres grandes idéas, porque significa tres acontecimentos immorredouros em primeiro logar, a regeneração dos parlamentos pela nova resistencia ás solicitações de um mi-

nisterio dictatorial, depois, a quéda de um governo pela sustentação de uma grande verdade constitucional, a responsabilidade absoluta do poder moderador, e, finalmente, a confraternisação do immenso partido liberal, fraccionado por essa dissidencia desgraçada que o enfraqueceia.

Saudemos, pois, senhores, as tradições brilhantes, gloriosas, immortaes, do dia 17 de Julho, porque essa data eclipsa todos os nomes, enche todos os corações patrioticos, porque ella veiu reanimar as nossas crenças politicas, restabelecer a moralidade dos parlamentos, levantar tres grandes artigos do credo liberal!"

Segundo a propria confissão de Ruy Barbosa, feita a Constancio Alvez, foi esse o seu primeiro trabalho que veiu a publico. Foi sua estréa."

A CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR

Na ultima sessão de Junho do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, o sr. dr. Pedro Lessa leu o seu parecer sobre a data exacta em que deve ser commemorada a "Confederação do Equador", sobre a qual havia controversia.

Esse parecer é o seguinte:

"Nomeado pelo nosso benemerito presidente, sr. Conde de Affonso Celso, arbitro desempatador na controversia entre os srs. Oliveira Lima e Gonçalves Maia, e mais tarde entre este ultimo e o sr. Basilio de Magalhães, ácerca da data em que se deve commemorar a "Confederação do Equador", só agora posso desempenhar-me dessa incumbencia, do que peço desculpa ao Instituto, e ao eminente consocio que me honrou com este encargo.

Em 1824, como sabem todos deu-se em Pernambuco o movimento revolucionario, conhecido na historia do nosso paiz pela denominação de "Confederação do Equador".

Foi chefe desse movimento Manoel de Carvalho Paes de Andrade, que, segundo refere Varnhagem na "Historia da Independencia" (pag. 422) passou algum tempo a "prover-se de munições, a juntar a tropa, a reforçar os arsenaes e a fazer proclamações, umas aos brasileiros, outra ás Provincias do norte, uma terceira aos bahianos, todas estas em seu nome, e uma quarta aos mesmos bahianos, assignada pelos "povos das Provincias do Norte do Brasil".

Conforme reconheceu o sr. Gonçalves Maia, Paes de Andrade mandou emissarios á Parahyba, a Alagôas, ao Ceará, ao Pará, á Bahia, afim de fazerem propaganda secreta em favor da revolução. A "Confederação do Equador" devia ser proclamada no Pará a 1 de Maio.

Trata-se, portanto, de um movimento revolucionario, preparado durante alguns mezes, cujas idéas propulsoras se foram pouco a pouco infiltrando em varias Provincias do norte do paiz, "movimento dirigido a um fim bem claramente visado, e com perfeita unidade". Basta lembrar que os revolucionarios, enviados por Paes de Andrade ao Pará em Abril, levaram grande porção de exemplares da Constituição da Colombia, que devia ser a lei fundamental da nova confederação, até que se reunissem os seus legisladores constituintes no Recife.

A 1 de Julho divulgou Paes de Andrade a sua primeira proclamação, mas esta dirigida aos Pernambucanos, "sómente aos Pernambucanos", e sem nenhum appello aos cidadãos de qualquer outra provincia, nem determinação dos seus intuitos, o que, excluindo a idéa da confederação, faz que nenhum dos contendores dê preferencia a essa data, para nella se commemorar a "Confederação do Equador".

A 2 de Julho divulgou Paes de Andrade nova proclamação, e desta vez aos "habitantes das Provincias do norte do Brasil". Alludindo a esta proclamação, escreveu Varnhagem na "Historia da Independencia (pag. 423): "Tirou por fim Paes de Andrade a mascara no dia 2 de Julho, lançando as proclamações já preparadas, convidando todas as Provincias do Brasil a formarem uma confederação, que se chamaria do Equador". Essa proclamação de 2 de Julho termina pelas seguintes palavras: "Quem tal pensara!

Antonio Rocco: OS EMIGRANTES

Agora que nos vê expostos ás baionetas e canhões portuguezes, Sua Majestade Imperial manda reunir todas as suas forças na capital, afim de defender sómente a sua pessôa, e desampara aquelles mesmos que o elevaram ao throno, e lhe puzeram na cabeça a corôa Imperial! Brasileiros, o Imperador desamparou-nos: que nos resta agora? Unamo-nos para salvação nossa; "estabeleçamos um governo supremo verdadeiramente constitucional, que se encarregue da nossa mutua defesa e salvação. Brasileiros!" Unamo-nos e seremos invenciveis! Palacio do Governo, 2 de Julho de 1824. — Manoel de Carvalho Paes de Andrade, presidente."

Mais tarde espalha o chefe revolucionario nova proclamação, endereçada "aos brasileiros" e sem data". Termina com estas palavras:

"Segui, ó brasileiros, o exemplo dos bravos habitantes da zona torrida, vossos irmãos, vossos amigos, vossos compatriotas: imitae os valentes "de seis Provincias do norte, que não estabelece seu governo debaixo do melhor de todos os systemas representativos". Um centro, em logar escolhido pelos votos de nossos representantes, dará vitalidade e movimento a todo o nosso grande corpo social. Cada Estado terá seu respectivo centro, e cada um destes centros, formando um annel da grande cadeia, nos tornará invenciveis. Brasileiros! Pequenas considerações só devem estorvar pequenas almas: o momento é este, salvemos a honra, a patria e a liberdade, soltando o grito festivo: Viva a Confederação do Equador."

Com a data de 24 de Julho não se conhece proclamação alguma. Não ha documento algum pelo qual se prove que a 24 se proclamou a "Confederação do Equador".

Temos consequentemente a 2 de Julho uma proclamação, cuja data ninguem põe em duvida, proclamação, em que o presidente de Pernambuco se insurge contra o governo do Imperio, assume franca e solennemente o papel de revolucionario, expondo a sua liberdade e a propria vida, e instiga as Provincias do norte a constituirem "um governo supremo, verdadeiramente constitucional". E' um acto formal de rebellião, é o inicio de uma perfeita revolução, e o fim desta revolução só podia ser (sobre isto não é permittida nenhuma duvida) a "Confederação do Equador".

Faltava alguma cousa para patentear que a proclamação de 2 de Julho era o começo da revolução? Faltava, observa o sr. Gonçalves Maia, faltava a denominação que se lê no outro documento, — a proclamação ulterior sem data, de "Confederação do Equador". Mas, se todo o movimento revolucionario teve indubitavelmente um só escopo, a "Confederação do Equador"; se todos os actos de Paes de Andrade foram praticados indiscutivelmente, e sem contestação de um só escriptor patrio, com o fito de se constituir essa tão anhelada confederação; a proclamação de 2 de Julho só podia referir-se á "Confederação do Equador". Posto que não a indicasse pelo nome proprio, é fóra de duvida, nem o sr. Gonçalves Maia o nega, que a proclamação de 2 de Julho foi a primeira revelação, o primeiro signal de irrompimento da insurreição, havia mezes preparada secretamente, no qual Paes de Andrade desvendou claramente os seus intuitos. Sendo indiscutivel para todos os que se têm occupado do assumpto que, por essa época, o unico movimento revolucionario que se realisou nas Provincias do norte do Brasil foi o conhecido sob a denominação de "Confederação do Equador", a ninguem é permittido pôr em duvida a affirmação de que, dentre as proclamações de Paes de Andrade, a de 2 de Julho foi a primeira manifestação do movimento revolucionario, por elle preparado.

Escolher, para commemorar esse acontecimento da nossa historia, a data de qualquer dos actos preparatorios fôra evidentemente um alvitre indispensavel. Escolher a data de qualquer dos actos praticados "depois de proclamada e bem conhecida a revolução", é não menor absurdo. Não se devendo eleger para a commemoração do facto historico, nem qualquer data em que a revolução ainda estava incubada, ainda se conservava em propaganda secreta, nem a data de qualquer facto ulterior ao dia em que a revolução explodiu, e se corporificou em actos commettidos publicamente, só ha uma data em que se póde commemorar a "Confederação do Equador", a de 2 de Julho, a da proclamação, na qual o chefe, "tirando a mascara", convida solennemente as Provincias do norte, já mais ou menos conhecedoras dos intuitos do movimento, a formarem o novo governo, sacudindo o jugo do Imperio. Na proclamação sem data Paes de Andrade apenas se dirige aos brasileiros

das outras Provincias, "que não as seis do norte", pedindo-lhes que adhiram aos "valentes dessas seis Provincias", que vão estabelecer seu governo, adoptando o regimen federal. Suppõe-se já assentado que as "seis provincias do norte" vão fundar a "Confederação do Equador", convidam-se as outras Provincias do Imperio "a se unirem" ás da "Confederação do Equador". Ha nessa proclamação sem data phrases bem caracteristicas, como estas, que já antes reproduzi: "Segui, ó brasileiros, o exemplo dos bravos habitantes da zona torrida, vossos amigos, vossos compatriotas: imitae os valentes de seis Provincias do norte, que vão estabelecer seu governo, debaixo do melhor de todos os systemas representativos, etc., etc.

Sendo assim, pouco importa indagar o momento em que o governo central foi informado do inicio da revolução. O que paira acima de qualquer duvida, é que a revolução, por muitos mezes em periodo de gestação, só veiu á luz, pelo primeiro acto que a deu a conhecer publicamente, a 2 de Julho.

Penso, pois, que, ainda quando tivesse com a certeza a data de 24 de Julho a proclamação que termina por um "viva á Confederação do Equador", não se deveria fixar a 24 desse mez a commemoração da "Confederação do Equador". Esta a 2 de Julho já estava proclamada. A falta de nome nada significa, desde que o movimento publicamente iniciado a 2 de Julho só podia ter o nome que lhes dão, "Confederação do Equador". Rio, 16 de Junho de 1918. — Pedro Lessa."

O MUSEU HISTORICO

Escrevendo ao "Jornal do Commercio" do Rio de Janeiro, sobre a idéa da fundação de um Museu Historico Brasileiro, assim se expressa o sr. Max Fleiuss, secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro:

"Entre os objectos de alto valor que se guardam religiosamente no Instituto Historico, — e que estão destinados a servir de fundo do projectado Museu Historico, — cumpre que sejam mencionados alguns, para que o publico forme juizo seguro sobre a riqueza global da collecção. Não falando em "facsimiles", escudos, diplomas, distinctivos, emblemas, bustos, retratos, medalhas, effigies, moedas, brazões e varias outras coisas pertencentes ao Museu do Instituto Historico, que são, entretanto, de grande valia e raridade, assignalem-se apenas as seguintes:

A bandeira que pertenceu ás forças revoltosas do Rio Grande do Sul, sob o commando de Vicente de Paula em 1844 e 1845; a bengala de Eduardo Francisco Nogueira Angelim, um dos chefes da revolta dos Cabanos, no Pará; a cabeça de prata, em que tomava mate Francisco Solano Lopez; a caneta e penna de ouro com que D. Mariano Donato Muñoz assignou o tratado de 27 de Março de 1867, celebrado entre o Brasil e a Bolivia; o carrinho e a pá que serviram no primeiro côrte da estrada de ferro entre esta capital e Petropolis, pelo Imperador a 28 de Agosto de 1852; a corôa de marmore, com a data de 1719, encontrada na cidade de Barcellos, do Amazonas; as correias que serviram para descer á nova sepultura os restos mortaes de Estacio de Sá; o desenho primitivo da bandeira da Confederação do Equador; um lenço de seda com as armas da Republica Riograndense de 20 de Setembro de 1835; o fio electrico de que se utilisaram para aperfeiçoamento das communicações telegraphicas Samuel Morse e Alfred Vail; um fragmento da cruz de madeira que se alteiou na primitiva egreja da villa de S. Vicente; a legenda com o distico "Independencia ou Morte!", gravada em latão e que corre como tendo pertencido a Evaristo da Veiga; diversas peças de prata, encontradas nas excavações da rua Primeiro de Março para as obras a cargo da Associação Commercial, em 1807; a mesa dos despachos ordinarios em S. Christovam e as cadeiras dos ministros, assim como a destinada ao Imperador; e, finalmente, mascaras de gesso de Antonio Carlos de Andrada Machado e Silva, conego Antonio José Barbosa França, Visconde do Rio Comprido, Evaristo Ferreira da Veiga, Francisco Manoel da Silva, dr. Francisco de Menezes Dias da Cruz, Januario Arvellos, João Pereira Reis, Joaquim Lopes Cabral, Visconde de Inhaúma, monsenhor José Antonio Marinho, José Bonifacio de Andrada e Silva (Patriarcha da Independencia), padre José Mauricio Nunes Garcia, brigadeiro Manoel de Frias e Vasconcellos e conselheiro Zacharias de Góes e Vasconcellos.

Vê-se por essa relação muito summaria, que o benemerito e

prestigioso gremio fundado em 1838 já possue um verdadeiro e não pequeno museu historico, qué, para cumprir a sua elevada missão social, reclama sómente o auxilio do poder publico para ser completado, desenvolvido e applicado á mais constante e efficaz acção educativa."

E conclue dizendo que, ou o projectado Museu Historico Nacional deve constituir uma repartição autonoma, — o que, sem duvida, acarretará avultadas despezas ao poder publico, — ou, então, o que mais convém no momento presente, deve ser confiado ao Instituto Historico.

A MISSÃO DO ENGENHEIRO

Meus caros collegas: para nós, a cultura scientifica deve ter significação maior, do que para muitos outros povos. As forças cosmicas ainda não perderam aqui, de todo, a intensidade do primitivo estado nascente, de modo que, para se tornarem preciosos auxiliares do homem, precisam de ser bem conhecidas e delimitadas na sua acção. Poderiamos dizer que o Brasil a despeito de conter em seu territorio uma das partes mais antigas do globo, se acha em via de acabamento, assim quanto ao meio physico, como quanto á formação da propria nacionalidade. E é justamente pelo conhecimento scientifico do meio, que chegaremos a formular o problema da perfeita conjugação das nossas actividades, afim de attingirmos á phase de efficaz organisação nacional, que tanto almejamos na ancia de emparelharmos com as nações mais cultas.

O engenheiro tem diante de si opportunidades infinitas, num paiz como o nosso, em que a natureza espera, a cada passo, a vara de condão, que lhe anime a propria essencia para se resolver nas muitas partes de que se entretece a existencia das grandes civilisações.

Mas, se lhe cabe empregar os seus melhores prestimos em busca da opulencia, que, sendo legitima a todos toca e aproveita; hoje, deveres mais altos o chamam e o obrigam no sentido de resolver as necessidades prementes e essenciaes da vida collectiva. Não vêdes o exemplo de Edison, já tão encanecido, e, ás primeiras difficuldades da guerra, suprindo, com o seu genio, sempre virgem na originalidade das suas portentosas creações, quanto fecundo na multiplicidade dos seus inventos uteis á humanidade, as deficiencias provenientes da suspensão de transacções commerciaes com varios paizes estrangeiros?! Não vêdes a Allemanha, na sua nefanda barbaria, resistindo longos annos a um bloqueio systematico, graças ao concurso technico dos seus engenheiros, sobretudo chimicos e electricistas, que resolveram praticamente, entre outros problemas, o aproveitamento do azoto atmospherico, a producção da borracha artificial, o preparo synthetico das substancias oleicas, as mil applicações da cellulose extrahida de fontes tão diversas, a utilisação e as combinações de innumeros alimentos, julgados até então inassimilaveis ou despreziveis, os processos de economia de combustivel e o emprego vantajoso de succedaneos com poder calorifero mais baixo, o tratamento de minereos pobres e a sua melhor utilisação?!

O papel do engenheiro é, pois, capital, mas importa se não transmude em flagello dos seus semelhantes, como tão facil lhe é com a superioridade do seu poder inventivo e a abundancia de instrumentos, que multiplicam a sua acção.

Além disto, em tempo de guerra, o primeiro dever de todos nós é occupar as posições de interesse publico menos cobiçadas, porque são geralmente as mais arduas e importantes, posto de somenos apparencia.

Soube da recusa de abalisado professor suisso ao convite para exercer no nosso paiz, vistoso cargo, pela seguinte razão: "Nasci, dizia elle, para animal de carga, e não para cavallo de corrida; *funcções destas, exerce-as quem se reserva só para exhibição nas grandes occa-*

ziões, sem cuidar do trabalho de cada dia, como o cavallo de corrida, de que se fala muito na hora do triumpho, para ser esquecido na improductividade em que vive, durante os intervallos das corridas." Assim julgava elle uma dessas nossas funcções officiaes, cujo caracter, de méra exhibição, ha muito, o nosso povo, na sua presciencia innata, soube apprehender e estimagtisar.

Se, em tempos normaes, são incompativeis com a democracia, que deve ser fundada na lisura e no horror á simulação, taes processos; durante o estado de guerra, a persistencia dessas tendencias constitue crime de lesa-patria, que cumpre a qualquer cidadão denunciar e combater por todos os meios licitos ao seu alcance. A's gerações novas, formadas ao contacto moralisador da sciencia, cabe, primeiro de tudo, esse apostolado de que é nobre exemplo o gesto do sabio estrangeiro, a que acabo de me referir.

Para corrigir esse pendor de modo radical, importa evitar desde cedo, na nossa educação todas as influencias que o favoreçam.

Tem-se encarecido, entre nós, nos ultimos tempos, a preponderancia que deve ser attribuida aos predicados geraes para a formação do engenheiro moderno, e houve quem nos concitasse a seguirmos a mesma orientação, nesse sentido, das escolas technicas americanas. Parece-me, entretanto, que se acaba de verificar alli o erro de semelhante plano de estudos, como attesta o recente acto do Governo Federal, que, pela primeira vez, interveiu directamente na solução de uma das partes capitaes do ensino médio e superior.

Foi a guerra que veiu mostrar ao paiz a deficiencia, em que estava, de technicos com vocações definidas e perfeitamente especialisados.

Verificou-se que não havia chimicos, nem em quantidade, nem em qualidade, sufficientes para os grandes problemas, que era mister enfrentar e resolver de prompto. Chegou-se a apurar que, na maioria das grandes firmas industriaes americanas, os cargos principaes de technicos eram confiados geralmente a estrangeiros, que dispunham de preparo especialisado irreprehensivel e de espirito de aperfeiçoamento e de pesquiza sempre activo. Basta lembrar o caso da "General Electric Company", que se occupa de especialidade em que os americanos do norte adquiriram notoria superioridade, e que, entretanto, contava, no seu estado maior de technicos, grande numero de estrangeiros em postos dos mais graduados.

No Brasil, tive ensejo de assignalal-o ha cerca de tres annos, em conferencia feita na Escola Polytechnica da Bahia, soffremos bastante do espirito de negocio, que se tornara moda nos ultimos tempos, perdendo o engenheiro o interesse e o orgulho da execução da obra perfeita, para se preoccupar só de agenciar e reformar contractos, que lhe assegurassem lucros certos e avultados, sem esforços technicos nem demoras excessivas, procurando obter, com verdadeiros passes de magica, vantagens, que nenhum homem activo e emprehendedor lograria em uma vida inteira de obstinado e bem succedido labor.

Não se chegaria a resultados tão deploraveis, e que quasi compromettem irremediavelmente o futuro da nossa classe, com grave damno para o paiz, se prevalecesse, nos nossos cursos superiores, o criterio sincero de formar verdadeiros especialistas.

O principio da especialisação do trabalho não realisa, porém, os milagres, de que tanto se orgulha a industria moderna, senão quando distribue a cada um os serviços, segundo a sua vocação propria, e antes que elle se embote pela ausencia de exercicio durante a phase da vida mais propicia, que corresponde á da maior plasticidade individual.

Foi Taylor quem veiu demonstrar que não era preciso recorrer a explicações metaphysicas, afim de justificar a propensão de certos ho-

mens para trabalhos determinados, nos quaes conseguiam rendimentos excepcionaes, em confronto com a média normal de producção individual.

Coube aos americanos do norte, sem duvida, discriminar claramente a importancia do cultivo das vocações em todas as modalidades da vida collectiva, orientada no sentido de proporcionar aos homens o maximo de felicidade que ella comporta. A recente lei americana sobre o ensino "vocacional" será o mais duradouro alicerce da grandeza desse povo.

E é para mim summamente grato reconhecer a circumstancia de ser esta Escola a que, no nosso paiz, mantém, sobretudo, desde longos annos, o culto das vocações desinteressadas.

Aqui se têm formado homens de saber e probidade, que vão elevando bem alto o prestigio da sciencia brasileira no paiz e no estrangeiro. As pesquizas e obras de Costa Senna, Francisco de Paula Oliveira, Gonzaga de Campos, a cujo respeito ouvi de White que, nos seus trabalhos sobre os nossos combustiveis fosseis, muito aprendera e respigara, de Antonio Olyntho, de Calogeras, de Arrojado Lisboa, de Augusto Barbosa, de Alvaro da Silveira, de Abreu Lacerda, de Henrique Magalhães, de Clodomiro de Oliveira, de Assis Ribeiro, de Pires do Rio, de Arthur Guimarães, de Euzebio de Oliveira e de tantos outros que honram o nosso paiz e qualquer nação culta. (Miguel Calmon — Discurso aos engenheiros da Escola de Minas, Ouro Preto, 20 de Junho).

REVISTAS E JORNAES

OS NOSSOS POETAS E A SUA CULTURA

O defeito principal dos jovens poetas brasileiros é a falta de cultura. Não lhes faltam estro, inspiração, certa harmonia e habilidade para entretecer as rimas de um soneto; falta-lhes entretanto cultura, e este mal já vem de longe, porque os proprios consagrados de hoje, os nossos grandes poetas da Academia, os chamados *mestres*, os principes da Fórma, leram muito pouco. Leram muito pouco e não acompanharam o movimento intellectual dos paizes que nos governam em questões mentaes, como em outras muitas, isto é, a França, a Inglaterra e a Allemanha...

Mas que é cultura? Eis ahi o que é difficil definir. Nietzsche dizia que cultura é "a unidade de todos os estylos na harmonia de um estylo unico." Isto dizia aquelle espirito immenso para definir o que fosse a cultura de um povo; mas o que se applica aos povos, neste particular, póde e deve applicar-se aos individuos; de maneira que se póde dizer que um individuo é culto, quando conseguiu assimilar as muitas coisas que leu e transformal-as *nelle mesmo*, da mesma fórma que os alimentos assimilados pelo seu organismo se transformam no seu sangue, no colorido do seu pigmento, na força dos seus musculos, em toda a alegria que se lhe desprende, por assim dizer, dos poros, como corollario physio-psychologico do bem estar beatifico de todo o seu ser. Eis porque tinha razão Remy de Gourmont quando dizia não haver *estylo de Bossuet*, nem *estylo de Corneille*; o que houve foi simplesmente Bossuet e Corneille, grandes personalidades que ninguem póde imitar sem cair na mais intoleravel e ridicula pasticada; porque, dizia elle, o estylo é como o timbre da voz e a côr dos olhos, que são differentes em cada pessôa.

Assim, pois, o que deve fazer cada candidato a homem de letras é lêr os grandes livros dos grandes autores que conceberam as grandes idéas humanas, autores que se encontram, sem falar nos gregos e latinos, entre os povos germanicos, anglo-saxonios, francezes, italianos e hespanhóes, destes ultimos poucos, muito poucos; mas não sómente

tel-os como principalmente digeril-os e assimilal-os de maneira tal, que elles sejam apenas as forças suggestivas da personalidade de cada um, a qual, salvo o polimento cultural, deve permanecer tal qual houver nascido. Emquanto os nossos jovens não se convencerem de que, mesmo para alguem ser poeta, é preciso que saiba lêr e tenha realmente lido muita coisa que não seja apenas Camões, Castilho, Guerra Junqueiro, Bocage, Eugenio de Castro, João de Deus e não sei mais que autores portuguezes que pouco, para não dizer nada, adiantam á cultura de um rapaz (e a prova disso é que os homens cultos do mundo inteiro ignoram até a existencia da literatura portugueza, da qual não se descobrem vestigios em nenhuma obra que não seja portugueza), emquanto os nossos jovens não se convencerem da necessidade de fazer abeberar o seu espirito directamente nas grandes fontes do saber e da esthetica humana, teremos de continuar a possuir esta nossa literatura que, com raras excepções, é uma literatura de repetição feita por espiritos iterativos. Uma pagina de Goethe, uma estrophe de Shelley, uma scena de Schiller, um capitulo de Hegel, de Schopenhauer, de Nietzsche, de Spinoza, ou de Pascal podem suggerir a uma intelligencia viva ou a uma inspiração ardente uma interpretação original de algum phenomeno psychico ou de algum facto nacional, que permaneceria obscuro sem o impulso dado pelo dynamismo de qualquer d'aquelles genios. Simultaneamente, a leitura dos grandes livros arranca da alma dos moços muitas illusões que elles suppõem ser os primeiros a sentir, mas que de facto já foram sentidas por milhares de outros e já estão definitivamente destruidas como assumpto poetico. Taes, entre outras, as illusões do amor...

Com effeito, não abrimos um livro de versos brasileiros que não esbarremos logo com algumas estrophes sentimentaes, encanto das meninas á cata de editor responsavel, e enlevo dos caixeiros amorudos. (Antonio Torres — *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro).

A NAVEGAÇÃO A VAPOR NO BRASIL

Ha 50 annos passados o benemerito patricio General Couto de Magalhães mandou gravar, em um rochedo da Cachoeira Grande, no rio Araguaya, em lingua Tupy, por ser a lingua geral falada pelos selvagens Carajás, naquelle local, a seguinte inscripção:

> "—Sob os auspicios do sr. D. Pedro II, passou um vapor da bacia do Prata para a do Amazonas, e veiu chamar á civilisação e ao commercio os esplendidos sertões do Araguaya, com mais de 20 tribus selvagens, no anno de 1868."

Foi no dia 28 de Maio de 1868, que o vapor "Araguary-serú-assú", commandado pelo capitão de fragata Balduino José Ferreira de Aguiar, iniciou no meio dos sertões bravios da America do Sul, a navegação a vapor no Alto Araguaya, acontecimento esse que se tornou notavel e foi registrado com referencias honrosissimas para o Brasil, pelos institutos scientificos e imprensa de varios paizes.

O general Couto de Magalhães, então presidente da provincia de Matto Grosso, tendo sido antes presidente do Pará e de Goyaz, conseguiu realisar dessa vez o seu plano de levar a navegação a vapor aos confins do nosso immenso territorio, adquirindo para essa trabalhosa empresa um pequeno vapor da extincta companhia de navegação do Alto Paraguay, Antonio João, nessa occasião no rio Cuyabá, isto é, na bacia do Prata, e leval-o por terra até o Araguaya, na bacia do Amazonas.

Esse vapor passou a chamar-se "Antonio João", para recordar o nome do valoroso tenente do exercito Antonio João Ribeiro, que commandava o destacamento de 16 pra-

ças encarregado de guardar o deposito de munições de guerra, na povoação de Dourados, na provincia de Matto Grosso, no começo da guerra do Paraguay, em 1865.

A data que hoje lembro com muita veneração pela memoria desses grandes servidores da Patria, foi uma consequencia da Lei de 7 de Setembro de 1867, que começou a ter vigor em 1868, facultando a todas as bandeiras, a navegação do Amazonas até as fronteiras do Brasil, do Tocantins até Cametá, do Tapajoz até Santarem, do Madeira até Borba e do Rio Negro até Manaus.

Nessa mesma occasião foi concedido igual favor para o São Francisco até á cidade de Penedo.

cisco até á cidade de Penedo. — (J. Carlos de Carvalho — A *Informação Gayana*, Rio de Janeiro).

LIVROS DE VIAGENS

A nossa bibliographia das viagens de tão encantadora leitura compõe-se quasi toda de livros estrangeiros, francezes como o incomparavel Saint-Hilaire, allemães como von Martius e von den Stein e sobretudo inglezes, narradores exemplares taes Koster, Bates, Gardner, Wallace, H. Smith, Agassiz... que visitaram o novo mundo.

N'esse ramo, a nossa actividade literaria é pelo numero quasi mesquinha; seguimos á risca aquella tradição lusitana recolhida desde João de Barros: são os portuguezes mais amigos de obrar que de escrever.

Basta recordar que as explorações magnificas de Rondon não tiveram ainda uma narrativa seguida e completa; os relatorios scientificos, as monographias, são profundos e excellentes mas não ha um roteiro ou diario legivel dos trabalhos e das viagens.

Apenas ficam dois e por signal admiraveis fragmentos: a "Rondonia" de Roquette Pinto que nos diz uma grande parte da epopéa, e a narrativa de Roosevelt, a descoberta do Rio da Duvida, em "A hunter-naturalist in the brazilian Wilderness".

No momento em que escrevo, commemoram a festa hoje universal do "14 de Julho", que foi nossa, antes de o ser dos alliados; e, isto me recorda o espanto de Roosevelt pela denominação de "12 de Outubro" dada pelo general Rondon a um pequeno rio do Oeste; Roosevelt confessa que elle e os americanos em geral ignoram essa data que é a do descobrimento da America.

— "I had never before known what day it was!"

As viagens de Koster são um manancial de anecdotas curiosas, de coaretadas do "pessoal" pernostico do norte e das tradições e superstições nacionaes.

As de Gardner, o botanico do tempo da regencia, não são menos interessantes. N'ellas é que se encontra colhido pelo viajante escossez o ensalmo em latim indecifravel, contra a mordedura de cobras:

SATOR
AREPO
TENET
OPERA
ROTAS

Os portuguezes não conhecem essa fórmula de esconjuro que se póde ler nos dois sentidos, vertical e horizontal; é, pois, falsa a asserção do professor Leite de Vasconcellos de que foi achada em Pernambuco.

A fórmula é conhecida de austriacos, tyrolezes e suissos e foi estudada por R. Koehler. E' certo que o viajante inglez achou-a tambem no Brasil, não no norte, mas em Nova-Friburgo, já então colonia d'aquellas raças germanicas.

D'essas pequenas historietas e curiosidades estão cheios os livros de viagens. Lembra-me agora, no de Bates ("On the river Amazon") que o grande naturalista emprestára o chapéu, o casaco e os oculos a um

individuo que queria fingir de sabio inglez n'uma mascarada.

Na de Wallace, um dos fundadores do darwinismo ("Travels") recordo-me do conto do tapir que não se póde contar...

Na de Koster, que tão larga vida passou no Brasil, adiando a tuberculose que o matava, recordo agora a pabulagem e philaucia de um mulato que enriquecera e de quem lhe disseram:

— Foi mulato, mas agora é branco.

Ou a facecia do sachristão que assistia aos ultimos momentos de um moribundo, proferindo, segundo o uso e a fórmula piedosa dos enfermeiros, a palavra "Jesus!". Demorando a agonia, não se conteve o sachristão que não dissesse:

— Filho! deixe de bobagens! diga Jesus e morra logo.

Todos esses farrapos de memoria me ficam de uma collecção de livros de viagens que se dispersou...

Poderia refazel-a, se não visse proximo o fim, e superflua essa vaidade.

Como quer que seja, os livros de viagens são sempre agradaveis. Desde Marco Polo e Fernão Mendes que teem um logar distincto em todas as literaturas.

E apraz-me vêr que as "Viagens" de Annibal Amorim marcam um momento da geographia e da historia brasileira e hão de figurar como precioso numero nas estantes das nossas bibliothecas. (João Ribeiro — *O Imparcial*, Rio, 15 de Julho).

A LAVOURA CAFEEIRA DO FUTURO

Porque razão os nossos cafeeiros envelhecem muito mais depressa do que a terra? Porque razão se fórma tão intempestivamente essa malfadada saia, que suga aladroadamente toda a seiva da planta e assim prejudica insaciavel a bolsa do fazendeiro? Qual o principal agente que embaraça a circulação da seiva? Que fim levou o "rubidio" da velha chimica? Será o envelhecimento precoce do cafeeiro devido a algum sal, que exista na terra em demasia, ou pelo contrario á falta de algum elemento mineral? Não poderemos por meio de uma alimentação mais racional, mais scientifica, robustecer bastante o cafeeiro de modo a augmentar sufficientemente a sua capacidade de resistencia contra as geadas?

E' preciso absolutamente que a nossa chimica agricola faça da resposta a estas interrogações uma questão de ponto de honra; não é possivel adiar por mais tempo a solução do problema; é do mais palpitante interesse apertar mais a questão, hoje que uma pavorosa calamidade veiu inopinadamente ameaçar de extinção a nossa grande e promissora fonte de riqueza.

Está entrando pelos olhos a analogia entre o envelhecimento do cafeeiro e nosso proprio envelhecimento. Tão sómente, ao passo que conhecemos, hoje, perfeitamente o mecanismo da formação da arteriosclerose, principal motivo da velhice, não nos achamos de todo em estado de pôr em dia os detalhes do processo, que conduz o cafeeiro ao envelhecimento. Sabemos, entretanto, positivamente que os cafezaes em certas terras duram muito mais tempo do que em outras; sabemos que nas terras massapé essa duração é muito mais consideravel do que nas terras roxas. Em Campinas vêm-se ainda hoje restos dos cafezaes primitivos, com mais de 80 annos, ostentando galhardamente soffrivel producção. Ha vinte annos, vi na fazenda do Barão Geraldo de Rezende, não longe da casa, em uma bacia de terra fresca, pés de café com seis, oito e dez metros de altura conservando perfeitamente a fórma cylindrica, sem o minimo aspecto dessa desgraciosa saia reveladora de velhice; e, entretanto, esses cafeeiros achavam-se com mais de 40 annos de edade.

E' sabido que nas baixadas, onde se accumulam as terras humiferas arrastadas dos morros pelas chuvas,

O LARGO DA SE' EM 1860
(desenho de Wasth Rodrigues)

A RUA 15 DE NOVEMBRO EM 1860
(desenho de Wasth Rodrigues)

conservam-se alguns cafeeiros em pleno brilho de vegetação e de producção, quando em roda delles reina a desolação, tendo de longa data desapparecido todos os companheiros dos altos. Evidentemente, esse facto significa que, mesmo sem addição de esterco, algumas terras conservam a sua antiga fertilidade, isto é, a riqueza bastante em saes fertilisantes para impedir o embaraço da circulação da seiva e evitar a obstrucção dos espaços intercellulares, em virtude da qual o cafeeiro não póde mais receber o liquido nutritivo senão de meio pé para baixo. A densa, emmaranhada, inextricavel brotação do meio pé para baixo, que constitue a saia, e á qual dão os roceiros o nome de "sarrapilheira", é signal seguro da obstrucção dos canaes circulatorios da seiva do meio pé para cima.

Do mesmo modo que no homem a cirrose do figado, embaraçando a circulação hepatica, accarreta fatalmente a hydropesia e a inchação das pernas, póde o deposito de saes calcareos entupir todos os canalículos dos espaços intercellulares e assim supprimir toda a força ascensional da seiva de modo a não permittir ao cafeeiro ter vida vegetativa senão de meio pé para baixo.

Sabemos afinal pela experiencia de Ceylão que um cafeeiro cuidadosamente tratado, bem adubado, póde viver 120 annos, produzindo ininterruptamente.

Precisamos de uma analyse chimica completa não só da terra como tambem das raizes, do tronco, dos galhos maduros, dos galhos herbaceos e das folhas do cafeeiro. Precisamos além disso de uma analyse microscopica exhaustiva dos tecidos, de modo a ficarmos sabendo se se dá ou não a invasão de saes calcareos ou outros na parede das cellulas.

Excellentes serviços já tem prestado o illustre director do Instituto Agronomico de Campinas no sentido de rejuvenescer os cafezaes velhos, e todos os seus prolongados trabalhos a respeito só merecem os mais quentes applausos. O que agora eu aqui lhe peço é que d'ora em diante cuide indefessamente não de prolongar a vida dos velhos confessos, mas, sim, de impedir o envelhecimento dos moços.

Na triste situação em que hoje nos achamos, obrigados a recomeçar a vida na lavoura de café, não podemos um só instante perder de vista a necessidade da selecção. Cada fazendeiro deve percorrer cuidadosamente os cafezaes attingidos pela geada de 24 para 25 e de 25 para 26 de Junho ultimo e verificar se dentro dos milhões de pés sacrificados não existe algum menos prejudicado e ostentando ainda frutos maduros com as sementes intactas. Essas sementes devem ser religiosamente colhidas e reservadas para um canteiro especial, que será o ponto de partida da applicação do methodo Grimm. Quando não queiram, por falta de tempo ou de paciencia, encarregar-se de conduzir pessoalmente a longa pesquisa cultural, queiram ao menos prestar á nossa lavoura cafeeira do futuro o obsequio de colher essas sementes casualmente seleccionadas para confial-as ao Instituto Agronomico de Campinas e á Escola Agricola Luiz de Queiroz, de Piracicaba, que saberão dar-lhes o condigno acolhimento. A grande vantagem dos estabelecimentos scientificos do Estado baseia-se no facto de ahi não se fazer questão de tempo nem de despesas. A terrivel "Ars longa, Vita brevis" do pae Hippocrates não sôa a todo o momento aos ouvidos nem detem o braço dos experimentadores. A discussão sobre o papel e o valor do azoto na agronomia durou um pouco mais de 40 annos; e, sem o recurso dos estabelecimentos technicos officiaes da França e da Allemanha, nem Boussingault nem George Wille, nem Willefahrt, nem Hellriegel teriam evidentemente podido liquidar o momentoso problema, cuja solução dependia do advento da doutrina de Pasteur.

E' intuitivo que a par da obra nova ponho em jogo os maravilho-

sos recursos dos apparelhos electricos para a formação das nuvens de fumaça contra as geadas, bem como da applicação conscienciosa dos adubos chimicos e, sobretudo, da pratica effectiva do methodo da selecção, precisam ser mantidos e rigorosamente executados todos os salutares preceitos da velha lavoura cafeeira.

Pelo que me informam, algumas fazendas, especialmente da zona de Rio Claro, muito pouco ou quasi nada soffreram com as ultimas pavorosas geadas; e, indagando de mais perto, soube que os cafezaes, já de certa edade, dessas fazendas, foram todos muito bem tratados durante todo o anno, conservados perfeitamente limpos, não sendo absolutamente permittido aos colonos plantar nelles nem milho, nem feijão, nem sobretudo mamona ou algodão. Por outro lado, sei que em Ribeirão Preto os fazendeiros em geral, receiando o exodo dos colonos para as lavouras novas da zona da noroeste, têm relaxado deploravelmente o rigor quanto ao plantio de mantimentos nos cafezaes.

Ora, na nossa velha lavoura cafeeira dominava como preceito classico: que a primeira das garantias contra as geadas é a enxada. Os nossos lavradores sabiam que o cafezal no mato era um grande perigo; era para elles regra comesinha que toda a luz do sol é pouca para o cafeeiro; e, sem conhecer a funcção chimica da chlorophylla ou da materia verde das folhas, sabiam que a luz do sol é a potente dentadura com que as folhas mordem o gaz acido carbonico da atmosphera para recolherem o carbono, seu supremo alimento; e expellirem o oxygenio indispensavel á respiração dos animaes. Os lavradores de hoje parecem ter esquecido que os ramos novos do cafeeiro precisam de desenvolvimento, isto é, de um certo gráu de rijeza ou de consistencia lenhosa, afim de melhor resistirem aos effeitos de uma congelação da possivel seiva. Luz! luz! mais luz! era o moto da nossa antiga escola.

Temos, hoje, o beneficio do telegrapho, que nos annuncia de Buenos Aires, com antecedencia de 48 horas, a superveniencia possivel de uma grande geada. O aviso permitte-nos preparar descansadamente as nossas baterias de bombas e obuzes de fumaça para garantirmos a perfeita conservação das nossas enriquecedoras lavouras. Mas, toda a nossa obra nova será imperfeita, se não continuarmos a conceder liberalmente aos nossos cafezaes os abundantes e beneficos jorros de luz, que de bom grado lhes offereciamos outróra por toda a parte. (Dr. L. P. Barretto — *O Estado de S. Paulo*, S. Paulo).

NOTAS

Publicamos neste numero dois desenhos de J. Wasth Rodrigues. Pertencem a uma série que o distincto artista está reunindo, já ha algum tempo, sobre S. Paulo antigo, e que será brevemente exposta ao publico. Recorrendo a velhas photographias, Wasth Rodrigues reproduz assim, a bico de penna e a aquarella, numerosos aspectos interessantissimos da nossa capital ha cerca de cincoenta annos.

Por esses trabalhos, que constituem uma novidade digna de todo o applauso, poderemos avaliar bem quanto, em poucos annos, se transformou a nossa cidade.

No proximo numero reproduziremos outros desenhos de Wasth Rodrigues, tambem sobre S. Paulo antigo.

*

A gravura "Os Emigrantes" que, neste numero offerecemos aos leitores, é a reproducção de um desenho feito por Antonio Rocco especialmente para a "Revista do Brasil", "d'aprés" o seu bello quadro a oleo, exposto ao publico de S. Paulo.

✳

Annuncia-se para Novembro, no Rio de Janeiro, a abertura do salão dos humoristas brasileiros do corrente anno.

A commissão organisadora compõe-se dos caricaturistas Raul, Calixto, Romano, Nemezio e Berruti (argentino), sendo secretario geral o sr. B. Vianna Junior.

Foi escolhido o dia 20 de Novembro para a abertura da exposição, marcando-se o prazo de primeiro de Outubro a 31, para o recebimento dos trabalhos. Os expositores pagarão dez mil réis pela inscripção de quinze trabalhos e mais cinco mil réis pelo que exceder desse numero.

A exposição realisar-se-á no salão do Lyceu de Artes e Officios, no Rio de Janeiro.

✳

Outra exposição a se abrir dentro de poucos dias: a Exposição Nacional de Bellas Artes, o nosso "Salão" annual. Como nos outros annos, o "Salão" abrir-se-á no dia 12 de Agosto, data anniversaria da fundação do curso de Bellas Artes em nosso paiz.

✳

Foi recentemente eleito para a Academia Brasileira o sr. Helio Lobo, que temos o prazer de contar entre os nossos collaboradores. O novo academico entra para o seio dos "immortaes" com uma consideravel bagagem de trabalhos historicos e diplomaticos, em que se especialisou. Ainda ha pouco realisou uma viagem á Argentina e ao Uruguay, onde fez varias conferencias sobre historia sul-americana, com o habitual successo.

✳

O proximo numero da "Revista do Brasil", a apparecer em Agosto, será inteiramente consagrado ao relevantissimo problema do saneamento e hygiene do nosso paiz.

O fasciculo, com cerca de duzentas paginas e numerosas illustrações, constituirá um verdadeiro tratado sobre o assumpto, estudado sob todas as suas faces pelas pennas mais autorisadas: Afranio Peixoto, professor de hygiene na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; Carlos Chagas, director do Instituto "Oswaldo Cruz" de Manguinhos; Arthur Neiva, director do Serviço Sanitario de S. Paulo; Miguel Calmon, vice-presidente da Sociedade Nacional de Agricultura; Belisario Penna, do Instituto "Oswaldo Cruz"; Salles Gomes, do Instituto do Butantan, de S. Paulo; Victor da Silva Freire, chefe das obras publicas da capital de S. Paulo, etc.

Consagrando um numero especial á questão do saneamento e hygiene do nosso paiz, a "Revista do Brasil" julga prestar um serviço não só aos seus leitores como a todos os brasileiros, que assim terão, em duas centenas de paginas, todos os aspectos e soluções do gravissimo problema que a todos deve interessar e inquietar.

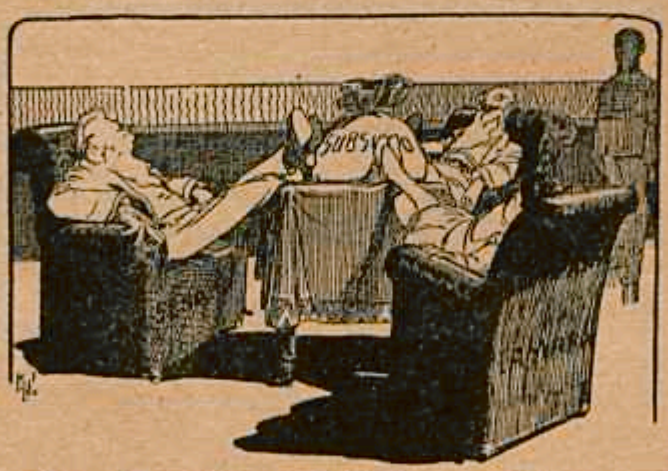
AS CARICATURAS DO MEZ

O COMMISSARIADO

Ha crise de papel?

O continuo — "Seu dotô"; "tá hi" um moço com uma carta.

(J. Carlos — "Careta", Rio).



— Ahi está um cidadão que diz chamar-se **Zé** e pergunta que numero é aqui.

— Pergunte a esse idiota se elle não sabe que as repartições do governo "nunca têm **numero**".

(Kalixto — "D. Quixote", Rio).

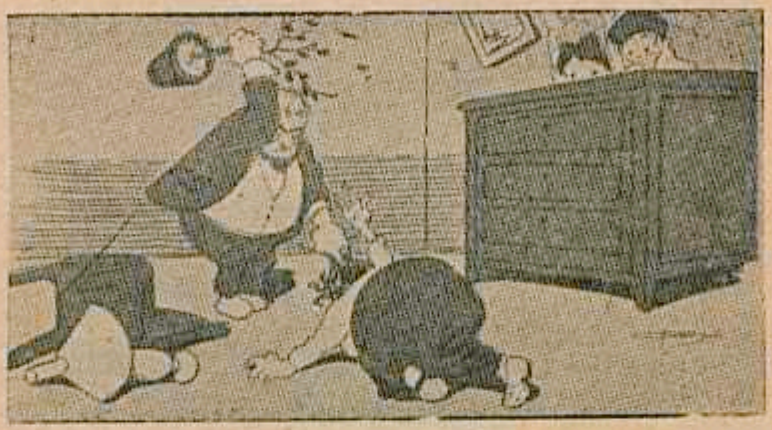
Bulhões — O sr. tem attestados de habilitação?
Candidato — Tenho, sr. dr. — um appetite devorador!

(J. Carlos — "Careta", Rio).

O russo — Eu duvido que elles descubram quem foi.

(J. Carlos — "Careta", Rio).

AJUSTE DE CONTAS



— Serafim! Serafim! você mata a roseira!

(J. Carlos — "Careta", Rio).

O allemão — Nós agora, adoptamos os tiros com gazes de mostarda.
Tio Sam — Eu gosto disso... Quando a mostarda me chega ao nariz...

(J. Carlos — "Careta", Rio).

Joaillerie — Horlogerie — Bijouterie

Maison d'importation

Bento Loeb

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfévrerie — Argent, Bronzes et Marbres d'Art — Sérvices en Métal blanc inaltérable

Maison à Paris . 30, Rue Drouot, 30

Casa de Saude

EXCLUSIVAMENTE PARA DOENTES DE MOLESTIAS NERVOSAS E MENTAES

Dr. HOMEM de MELLO & C.

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA.
Director do Hospicio de Juquery

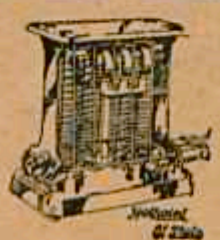
Medico interno — Dr. TH. DE ALVARENGA
Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director
Dr. C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro ALTO DAS PERDIZES em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo
Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12 **SÃO PAULO** Telephone, 560



A' ILLUMINADORA

RUA DA BOA VISTA, 47

ENCARREGA-SE DE QUALQUER SERVIÇO DE ELECTRICIDADE.
MATERIAL ELECTRICO EM GERAL
LAMPADAS, PILHAS, FIOS, ETC.,

CIA. DO SUL E CASA PAULISTA
Avenida Rangel Pestana, 287 — Telephone, 6-Braz
Filial, R. Bar. de Itapetininga, 14-A — Tel. 3046-Central
Irmãos Teperman & Gandelhman
Vendem-se moveis
e muitos outros artigos a dinheiro e em prestações - Peçam Catalogos

REVISTA DO BRASIL SUMMARIO DO N. 30

V. da Silva Freire: **Os adversarios do café.** — Medeiros e Albuquerque: **Terra de Santa Cruz.** — Godofredo Telles: **Poesia** — José Maria Bello: **A philosophia de W. James.** — A. E. Taunay: **Um album de Elisa Lynch.** — Godofredo Rangel: **Meu parente** (conto). — Mario Sette: **Clarinha das rendas** (novella). — Roquette Pinto: **Notas de Sciencia.** — **Do Archivo de José de Alencar** (Cartas do Marquez de Abrantes, de Fernandes da Cunha, José Amaral, Paranaguá, Itaúna, A. H. Leal e Julio Ribeiro). — Redacção: **Bibliographia.** — Collaboradores: **Resenha do mez.**

RESENHA DO MEZ — Emilio de Menezes (Redacção) — Emilio de Menezes **(Amadeu Amaral, Antonio Torres, José Oiticica, Miguel Mello e João Luso)** — Movimento artistico. **N.** — Academia Brasileira (discursos de **Ataulpho de Paiva e Medeiros e Albuquerque)** — Historico do Museu Nacional — A hulha branca e a hulha negra no Brasil **(Gonçalves Barbosa)** — Politica nacionalista **(José Maria Bello)** — Palavras de philosophia eleitoral **(Dr. L. P. Barretto)** — A diplomacia secreta **(A. Chateaubriand)** — Os feriados no Brasil **(João do Norte)** — Os nossos escriptores mortos recentemente **(Tristão da Cunha)** — Tarzan, o homem-macaco — A funcção dos museus **(Mauricio de Medeiros)** — "Revista do Brasil" — As caricaturas do mez.

ILLUSTRAÇÕES — Emigrantes, Reflexos, Mungindo as ovelhas, Relembrando, Bem me quer, mal me quer..., Victimas das minas, Crepusculo, Costumes de aldeia, Porque retarda? — quadros de **Antonio Rocco.**

Leia com attenção, porque é possivel que o assumpto seja de seu interesse!

Entre os leitores da "Revista do Brasil", haverá sem duvida muitos lavradores e Industriaes. A estes Srs. a "Companhia Industrial MARTINS BARROS" enviará gratuitamente o seu grande jornal de informações commerciaes, agricolas e economicas — PROGREDIOR". — bastando para isso que nos remettam, no coupon abaixo, o seu nome e endereço bem claros.

Dirijam correspondencia para "Companhia Industrial MARTINS BARROS" Rua da Boa Vista, 46; Caixa Postal, 6-S. Paulo.

Queiram remetter o "PROGREDIOR"

Nome

Cidade

E. Ferro

Estado

Rev. Brasil

INDICADOR

ADVOGADOS:

DR. S. SOARES DE FARIA — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO—Travessa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. — Cirurgia — Operações — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3492, das 13,30 ás 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA—Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica **especialmente das crianças**—Res.: R. Bella Cintra, 139 Consult.: R. José Bonifacio S-A, das 15 ás 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA-Medico. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.290.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

GABRIEL MALHANO — Corretor official — Cambio e Titulos — Escriptorio: Travessa do Commercio 7. Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323—Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA—Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas, S. Paulo". Telephone 626 (Central) — Rua Alvares Penteado — S. Paulo.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emilio Rocco — Novidades em casemira ingleza. — Importação directa. — Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 3333 — Cidade — S. Paulo.

BELLI & CO.

Endereço Telegraphico: "BELLICO"
Teleph. directo entre Santos e S. Paulo

CODIGOS: Lieber, A B C 5a. Edição, Gallesi, Ribeiro, Westerm, Union, Watkin's & Appendix (21 th. Ed. Scotts' 1905)

MATRIZ: São Paulo-Rua Libero Badaró, 109 - 111
FILIAES: Rio de Janeiro-Rua da Candelaria, 69
Santos-Praça da Republica, 23
Genova-Piazza Scuole Pie, 10
New York - Brodway, 98

SECÇÃO COMMERCIAL

Encarregam-se de qualquer compra e venda na Europa e nos Estados Unidos. Recebem generos do paiz em consignação e fazem adeantamentos. Acceitam representações de industrias e casas commerciaes nacionaes.

Loteria de São Paulo

EM 13 DE AGOSTO

100:000$000

em 5 premios de 20 contos

Por 4$000

Os bilhetes estão á venda em toda a parte

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de **4.500.000** francos

FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega

S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas LIDGERWOOD

Para CAFÉ **MANDIOCA**
ARROZ **MILHO**
ASSUCAR **FUBÁ, etc.**

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

---

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanisado e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanisado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

Rua de São Bento N. 29-C

SÃO PAULO

OFFICINAS DO "O ESTADO DE S. PAULO